REVISTA TRIMENSAL

DE

HISTORIA E GEOGRAPHIA,

OU

JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO.

N.º 10. — 2.º TRIMESTRE DE 1848.

O CARAMURÚ PERANTE A HISTORIA.

Dissertação apresentada ao Instituto pelo socio correspondente o Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen.

Quasi todas as nações offerecem exemplos, nos primeiros tempos da historia da sua civilisação, de contos maravilhosos que as acalentaram no berço, e depois entretiveram a fantasia de seus povos, em quanto estes não tinham de si muito que dizer. Ha n'esses contos quasi sempre um fundo verdadeiro: nem era possivel a quem tinha pouco de que historiar esquecer-se de um feito extraordinario praticado por homens mais eminentes de corpo ou de espirito, ou oriundos de gente de maior illustração, aos quaes os simplices aborigenes selvagens deviam de ter venerado como creaturas de outra especie, como deoses ou semi-deoses.

Formado assim um verdadeiro *mytho heroico*, propaga-se tomando corpo de geração em geração, e frequentes vezes se tem até fundido no nome de um só individuo os casos notaveis occorridos a differentes pessôas. O povo não está á espera de que appareçam chro-

nistas e historiadores com esta cathegoria para publicar um facto que lhe aguça a curiosidade. Depois d'elle succedido conta-o, torna-o a contar: a poesia o vai enfeitando, a imaginação enriquecendo (*), o espirito associando, e no fim de annos tem a historia sahido d'esse chaos, d'essa Babel de linguas dispersas já outra, sempre para mais pasmosa e estupenda: e tanto mais o fôr, tanto maior certeza terá de ferir a imaginação e tocar os corações, especialmente do sexo que recolhe mais intimas estas sensações, e que depois nol-as transmitte com o leite. O historiador só apparece mais tarde quando o povo se tem constituido e adiantado em civilisação, mas d'esse facto que ao povo interessou, e pela fórma que lhe interessou, já elle tem registado a historia n'um archivo muito mais popular, e não menos duradouro que os documentos escriptos em pergaminho: é o da tradição.

Quantos exemplos não podéramos citar de crenças d'estas tradicionaes, das quaes algumas, já derrubadas pela justa e severa crítica entre o pequeno numero comparativo dos que n'uma nação frequentam os livros, se conservam todavia e conservarão para sempre no vulgo, e até para mais nos corações d'esses mesmos a quem a convicção e a razão estão doutrinando em contrario? Quando as crenças se radicam uma vez, não é facil extirpar-lhe as raizes. Fazem uma religião, cujos sectarios se não achassem terra que lhes servisse de patria, prefeririam antes peregrinar errantes como os filhos de Moysés do que deixar-se exterminar pelos intolerantes descrentes da sua seita. O rei Arthur, Carlos Magno e seus doze pares, o Cid campeador e até o rei D. Sebastião vivem para a historia differentemente do que para a poesia e crença popular. Succede como na Mythologia: todos sabemos que ha n'esta uma parte historica, e outra imaginativa; aprendemos até nas escolas a distinguil-as: entretanto quando lemos um poeta classico acreditamos com igual fé assim as entidades que tiveram uma existencia historica, como as propria-

(*) Foi este pensamento que os antigos formalisaram no proverbio:

Quem conta um conto
Accrescenta um ponto.

mente fabulosas. Quem nos dá a verdadeira fé é a magia do poeta, que melhor sabe tocar-nos, vibrando-nos as cordas do sentimento.

É esta convicção em que estamos de que nenhum mal póde já a crítica desapaixonada produzir para arrefecer o enthusiasmo pela nossa epopéa brazileira, e o muito desejo de que nos possuimos de tratar um assumpto em que o Instituto mostrou empenho, quando o submetteu à concurso, que nos dá forças para entrar n'elle; o que faremos expondo primeiro o que de documentos authenticos constar, deixando á natural e singela expressão d'elles e á luz da crítica guiar o resto, e quando evidentemente seja provada a existencia do denominado Caramurú, o que até agora tem corrido entre duvidas e mal provado, procuraremos esclarecer até onde nos fôr possivel a questão especial da sua decantada viagem á França, que é o assumpto dado por programma, e constitue uma parte do todo da questão.

Desembaracemo-nos pois de quaesquer prejuizos, que nos tenham deixado as leituras dos nossos historiadores a tal respeito, em quanto os não passamos a analysar, e ponhamos tambem de parte, ainda com mais razão, as imagens e invenções do poema, e vamos desprevenidos perscrutar documentos, que serão tanto mais seguros quanto concordes e bons accusadores dos desvios por que se encaminharam aquelles outros incoherentes e anachronicos.

A noticia mais antiga que possuimos a respeito da existencia de um christão residindo só na Bahia de todos os Santos, offerece-nos na sua importante collecção (T. 5.° Doc. X) o Sr. Navarrete, na relação que publíca de Francisco d'Avila, do que passou a náo S. Gabriel da conserva de Garcia de Loaisa (de que fazem menção *Barros*, Dec. 1.ª, part. 1.ª, liv. 2.°, cap. 2.°, e *Couto*, Dec. 4ª, liv. 3.°, cap. 3.°), em quanto ainda junta com D. Rodrigo da Cunha, entrando na dita Bahia no 1.° de Julho de 1526, da qual quando sahia observa (Ibid. pag. 231) que « halló à la boca de la Bahia un « christiano que decia que habia 15 *annos* que se habia perdido alli « con una náo. »

Segue-se pela ordem chronologica a attestação do nosso donatario

Pero Lopes na dita Bahia entrado com seu irmão Martim Affonso aos 13 de Março (*) de 1531, e que se expressa d'este modo:

« N'esta Bahia achámos um homem portuguez, que havia 22 *annos* « *que estava n'esta terra;* e deu razão larga do que n'ella havia. »

Vem depois pela mencionada ordem o testemunho de Herrera (V, — 8, — 8) referindo-se ao anno de 1535: « En la Baía de los « Santos hallaron un portuguez que dixo que habia 25 *annos* que « estaba *antre los indios.* »

Eis pois tres documentos, cada um de fonte diversa, apurando o facto de que desde os tempos de 1510 até o de 1535 *estivera na Bahia entre os Indios* um christão portuguez, perdido de um naufragio. Mas note-se que nenhum dos tres escriptores usa se quer de alguma expressão, que deixe a menor dúvida de que o mencionado Europeu tivesse interrompido esses 25 annos com alguma sahida ou viagem á Europa: pelo contrario são n'este ponto bem expressos, principalmente os dous ultimos, que só fallam de estada ou persistencia na terra e entre os Indios; e de certo que se tivesse havido durante esse tempo alguma viagem para França, nenhum d'elles deixaria de o mencionar.

Por tanto já d'aqui tinhamos provas de tanta evidencia, quanta se póde exigir na historia, sem cahir no vicioso scepticismo, de que esse tal christão até ao anno de 1535 não tinha ido nem para França nem para paiz algum, mas pelo contrario viveu sempre com os Indios desde o anno de 1510, em que ahi ficára de algum naufragio, que não admira tivesse logar, quando já a costa era tão frequentada de navios no trato do páo brazil, trafico de escravos indigenas, aves e animaes do paiz (**); se bem que a respeito do modo como elle ahi

(*) Veja-se o *Diario*, &c., pag. 17.

(**) De uma d'estas viagens feita em 1511 acabamos de encontrar uma importantissima noticia circumstanciada, que dá idéa de como seriam todas as outras. É o livro em que o escrivão Duarte Fernandes assentava tudo quanto dizia respeito ao navio e se passava a bordo. Vem um pequeno roteiro de viagem até á bahia de Cabo Frio (aliás porto do Rio de Janeiro) aonde foram, o regimento que levavam, a carga que tomaram de escravos, brazil, passageiros, tuins, saguins, &c. Estamos a tirar d'elle uma copia fiel para a submetter ao prelo, com algumas elucidações.

podia ter ficado apresente o Sr. Navarrete (na nota da pag. 170 do T. 5.°) uma opinião, que não deixa de merecer toda a aceitação. Diz este sabio historiador geographo (a quem cada vez devemos mais respeito e consideração) que no archivo geral das Indias de Sevilha, entre os papeis trazidos de Simancas (Legajo 3.° dos rotulados *De relaciones y descripciones*) existe mal tratada uma relação original, feita pelo capitão general Diogo de Garcia, das derrotas e navegações que fez na segunda viagem ao Rio da Prata desde a sua sahida da Corunha em 15 de Janeiro de 1526; e n'ella menciona como na primeira viagem que fizera 15 annos antes perdêra uma caravela. Ora se elle n'essa primeira viagem tambem partiu da Galliza, poderia a tal caravela sem difficuldade ter recebido a bordo Diogo Alvares, que não só até hoje era tido como Minhoto e natural de Vianna (não sabemos com que fundamento); mas até encontrámos um documento, em que vemos que elle pelos primeiros colonos era tratado com a alcunha de *gallego*, epitheto com que os das provincias meridionaes de Portugal apodam os filhos das do norte, comprehendendo os proprios Portuenses, que se distinguem por uma pronuncia agallegada, a qual especialmente se manifesta nas trocas da articulação *b* em *v*, e vice-versa.

No Brazil como a maior força de colonos emigrantes de Portugal são os que vão do Minho, foi ampliada a accepção do vocabulo, chamando-se muitas vezes indistinctamente gallegos aos filhos do Reino. Mas o Diogo Alvares póde ser mesmo que justificasse a alcunha com a assistencia que teria tido na Galliza, se é que lá embarcára. O documento em que, como dissemos, se dá a Diogo Alvares a alcunha de gallego, é uma carta do donatario Pero do Campo Tourinho, escripta ao rei D. João III de Porto Seguro aos 28 de Julho de 1546, e existente em Lisboa no archivo da Torre do Tombo (Part. 1.ª, Maç. 78, Doc. 45 do Corp. Chron.), a qual revela mais algumas circumstancias de que n'esta dissertação aproveitaremos.

Na integra d'esta carta, que passamos a transcrever, dispensar-nos-hemos dos escrupulos em seguir a orthographia antiga, que fazendo aquella menos intelligivel para o nosso fim, lhe não podia dar

nistas e historiadores com esta cathegoria para publicar um facto que lhe aguça a curiosidade. Depois d'elle succedido conta-o, torna-o a contar: a poesia o vai enfeitando, a imaginação enriquecendo (*), o espirito associando, e no fim de annos tem a historia sahido d'esse chaos, d'essa Babel de linguas dispersas já outra, sempre para mais pasmosa e estupenda: e tanto mais o fôr, tanto maior certeza terá de ferir a imaginação e tocar os corações, especialmente do sexo que recolhe mais intimas estas sensações, e que depois nol-as transmitte com o leite. O historiador só apparece mais tarde quando o povo se tem constituido e adiantado em civilisação, mas d'esse facto que ao povo interessou, e pela fórma que lhe interessou, já elle tem registado a historia n'um archivo muito mais popular, e não menos duradouro que os documentos escriptos em pergaminho: é o da tradição.

Quantos exemplos não podéramos citar de crenças d'estas tradicionaes, das quaes algumas, já derrubadas pela justa e severa critica entre o pequeno numero comparativo dos que n'uma nação frequentam os livros, se conservam todavia e conservaráõ para sempre no vulgo, e até para mais nos corações d'esses mesmos a quem a convicção e a razão estão doutrinando em contrario? Quando as crenças se radicam uma vez, não é facil extirpar-lhe as raizes. Fazem uma religião, cujos sectarios se não achassem terra que lhes servisse de patria, prefeririam antes peregrinar errantes como os filhos de Moysés do que deixar-se exterminar pelos intolerantes descrentes da sua seita. O rei Arthur, Carlos Magno e seus doze pares, o Cid campeador e até o rei D. Sebastião vivem para a historia differentemente do que para a poesia e crença popular. Succede como na Mythologia: todos sabemos que ha n'esta uma parte historica, e outra imaginativa; aprendemos até nas escolas a distinguil-as: entretanto quando lemos um poeta classico acreditamos com igual fé assim as entidades que tiveram uma existencia historica, como as propria-

(*) **Foi este pensamento que os antigos formalisaram no proverbio:**

Quem conta um conto
Accrescenta um ponto.

mente fabulosas. Quem nos dá a verdadeira fé é a magia do poeta, que melhor sabe tocar-nos, vibrando-nos as cordas do sentimento.

É esta convicção em que estamos de que nenhum mal póde já a crítica desapaixonada produzir para arrefecer o enthusiasmo pela nossa epopéa brazileira, e o muito desejo de que nos possuimos de tratar um assumpto em que o Instituto mostrou empenho, quando o submetteu à concurso, que nos dá forças para entrar n'elle; o que faremos expondo primeiro o que de documentos authenticos constar, deixando á natural e singela expressão d'elles e á luz da crítica guiar o resto, e quando evidentemente seja provada a existencia do denominado Caramurú, o que até agora tem corrido entre duvidas e mal provado, procuraremos esclarecer até onde nos fôr possivel a questão especial da sua decantada viagem á França, que é o assumpto dado por programma, e constitue uma parte do todo da questão.

Desembaracemo-nos pois de quaesquer prejuizos, que nos tenham deixado as leituras dos nossos historiadores a tal respeito, em quanto os não passamos a analysar, e ponhamos tambem de parte, ainda com mais razão, as imagens e invenções do poema, e vamos desprevenidos perscrutar documentos, que serão tanto mais seguros quanto concordes e bons accusadores dos desvios por que se encaminharam aquelles outros incoherentes e anachronicos.

A noticia mais antiga que possuimos a respeito da existencia de um christão residindo só na Bahia de todos os Santos, offerece-nos na sua importante collecção (T. 5.° Doc. X) o Sr. Navarrete, na relação que publíca de Francisco d'Avila, do que passou a náo S. Gabriel da conserva de Garcia de Loaisa (de que fazem menção *Barros*, Dec. 1.ª, part. 1.ª, liv. 2.°, cap. 2.°, e *Couto*, Dec. 4ª, liv. 3.°, cap. 3.°), em quanto ainda junta com D. Rodrigo da Cunha, entrando na dita Bahia no 1.° de Julho de 1526, da qual quando sahia observa (Ibid. pag. 231) que « halló à la boca de la Bahia un « christiano que decia que habia 15 *annos* que se habia perdido alli « con una náo. »

Segue-se pela ordem chronologica a attestação do nosso donatario

Pero Lopes na dita Bahia entrado com seu irmão Martim Affonso aos 13 de Março (*) de 1531, e que se expressa d'este modo:

« N'esta Bahia achámos um homem portuguez, que havia 22 *annos* « *que estava n'esta terra*; e deu razão larga do que n'ella havia. »

Vem depois pela mencionada ordem o testemunho de Herrera (V, — 8, — 8) referindo-se ao anno de 1535: « En la Baía de los « Santos hallaron un portuguez que dixo que habia 25 *annos* que « estaba *antre los indios*. »

Eis pois tres documentos, cada um de fonte diversa, apurando o facto de que desde os tempos de 1510 até o de 1535 *estivera na Bahia entre os Indios* um christão portuguez, perdido de um naufragio. Mas note-se que nenhum dos tres escriptores usa se quer de alguma expressão, que deixe a menor dúvida de que o mencionado Europeu tivesse interrompido esses 25 annos com alguma sahida ou viagem á Europa: pelo contrario são n'este ponto bem expressos, principalmente os dous ultimos, que só fallam de estada ou persistencia na terra e entre os Indios; e de certo que se tivesse havido durante esse tempo alguma viagem para França, nenhum d'elles deixaria de o mencionar.

Por tanto já d'aqui tinhamos provas de tanta evidencia, quanta se póde exigir na historia, sem cahir no vicioso scepticismo, de que esse tal christão até ao anno de 1535 não tinha ido nem para França nem para paiz algum, mas pelo contrario viveu sempre com os Indios desde o anno de 1510, em que ahi ficára de algum naufragio, que não admira tivesse logar, quando já a costa era tão frequentada de navios no trato do páo brazil, trafico de escravos indigenas, aves e animaes do paiz (**); se bem que a respeito do modo como elle ahi

(*) Veja-se o *Diario*, &c., pag. 17.

(**) De uma d'estas viagens feita em 1511 acabamos de encontrar uma importantissima noticia circumstanciada, que dá idéa de como seriam todas as outras. É o livro em que o escrivão Duarte Fernandes assentava tudo quanto dizia respeito ao navio e se passava a bordo. Vem um pequeno roteiro de viagem até á bahia de Cabo Frio (aliás porto do Rio de Janeiro) aonde foram, o regimento que levavam, a carga que tomaram de escravos, brazil, passageiros, tuins, saguins, &c. Estamos a tirar d'elle uma copia fiel para a submetter ao prelo, com algumas elucidações.

podia ter ficado apresente o Sr. Navarrete (na nota da pag. **170** do T. 5.°) uma opinião, que não deixa de merecer toda a aceitação. Diz este sabio historiador geographo (a quem cada vez devemos mais respeito e consideração) que no archivo geral das Indias de Sevilha, entre os papeis trazidos de Simancas (Legajo 3.° dos rotulados *De relaciones y descripciones*) existe mal tratada uma relação original, feita pelo capitão general Diogo de Garcia, das derrotas e navegações que fez na segunda viagem ao Rio da Prata desde a sua sahida da Corunha em 15 de Janeiro de **1526**; e n'ella menciona como na primeira viagem que fizera 15 annos antes perdêra uma caravela. Ora se elle n'essa primeira viagem tambem partiu da Galliza, poderia a tal caravela sem difficuldade ter recebido a bordo Diogo Alvares, que não só até hoje era tido como Minhoto e natural de Vianna (não sabemos com que fundamento); mas até encontrámos um documento, em que vemos que elle pelos primeiros colonos era tratado com a alcunha de *gallego*, epitheto com que os das provincias meridionaes de Portugal apodam os filhos das do norte, comprehendendo os proprios Portuenses, que se distinguem por uma pronuncia agallegada, a qual especialmente se manifesta nas trocas da articulação *b* em *v*, e vice-versa.

No Brazil como a maior força de colonos emigrantes de Portugal são os que vão do Minho, foi ampliada a accepção do vocabulo, chamando-se muitas vezes indistinctamente gallegos aos filhos do Reino. Mas o Diogo Alvares póde ser mesmo que justificasse a alcunha com a assistencia que teria tido na Galliza, se é que lá embarcára. O documento em que, como dissemos, se dá a Diogo Alvares a alcunha de gallego, é uma carta do donatario Pero do Campo Tourinho, escripta ao rei D. João III de Porto Seguro aos 28 de Julho de **1546**, e existente em Lisboa no archivo da Torre do Tombo (Part. 1.ª, Maç. 78, Doc. 45 do Corp. Chron.), a qual revela mais algumas circumstancias de que n'esta dissertação aproveitaremos.

Na integra d'esta carta, que passamos a transcrever, dispensar-nos-hemos dos escrupulos em seguir a orthographia antiga, que fazendo aquella menos intelligivel para o nosso fim, lhe não podia dar

mais authenticidade uma vez que apontamos onde se póde ver o authographo.

Diz assim : « Senhor. A Bahia, capitania de Francisco Pereira
« Coutinho, se despovoou per razão do gentio d'ella lhe dar guerra
« haverá um anno, e elle se veio aqui onde ora está, sem nunca pôr
« nenhuma diligencia acêrca de a povoar; e ora sou informado por
« um Diogo Alvares, o gallego, lingua que lá era morador (que
« d'aqui foi em um caravelão á dita Bahia), que se fôra d'ahi uma
« náo de França havia dous ou tres dias, os quaes fizeram amizade
« com os Brazis, e levou toda a artilheria e fazenda que ahi ficou, e
« concertaram com os Brazis de tornarem d'ahi com quatro ou cinco
« náos armadas, e muita gente a povoar a terra por causa do brazil
« e algodões que n'ella ha, e reedificarem as fazendas e engenhos
« que eram feitos, e por o tal não ser serviço de Deus, nem proveito
« de V. A., antes destruição de todo o Brazil, eu mandei ao dito
« Francisco Pereira da parte de V. A. logo se embarcar para esse
« Reino, e fazel-o saber a V. A.; e por não ir o faço saber a V. A., e
« lhe mando um instrumento d'isso para com brevidade prover como
« fôr seu serviço.

« E para guarda e conservação do brazil e de toda esta costa fiz já
« Manoel Ribeiro portador capitão do mar, por ser pessôa apta e
« para o tal habil e pertencente, e para o serviço e cousas que cum-
« prem a V. A. muito diligente.

« Beijarei as mãos de V. A. por ser cousa que tanto cumpre a seu
« serviço provel-o de artilheria, polvora, de munição de guerra, que
« para o tal serviço é muito necessario; porque ainda agora ao pre-
« sente se mostra tão pobre que não podemos fazer nada sem ter
« favor nem ajuda sua : e tanto que os engenhos se acabarem, espero
« em Deus aqui um novo reino, e muita renda em breve tempo.
« As mais novas d'esta terra por o portador será V. A. na verdade
« informado por ser para isso. — D'este Porto Seguro, onde fico bei-
« jando suas reaes mãos. Hoje 28 dias de Julho de 1546. — *Pero*
« *do Campo Tourinho.* »

Deixando pois de parte a questão de como iria ter á Bahia o seu pri-

meiro povoador europeu « por data dos senhores da terra naturaes e direito das gentes (*) », como celebremente se expressa o padre Simão de Vasconcellos, é certo que d'esta carta de Tourinho se vê que fôra em 1545 que Francisco Pereira Coutinho donatario da Bahia « por data d'el-rei e direito real » abandonou na mesma o logar fortificado que ahi tinha, e o qual depois se chamou Villa Velha. Ora, segundo Gabriel Soares (Part. 1.ª, cap. 28) o mesmo Pereira habitára este logar com os mais colonos por tempo de sete ou oito annos consecutivos: por esta conta vem o mesmo donatario a ter dado principio á sua colonia, indo a ella pelos annos de 1538 ou 1537, época esta cuja fixação nos interessava muito, porque não é crivel que o colono europeu e christão, que por tanto tempo morára sósinho entre Indios cannibaes, houvesse de sahir da terra justamente na occasião da chegada dos seus patricios, que lhe vinham offerecer soccorros, mercês espirituaes e corporaes, e que muito dependiam como dependeram das suas informações e auxilios, e com os quaes se pôz em tanta harmonia. Repugna á razão que o serviçal acolhedor dos outros Portuguezes viesse a metter-se em um navio francez, considerado corsario, pois só de tal maneira poderia n'elle entrar impunemente, só para voltar á Europa, quando já a terra era mais frequentada de navios da sua nação, e que elle devia preferir poder ver antes a sua terra natal, os seus parentes, e o seu rei, do que outro paiz onde nunca estivera, e cuja lingua devia ignorar.

(*) Esta mui buscada doação dos senhores da terra, inventada talvez para justificar no direito das gentes a posse dos reis de Portugal á Bahia, engenhando em fórma juridica (nem que os Indios podessem ter de taes dotes a minima noção) uma data de terras por dote de casamento analogo ao que os escriptores portuguezes queriam ter á legitimidade da soberania do seu reino pelo dote que querem que existisse do Condado Portugalense á sua primeira rainha, não passa de puro improviso; o que juntamente ao apparecimento do appellido *Corrêa* (do qual se tratará em uma nota adiante) no epitaphio de lettra aliás moderna, que existe na Bahia consagrado pelos Benedictinos á memoria da sua bemfeitora mulher de Diogo Alvares, e a visinhança aos grosseiros quadros da maravilhosa historia do heróe (os quaes o Sr. Ferdinand Denis que os viu (*Brésil*, pag. 38) assevera que não devem remontar ao principio do seculo passado), nos faz crer que tudo isso foi arranjado depois do apparecimento da historia do nosso Pitta.

Tambem se manifesta da carta transcripta acima que Diogo Alvares sahíra da Bahia para Porto Seguro, d'onde como bom lingua e bem aparentado n'aquella terra voltou novamente a ella em um caravelão enviado, ao que parece, para sondar novidades.

Tambem na mesma carta se descobre a repugnancia que encontrava Francisco Pereira de voltar á Bahia, nem que o coração lhe presagiasse seu desastroso fim. « Tão esforçado cavalleiro, que não haviam podido render os Rumes e Malabares na India », como se expressa o estimavel Soares (*), sentia quebrantar-se-lhe o animo com a idéa de se ver em combate com anthropophagos, ameaçado de não ter seu corpo sepultura em terra senão nas fauces de homens feras; e nem as

(*) Apezar das suas expressões o inculcarem por um heróe muito conhecido na historia da India, e ainda mais as com que começa o cap. 28 « quem quizer saber quem foi Francisco Pereira Coutinho veja os livros da India, e sabel-o-ha, e verá seu grande valor e serviços feitos, &c.; é certo que por Castanheda, Gaspar Corrêa, Góes, Barros e Couto não será facil alcançar a identidade da pessôa entre um dos dous Franciscos Pereiras que figuraram na historia da India: nenhum d'elles com revelantissimos serviços nem conhecido pelo cognome de Coutinho, mas só pelo de Pestana e Berredo, sem fallar em Francisco de Souza Pereira e Francisco de Mello Pereira. Que o donatario da Bahia servíra na India não padece a minima duvida, que n'isso são todos concordes, assim como que era nobre. Mas se não é facil esclarecer-nos pelos impressos, talvez que o caso se individue melhor com alguns documentos ineditos. No arm. 25, maç. unico do interior da casa da Corôa no Real Arch. da Torre do Tombo de Lisboa, ha duas cartas autographas a el-rei D. João III (Doc. 113 e 115) de um Francisco Pereira, pedindo recompensa de serviços, e n'ellas diz ser filho de Gaspar Gonçalo Pereira, irmão segundo de Diogo Pereira, bisneto de Martim Affonso de Miranda. Fôra á India na frota de Jorge d'Aguiar, servíra com Duarte de Lemos, perdêra-se em Socotorá, tivera cinco mezes a alcadaria de Cananor, d'onde viera a Cochim, &c., &c. Da carta do feitor Francisco de Carvalhaes (arm. 25, maç. unico n. 432) consta que Francisco Pereira, moço fidalgo, ia n'aquella sua náo, que se demorou no Brazil, esteve em risco de dar á costa no rio de Quiloa, foram a Melinde, &c. Do Corp. Chron. Part. 2.ª, Ms. 25, Doc. 43, consta que Francisco Pereira, fidalgo da casa, em 10 de Fevereiro de 1511 estava em Quiloa. Este é provavelmente o nosso donatario, que parece o denominado Pestana pelos historiadores da Asia.

instancias, nem as ameaças de Pero do Campo seu par, o faziam sahir da capitania dos Ilhéos, onde dava graças a Deus de ter chegado com vida. Instava Pero do Campo que fosse para o Reino; mas naturalmente levado do capricho recusou, e animou-se de resolução para voltar de novo á sua capitania, convidado tambem para isso, segundo Soares, pelo proprio gentio, a titulo de que para o resgate viam agora como lhe interessava ter taes visinhos. Resolveu-se pois a embarcar em companhia de Diogo Alvares, e ao entrar na Bahia teve a desgraça de dar á costa sobre os baixos da ilha de Taparica; e tendo conseguido escapar á furia dos mares, indo para terra não escapou á dos desleaes Tupinambazes, que o assassinaram e a outros mais do caravelão, « do « que escapou Diogo Alvares *com os seus com boa linguagem* » segundo o mesmo Gabriel Soares (Part. 1.ª, cap. 28), que accrescenta n'outro logar (Part. 2.ª, cap. 2.º) como depois d'este naufragio celebrára o mesmo Diogo Alvares contracto com o gentio, para ir de novo habitar o sitio em que vivia « onde se fortificou e recolheu com » cinco genros que tinha, e outros homens que o acompanharam, os » quaes *ora com armas, ora com boas razões*, se foram defendendo » e sustentando. »

Este modo de expressar de um auctor tão digno de conceito, e o successo em si, dão-nos desconfianças de que é a esta occasião, e não á sua primeira chegada á Bahia em 1510, que se refere a acção heroicamente cantada, que o immortalisou sob o nome de Caramurú, e que até o poeta Durão suppõe ter sido *feita quasi no meado do seculo XVI*. O certo é que este nome *Caramurú* (*) só d'aqui em

(*) *Caramurú* é no Brazil uma especie de moreia grande, de dez e mais palmos de comprido, cuja mordedura é perigosa (**) a ponto de fazer apo-

(**) « Chamam os Indios ás moreias *caramurú*, das quaes ha muitas, mui grandes e muito pinta» das, como as de Hespanha, as quaes mordem muito, e tem muitas espinhas, e são muito gordas e » saborosas; não as ha senão junto das pedras, onde as tomam ás mãos. » (Gabriel Soares P. 2.ª, cap. 132.

« Il y a le *Caramourou* assez semblable à l'Anguille, long d'une brasse et demie et gros à propor» tion; il se trouve aussi ordinairement sous les rochers; il est fort bon, mais sa morsure est bien » dangereuse. » (*Histoire de la mission des Pères Capucins en l'Isle de Maragnan*, &c., par Claude d'Abbeville, Paris, 1614, fol. 246.)

« Estes peixes (*caramurú*) são como as moreias de Portugal, de comprimento de dez e quinze

diante começa a apparecer, e nada obsta a poder-se asseverar que elle só então praticaria o facto do tiro da arma de fogo, que espantou e impoz tanto terror aos indigenas. Nem se nos opponha que já então o estampido d'aquella não lhes podia fazer muita novidade, por se deverem ter a elle familiarisado nos sete ou oito annos que ahi estivera Francisco Pereira Coutinho; visto que o caso se podia ter passado com outras hordas recem-chegadas do sertão, onde andavam tão nómadas como ainda hoje em alguns districtos em que vivem no estado selvagem. Muito mais tarde diz Vasconcellos (Chron. n. 52) que os Indios se haviam retirado « parte com o *espanto das armas de fogo (que elles admiram)*, parte com razoes efficazes de eloquentes linguas, &c.

Não menos sabido é que o triste fim de Francisco Pereira tendo feito devolver á corôa a sua capitania, D. João III talvez instruido por informações vocaes do tal capitão do mar Manoel Ribeiro, recommendado por Tourinho, resolveu tomar a si a colonisação da Bahia, enviando-lhe Thomé de Souza, com os primeiros Jesuitas que passaram ao Brasil em a frota que lá chegou em Março de 1549, e achou (segundo o citado Soares) ao Caramurú com os seus companheiros, que ahi se tinham sustentado contra os Indios. E no mez logo immediato ao d'esta chegada escrevia Manoel da Nobrega, principal d'aquelles padres (a quem denominaram o *gago* por de-

drecer e gangrenar as mãos e pernas dos que d'ella são mordidos. É mais natural que Diogo ou os Indios fundados n'esta circumstancia se lembrassem de applicar o mesmo nome a outro offensor igualmente terrivel e oriundo tambem do mar. Tal appellido está muito no genio da lingua guaraní ou geral, quanto ao modo de dar os nomes proprios. E sendo assim, para que irmos nos enredar em outras explicações e etymologias remotas e nada plausiveis?... Rocha Pitta chegou a traduzir a palavra com o significado — *Dragão que sahe do mar.*

» palmos, são muito gordos, e assados sabem a leitão: estes tem estranha dentadura, e ha muitos
» homens aleijados de suas mordeduras, de lhe apodrecerem as mãos ou pernas onde foram mordidos:
» tem por todo o corpo muitos espinhos: dizem os naturaes que tem ajuntamento com as cobras
» porque os acham muitas vezes com ellas enroscadas, e nas praias esperando as ditas moreas. »

(MS. Jesuitico antigo da *Bib. de Evora*, fol. 27.)

feito que tinha na falla), uma carta que com outras existe por copia n'um importantissimo livro d'ellas existente na Bibliotheca nacional do Rio de Janeiro. Escreve Nobrega para o Reino que contava aprender a lingua indigena.... « com um homem que n'esta terra » (Bahia) se criou de moço, ho qual agora anda muy ocupado em ho » que ho governador lhe manda, e não está aqui. Este homem com » hum seu genro he ho que mais confirma as pazes com esta gente, » por serem elles seus amigos antigos. Tambem achamos hum prin- » cipal delles já christão baptizado, &c.

Similhantemente se confirma em outra carta, que está impressa na collecção que se publicou (sem declarar-se o logar da impressão, mas provavelmente em Coimbra) no anno de 1551 (*), na qual se lê a fol. 11 v.

« *En esta capitania hallè un hõbre de buenas partes antigo en la tierra, y tenia dõde escrevir la lengua de los Indios, que fue pera mi grande consolacion.* »

Em quanto não produzimos adiante mais um documento da mesma origem para tirar, com a designação expressa do seu nome, de todo os escrupulos ácêrca da duvida de identidade do nosso heróe no homem a quem alludem os dous trechos acima, não passaremos sem fazer já os necessarios commentos ao primeiro d'elles. Em primeiro logar aquellas muitas occupações referidas por Nobrega são comprovadas pelo testemunho do tantas vezes citado Soares, que diz (Part. 2.ª, cap. 2.º), que por mandado de Thomé de Souza o mesmo « Diogo » Alvares quietou o gentio e o fez dar obediencia ao governador, e » offerecer-se ao servir, o qual gentio em seu tempo (de Alvares) » viveu muito quieto e recolhido, andando ordinariamente traba-

(*) Eis fielmente o titulo d'esta collecção: *Copia de unas cartas embiadas del Brazil, por el padre Nobrega de la companhia de Jesus: y otros padres que estan debaxo de su obediencia: al padre, mestre Simon preposito de la dicha compania en Portugal: y a los padres y hermanos de Jezus de Coimbra. Tresladadas de Portuguez en Castelhano. Recebidas el ano de M. D. LI.* (gothico). Ha d'ellas um exemplar na Bib. Pub. de Lisboa (B—10—30).

» lhando na fortificação da cidade a troco do resgate que por isso
» lhe davam. »

Em segundo logar o fallar-se em *um genro* indica que já em **1549** o Caramurú tinha pelo menos uma filha casada, por tanto maior dos treze annos, o que faz remontar a união a **1535**, época em que o diario por que se guiou Herrera nada accusa de haverem os seus pais abandonado a terra. Dos genros do Caramurú temos os nomes de Affonso Rodrigues, natural de Obidos, marido de Magdalena Alvares, Paulo Dias Adorno, dito de Filippa Alvares (Jaboatão, Chron., cap. 7, pag. 14), e de João de Figueiredo Mascaranhas, dito de Apollonia Alvares (*Mem. da Bahia*, do Sr. Accioli, T. 3.º, pag. 205).

Em ultimo logar registemos na lembrança o fim do periodo acima para ficarmos sabendo que já antes da chegada de Thomé de Souza tinha havido na Bahia gente da terra baptizada, e por tanto quem baptizasse.

Recapitulando quanto havemos desenvolvido tiraremos em resumida conclusão :

1.º Que Diogo Alvares, domiciliado na Bahia desde os annos de **1510**, ahi residíra entre os Indios consecutivamente até **1535**.

2.º Que desde **1538**, em que ao mais tarde chegou á Bahia a colonia do seu donatario, repugna igualmente que elle desamparasse os seus patricios, que lhe tinham vindo trazer sociabilidade, e tão dependentes estavam do seu auxilio e conhecimento da lingua e da terra.

3.º Que tal repugnancia augmenta a converter-se em evidente, impossivel a contar do anno de **1546** em diante, quando o vemos figurar como mensageiro de Pero do Campo á Bahia, salvar-se ahi do naufragio em que ficou o donatario, e depois palliando « ora com armas, ora com boas razões » estar ainda incolume á chegada do governador Thomé de Souza em **1549**.

4.º Finalmente, que continuando elle d'este anno em diante a prestar aos Jesuitas os bons officios, que estes se não esquecem de memorar, succede que n'esta occasião a colonia se assentou alli por uma vez, e nenhum navio de Francezes, frequentando embora outros

portos do Brazil, se atreveu mais a affrontar o da capital do Estado, de maneira que durante os oito annos que se seguem até á sua morte, tomando-a como succedida no anno em que assevera Casal de 1557, não podia elle por fórma alguma ter-se embarcado na Bahia em um navio francez.

Por esta exclusão de partes parece vir a ficar só aos tres annos desde 1535 a 1538 a possibilidade de elle ter sahido fóra da Bahia a fim de ir á França para se casar com a India (reginula da terra?) sua amante nos paços reaes d'esse reino, tendo por padrinho e madrinha os soberanos, como se tem querido asseverar: todavia é justamente para este periodo e os annos seguintes, entrando pelos do reinado de Henrique II, que tem maior applicação um argumento, que não deixará de produzir igualmente para corroborar a negativa que já concluimos para os annos anteriores mais proximos: referimo-nos á falta total de alguma noticia ou informação, que mencione ou indique um facto, que aliás devia fazer-se notavel n'aquella côrte para excitar não só a curiosidade de algum minucioso narrador chronista francez como *Du Bellay*, mas ainda mais o ciume, rivalidade e resentimento dos agentes portuguezes então residentes em França, os quaes, desde o embaixador até ao infimo espia, estavam todos interessados em tomar nota de um facto como era já a chegada de qualquer navio francez vindo do Brazil, quanto mais do acolhimento decidido dado a um seu habitante de tantos annos, e d'essas estrondosas ceremonias de casamento e baptizado, que tão suspeitosas se lhes deviam tornar.

Correndo porém a immensidade de despachos, officios, cartas particulares, informes, e mais papeis que se escreveram de França respectivos ás minimas occurrencias que então se passavam ácêrca das negociações pendentes d'aquelle reino com Portugal, e que na melhor parte tinham por mira a sustentação da posse inauferivel do Brazil—começada a disputar por meios identicos aos que a mesma nação ainda nos ultimos tempos, contra todo o direito reconhecido por ella propria, fez com a Guyena, — é que se collige a impossibilidade da existencia de tal acontecimento, que ninguem contou; quando se

tivesse succedido, tão notorio era elle que deveria apparecer noticiado por mais de uma pessôa, e em mais de uma carta, como vemos a respeito de outros de menos importancia n'esse mesmo tempo.

D'aquelles papeis, cujas copias todas possuimos, parte terá em breve immediato cabimento n'uma segunda memoria das *Negociações diplomaticas*, e os mais d'elles ficarão reservados para sahir a publico em um tratado separado. Pela sua leitura chegámos a estar quasi diariamente presenciando tudo quanto ácêrca de objectos analogos se passava em França. E justamente no anno de 1535, o dia 1.º de Agosto foi o apresentado por Francisco I para a reunião dos dous juizes de cada parte, destinados a julgar das reclamações das duas nações, os quaes todavia só depois se poderam juntar. Por esse tempo e depois estava ordinariamente em Lyão o embaixador Ruy Fernandes: em París e depois em Bordéos vigiava zelosamente o incansavel Dr. Diogo de Gouvêa, que pelas suas muitas relações, lettras e estima n'aquella côrte, onde fôra educado, e pela posição social que lhe dava ahi a regencia de seu collegio, andava sempre muito bem informado de quanto occorria, e não era descuidado na sua correspondencia e deveres para com a sua patria. Da Rochela communicava o que havia Fernão Rodrigues Pereira, e tão minucioso costuma ser, que não occultaria um só boato que a tal respeito corresse. Pouco depois installou-se em Bayona o juizo ou commissão mixta, e não é provavel que nem os juizes commissarios nem os do seu sequito deixassem de ter d'entre tantos requerentes portuguezes algum, que contasse os apparatosos recebimentos. Ha demais no Real Archivo de Lisboa (Corp. chr. P. 3.ª, Ms. 14, Doc. 37) uma carta de um João Fernandes Lagarto (explica elle que este appellido lhe proviera de ter tido a fortuna de escapar da sanha de um tal reptil), escripta a D. João III em doze folhas, na qual lhe relata muita cousa que víra na côrte do rei de França, a quem fallára ácêrca de navegações no ultramar, mappas, terra dos Bacalháos (Terra Nova), &c., e não deixaria de dar do Brazil noticia tão curiosa, quando a tivesse presenciado ou ouvido. Taes correspondencias continuam a sustentar-se ás vezes por novos individuos durante os annos seguintes, e em

nenhuma temos até hoje encontrado uma só referencia a tal respeito. Ora todos estes argumentos negativos tem em boa crítica a força dos positivos, uma vez que não apparece um só individuo, uma só memoria escripta, que apresente em contrario uma affirmativa, que faça argumento positivo, essencial de ser combatido por outros igualmente positivos. O mesmo dizemos a respeito dos annos anteriores mais proximos, em que o silencio a respeito das particularidades em questão, que guardaram os navegantes que accusam ter encontrado na Bahia o Caramurú, é reforçado pelo das correspondencias de Jacome Monteiro, enviado á França pelo rei D. Manoel, das do mencionado Gouvêa, dos despachos do embaixador João da Silveira e de Gaspar Vaz, e das cartas de tantos outros que figuram nas primeiras questões a respeito de piratarias dos Francezes no Brazil, &c., &c.

Conservamos porém ainda de reserva um documento, que a nosso ver é mais terminante; pois que em tempos posteriores (pelos annos de 1555) se diz n'elle que havia quarenta a cincoenta annos que o Caramurú, velho honrado, andava *entre os Indios*, sem nada se mencionar de tal facto, como era natural, já pela sua notoriedade, já porque era razoavel explicasse que se devia abater n'esta conta alguns annos de estada fóra em uma viagem á Europa, &c., &c. É esse documento uma carta escripta tambem da Bahia por mandado do mesmo Nobrega, existente n'uma collecção da Bibliotheca publica de Evora, a qual teve a bondade de nos subministrar o nosso consocio o Sr. Rivara, e póde ser se ache igualmente transcripta no volume do Rio de Janeiro: diz assim o periodo que nos serve a fl. 189:

« O padre Nobrega ordenou com o bispo que fizesse Diogo « Alveres (*) (por lingua dos Indios *Caramolú)*, a ho qual tem

(*) Em nenhum escripto antigo se trata do Caramurú senão com estes dous nomes. O appellido Corrêa, que recentemente se lhe accrescentou, e que até se intercalou em algumas copias modernas, e só nas modernas da obra de Gabriel Soares, deve ter-se por espurio. Nem o proprio Vasconcellos, nem Brito Freire o souberam, e parece que foi Rocha Pitta quem o desencantou, não de algum manuscripto da sua provincia, mas provavelmente da influencia genealogica de algum consocio do nosso patricio na sua campanuda Aca-

« grande credito os Indios por auer corenta a sinquoenta ãnos que
« anda antre elles, e ser velho honrado, que andasse (*ita*) pellas aldeas
« com os padres prometendo-lhe ordenado delrej, o que ao bispo
« pareceu mujto bem e logo ho poz em obra e lhe falou, e assi se fara
« e esta concertado ir hum dia destes por todas as aldeas a pregar
« contra ha abusão que esta semeada antre elles e declarar-lhes a
« verdade e adesser (*ita*) pai dos que se converterem. »

Á vista do exposto vemo-nos obrigados a confessar que acreditando sem a minima duvida na existencia do Caramurú, que até agora pela falta do conhecimento dos documentos muitos contestavam, temos cada vez mais motivos para crer que essa viagem á França, que a seu respeito espalhou a tradição, devia ter algum fundamento. A tradição é vaga, compõe, associa, romancea, despreza a chronologia, reune ás vezes dous entes em um só, creando monstros, mas nunca inventa. Ora, convém saber-se que houve com effeito um Europeu, lingua dos Indios, que foi levado á França em uma náo d'esta nação, e que d'elle faz tambem memoria o mesmo Gabriel Soares, que é dos antigos o que nos transmittiu já mais assentadas noticias do Caramurú: diz pois aquelle benemerito escriptor no Cap. 9 da Part. 1.ª: « N'este Rio
« Grande achou Diogo Paes de Pernambuco, lingua do gentio, um
« Castelhano entre os Pitiguares, com os beiços furados como elles,
« entre os quaes andava havia muito tempo, o qual se embarcou em
« uma náo para França, porque servia de lingua aos Francezes entre
« o gentio nos seus resgates. »

Aqui está quanto a nós explicada a tal enfeitiçada viagem do Caramurú á França. Um mysterioso Castelhano arrojado, sabe Deus como e desde quando, no Rio Grande do Norte era lingua do gentio visinho, com quem os Francezes ficaram tratando ainda depois da colonisação portugueza na Bahia e outros pontos, e algum navio

demia, que lhe lembraria serem tambem *Corrêas* os *Alvares* nobres de Vianna, isto quando o Caramurú não passaria naturalmente nos seus tempos de algum miseravel grumete. Quanto á nova maneira de escrever como se segue *Caramolu*, não fará ella novidade aos que se lembrarem que a carta era dictada por um gago.

d'estes o levou á França. A tradição com o tempo registou só o facto; lembrou-se do que succedêra a um lingua do gentio, mas esqueceu-se do nome do individuo e da data do successo, e confundiu. Eis o caso já corrente e intelligivel o erro.

Mas não deixemos escapar um argumento mais, que n'este logar nos apparece. Soares distingue bem dous individuos quando explicou que este Castelhano se fizera botocudo, o que ninguem disse nunca do Caramurú: ora se elle deu importancia e mencionou a circumstancia da ida á França d'aquelle, não a contaria tambem d'este se ella tivesse tido logar?

Passando agora a occupar-nos expressamente do assumpto do ponto que nos propomos tratar, que é o exame critico do que escreve o Bahiano Sebastião da Rocha Pitta, n.os 88 e 89 do Liv. 1.º da sua *Historia da America Portugueza*, facil será, á vista do expendido, deduzir que tudo se deve ter por fabuloso.

Quer Pitta (n.º 99) que a viagem do Caramurú á França, acompanhado da India com quem veio a casar, houvesse tido logar no tempo de Henrique II, e que este rei com a rainha sua esposa — a celebre Catharina de Medicis — fossem os padrinhos do matrimonio, e do baptismo que primeiro se devia subministrar á gentia. Ora Henrique II subiu ao throno em 1547; logo só depois d'este anno, e nunca antes, poderiam lá receber-se os dous mencionados conjuges; e como o mesmo rei falleceu (em resultado de um triste desastre) e 10 de Julho de 1559, ha só doze annos durante os quaes deviam elles ter ido á França para poder parecer menos absurda a existencia do facto, se bem que já no dito anno de 1547 tivesse Diogo Alvares vivido tanto tempo na primeira colonia do infeliz donatario, onde o mesmo sacerdote que baptizára o principal que ahi encontrou Nobrega o poderia ter casado, depois de igualmente baptizar a India sua amante, dando-lhe o mesmo nome *Catharina*, que era o da rainha mulher do rei D. João III; o que tambem não julgamos ter succedido, pois que sendo ella, como igualmente se diz, filha de um principal da terra, Nobrega teria accrescentado o seu nome quando fez a menção como cousa rara do Indio baptizado, que já lá achára na

Bahia. E tal ida do Caramurú á França já vimos acima como não podia ter logar em 1547, nem em 1548, e menos ainda desde 1549 em diante.

O resto d'esse episodio narrado por Pitta deixaremos sem analyse: os periodos que contam os acenos da terra, que percebeu e a que acudiu promptamente um navio que ia feito de véla, os esforços a nado para a India alcançar a dita náo franceza, &c., são fragmentos do colorido proprio dos typos gongoristicos do seculo passado, e do faustoso Mecenas (João V) a quem a obra de Pitta foi por elle dedicada. Nem mesmo julgamos conveniente negar-lhe credito a revista que accusa ter feito de antigos manuscriptos. Bem haja por isso; mas se queria que lhe dessemos assenso devia pelo menos accusar que casta de escriptos eram: d'outro modo temos direito (para não suppormos cousa peior) a acreditar que fossem elles notas ou borrão de algum auctor como Simão de Vasconcellos, cuja boa fé e auctoridade passamos a analysar.

Foi Vasconcellos o primeiro que em 1663, sem mais esclarecimentos escriptos do que as poucas linhas de Gabriel Soares, que já ficam acima transcriptas, ampliou de novas circumstancias o assumpto, que pouco depois em 1675 foi repetido apenas com modificações no estylo por Francisco de Brito Freire (*), e mais tarde enriquecido com as galas da invenção de Pitta, e com as extensas e interminaveis conjecturas sem provas da diffusa penna do nosso illustre Pernambucano Jaboatão. Gabriel Soares estabelecera-se no Brazil em 1570, e ainda devêra encontrar recente a historia do Caramurú, para a poder ouvir da bocca dos contemporaneos e socios d'este. Vasconcellos só escreveu um seculo depois, e por tanto ainda suppondo que elle nada creou, e apenas pôz por escripto o que ouviria, por ventura não devemos nós condemnar como pouco segura essa tradição, que já tinha de bocca em bocca atravessado tres gerações n'um povo tropical e de ardente imaginação, quando documentos em contrario nos induzam a condemnal-a? Toda essa narração de Vasconcellos foi por elle de

(*) *Nova Lusitania, Historia da Guerra Brasilica, etc.*, Livro 2.º, n.os 135—141.

tal modo escripta, que não será difficil a um espirito sagaz descobrir que o auctor não tinha a verdadeira consciencia no que escrevia, e chega a fazer dó ver o pobre dando-se a tratos para arredondar periodos, tendo por todos os lados tanto espinho, de que elle a custo procurou fugir; e comtudo é á sombra da sua auctoridade que verdadeiramente descansam os escriptores que lhe succederam, incluindo o nosso proprio épico Durão, que muito é para sentir não tivesse sido precedido por um historiador, bem como Camões o foi por Barros, cujas décadas o poeta luso necessariamente percorreu muito. É possivel que Vasconcellos, recebendo a tradição já arranjada a modo de romance, a concertou como poude para narrar envolvida nas fórmas historicas estes successos, que de passagem foram tocados na obra de Soares, que facil será de provar ter sido vista por Vasconcellos (*). D'esta tendencia de Vasconcellos para combinar e querer narrar historicamente a seu modo os factos (**) que se lhe apresentavam por assim dizer descarnados, julgamos que podiam nascer algumas das circumstancias da sua narração *novellesca:* assim além da historia do Castelhano do Rio Grande do Norte, como acima mencionámos, poderia ter ajudado a formal-a a certeza de que n'aquelles primitivos tempos Francezes de Dieppe, do Havre e Honfleur, passavam ao

(*) Os n.os 51 a 55 das *Noticias antecedentes, etc.,* foram tirados do Cap. 40 da 1.ª Parte de Soares; o n.º 66 do Cap. 74, etc., etc.

(**) Este nosso juizo nada tem de apaixonado: é filho de uma convicção fundamentada em muito maior copia de documentos do que devia ter o incansavel auctor da *Corographia Brazileira,* quando assim se expressava (II, 88):

« O jesuita Vasconcellos, segundo o que eu pude ver, foi o primeiro que « divulgou (mais de cento e cincoenta annos depois) as aventuras de Diogo « Alves (aliás Alvares Corrêa) o *Caramurú* quasi em fórma de novella; « e os posteriores consideraram-se auctorisados para enfeital-a; e o que faz « encontrar n'esta historia incoherencias e paradoxos. — O mencionado chro- « nista, que viu (segundo elle diz) documentos circumstanciados (e que « jámais produz), não sabe se a náo do naufragado Corrêa ia para a India, se « para a capitania de S. Vicente; pretendendo que esta estava «já então « povoada por Martim Affonso de Souza!!! »

Brazil, d'onde levavam comsigo alguns indigenas (*), e depois o nome de Catharina, que tinha a esposa de Henrique II, e por fim a vontade de se recommendar pelo maravilhoso, tudo poderia sem grandes esforços da imaginação offerecer conjecturas para formar um romance historico do genero analogo aos que hoje tanto se usam (a ponto de terem conseguido alentar o scepticismo historico), genero de composição em que, apezar de nos apresentarmos ostentando tanta severidade a tal respeito, já nos não podemos gabar de não ter lançado alguma insignificante pedra. E Deus permitta que não seja a unica....

Eis dada uma explicação do modo como se podia gerar o conto, e como em boa crítica somos auctorisados a julgar que elle se gerou, visto que seu auctor se atreveu a narrar factos tão originaes, e de que já não era coevo, sem citar as fontes; como aliás usa fazer á margem, acarretando até excessiva erudição e auctoridades em casos de muito menos importancia e novidade. Bem procurou Vasconcellos, receioso da manifestação dos seus anachronismos, fugir a declarar-nos a época em que elle collocava o seu episodio; mas assim mesmo não escapará de ser chamado ao rigido tribunal da crítica, para n'elle se ver argumentado. Descreve este Jesuita a viagem á França como se houvesse tido logar antes do naufragio da náo castelhana na ilha de Boipeba, do qual faz menção Herrera (n'um logar que acima o citámos) como succedido em 1535, que foi quando os naufragos

(*) Se isto não fosse constante, não seria de pequena prova o acharem-se elles bem desenhados na curiosa collecção franceza de *costumes* de 1567, que cita o Sr. F. Denis *(Brésil)* p. 74 como existente na Bib. Real de Paris, o que de certo não seria só por informações verbaes: ao pé dos retratos de um selvagem e sua mulher se lê em francez:

L'homme du lieu auquel le Brésil croist
Est tel qu'ici à l'œil il apparoit.
Leur naturel exercice s'applique,
Couper Brésil pour en faire trafique.

Les femmes là sont vestues ainsi
Que ce pourtraict le montre et le présente,
Là des guenons et perroquets aussi
Aux estrangers elles mettent en vente.

ahi encontraram o Caramurú, a quem segundo a affirmativa de Vasconcellos Carlos V escreveu depois uma carta de agradecimento pelo agasalho que áquelles dera. Onde acharia Vasconcellos a tal carta? E se não a viu, quem lhe contou esse caso tão galante? É por ventura provavel, é crivel, é razoavel que o imperador se lembrasse de escrever a um pobre Robinson Crusoé, para lhe agradecer uma pouca de farinha e inhames dados a alguns seus marinheiros? Mais que provavel é sim, que elle de tal facto nem chegasse a ter conhecimento. Mas Vasconcellos ainda nos vem a dar o successo como muito anterior ao anno de 1535, quando envolveu na sua narrativa o nome do ao depois mal aventurado Pero Fernandes Sardinha, que elle mette na scena a encontrar-se com o Caramurú em París, onde aquelle theologo, ao depois primeiro bispo da Bahia, *acabára* os seus estudos, e se achava de volta para Lisboa. Mas antes de partir fal-o Vasconcellos escrever a D. João III aconselhando-lhe a colonisação do Brazil, conselho que el-rei (diz) aceitou, retribuindo a lembrança de Sardinha com a graça de o nomear vigario geral da India. Ora passando por alto a historia d'este conselho, que nós já vimos que foi dado pelo Dr. Diogo de Gouvêa (*), sabemos que a tal estada de Pero Fernandes em París, segundo Nicoláo Sandero (pag. 49) da sua *Historia* (vera et sincera) *schismat. anglican.*, foi pelos annos de 1528, e teremos presente quão excluido fica este anno de admittir a possibilidade da imaginada ida do Caramurú á França sem que os visitantes da Bahia, comprehendendo Pero Lopes, logo depois fizessem d'isso menção, e sem que o embaixador João da Silveira ou algum dos seus deixassem de accusar o facto lá da França, no meio de tão activas correspondencias. E de mais quão arredado ficaria este anno do tempo em que havemos ainda de ver Henrique II a reinar para Catharina de Medicis sua mulher ser como rainha a madrinha, a fim de dar com a agua do baptismo o seu nome á neophita Catharina! (**)

(*) *Varnhagen.* — **Primeiras Negociações Diplom.** resp. ao Brazil, p. 135 do **T. 1.º** das ***Mem. do Instituto.***

(**) *Paraguassú* diz Vasconcellos que era o seu nome indigeno. Quem

Mas segundo outro logar de Vasconcellos (n.º 41) ainda viriamos a atrazar o facto mais alguns annos; pois quer que á primeira chegada do donatario á Bahia existissem já duas filhas legitimas do consorcio abençoado em París; e para isso supponde mesmo o anno por mais desfavoravel da chegada d'este em 1538, era necessario fazer remontar a tal ida á França para receber as bençãos ao anno de 1524 (e o piloto Avila em 1526 sem saber de tal!), e para isso mesmo era ainda forçoso que as duas filhas tivessem sido gemeas, e se casassem ambas logo no principio da puberdade.

Ainda tocaremos n'outro ponto do mesmo episodio, como narrado pelo mencionado Jesuita: no n.º 38 assevera elle que voltado Diogo de França ao Brazil pelos resgates e negocios que fez com certo mercador, que para lá o transportára, obteve artilheria e munições com que viera a fazer uma estancia forte e a ficar « senhor de muitos escravos e vassallos, temido e respeitado das maiores *potencias* da costa. » Não haverá n'estas expressões certa falsa nobreza, que se não compadece com a humilde prosa dos contemporaneos que trataram de Diogo Alvares?

Mas é já tempo de deixar em paz o Jesuita portuense: antes não o poderamos fazer sem grande sacrificio; pois que era forçoso analysar com o rigor que admitisse a historia e satisfizesse a critica qual era o conceito que devia merecer a narração d'este facto, como feita pelo seu primeiro escriptor, que os successores pouco mais fizeram do que seguir.

Voltando porém de novo a restringir-nos ao assumpto especial do nosso ponto, parece-nos em conclusão que se devem riscar das paginas veridicas da nossa historia os dous paragraphos de Rocha Pitta, cuja analyse foi dada a concurso. Reputamol-os um bello episodio proprio para o romance e poesia, uma vez que já n'elle ha certa crença:

diria isso a Vasconcellos? Ou andará por aqui um nome só creado para o romance, do mesmo modo que nós creámos uma Ipeca? A fallar a verdade, para os Indios tão rigorosos na applicação das metaphoras se lembrarem de chamar por antonomasia *Rio Grande*, (*Pará*, rio; *guassú*, grande) ou *Mar* a uma bonita mulher... mas emfim póde ser.

nós todos enlevados pelos feitiços do maravilhoso démos existencia formal ao que antes não fôra talvez mais do que conjecturas enfeitadas por uma imaginação creadora, e por ventura inclinada a dar insensivelmente a seus assumptos um colorido romantico, circumstanciando a narração com o engenho quando a historia ao seu tempo conhecida os não manifestava. Porém o historiador quando o queira expôr nada lhe custará a acompanhar a sua menção das providentes expressões consentaneas a inculcar dúvida. Ha certas narrações de casos mesmo fabulosos, que uma vez entradas no corpo da historia de um povo apoderam-se d'elle sem mais o largarem; embora pelo tempo adiante venham só a mencionar-se para se asseverar que não succederam. É o que ha de sempre acontecer na historia de Portugal a respeito das côrtes de Lamego; que foram tão bem inventadas (por Fr. Bernardo de Brito?) que chegaram a ser recebidas e citadas como lei do paiz, sem nunca terem existido taes côrtes. E de quantas bellas fabulas não estão cheias todas as historias?!

Pela nossa parte se é licito em taes assumptos abraçar uma opinião de sympathia analoga áquella por que todos passamos desde os bancos da escola sob os pendões da Grecia e Roma, e ainda depois quando ao ler a historia antiga nos influiamos uns mais pelos Romanos, e outros pelo atrevido e victorioso chefe dos Carthaginezes, declaramos que na que fez objecto d'esta dissertação nos inclinámos justamente ao partido que as convicções da verdade e o amor ao Instituto nos fizeram combater. E que espirito haverá tão positivo e incredulo, que coração tão duro e tão de pedra, que se não commova ao ver a infeliz gentia Moema abrasada de amor e ralada do ciume seguir a nado um navio francez, em que já a sua rival ia desfructando a porfiada posse, exhalar nas aguas o ultimo suspiro? E quem não tomaria parte na admiração de uma indigena americana quando seus olhos fartos de tantas grandezas physicas, de tanta obra do Creador, viram na Europa pela primeira vez tanta arte, tanta obra do homem? Quem se não enche de jubilo ao ver-se nos paços dos Lizes presenciando a hospitalidade da rainha de França, e as descripções dos rios e producções naturaes da America feitas ao politico vencedor de

Carlos V? Quem se não commove á vista da nobre e leal rejeição do heróe de atraiçoar o Brazil entregando-o aos Francezes? Quem finalmente não se maravilha de ouvir a visão prophetisando os casos futuros do principado, hoje nosso Imperio! e tanto mais quando é tão provavel que todos estes encantos não gosariamos nos melifluos versos da nossa epopéa, a não ter corrido como verdadeiro o facto que hoje analysamos. Talvez que sem a fé viva que na sua veridica existencia tinha o nosso poeta quando sentado á ponte da ribeira do ameno valle de *Cozelhas* (em Coimbra) dictando ao seu pardo amanuense o liberto Bernardo quantos versos lhe affluiam á mente, não teriamos hoje uma epopéa nacional, que nas escriptas em lingua portugueza occupa, assim o cremos, pela sua originalidade e viveza nas descripções e cadencia do metro, superiores ao *Affonso Africano*, o primeiro logar abaixo do immortal poema *Os Lusiadas*, o qual acaso arremedaram de mais todos os d'essa numerosa e fecunda familia de livros escriptos em oitava rimada como Cerco de Diu, Condestabre, Ulysséa, Ulysippo, Malaca, Insulana, Zargueiada, Henriqueida, e tantos outros d'este genero, em que no numero ao menos a nossa lingua levou talvez a palma a todas do universo. O bom exito que a Camões dera o seu genio, e talvez ainda mais o seu saber e grandeza do assumpto que envolveu, fez ambiciosos de igual gloria um sem numero de versejadores de imitação (como tinham sido os successores de Dante e Petrarcha na Italia), em cujas fileiras se quiz até ultimamente alistar o maledico — mas sabio — cantor do *Oriente*, que ainda pouco antes de fallecer contava como livro dos mais queridos na sua escaça livraria o nosso *Caramurú*.

ITINERARIO

Das viagens exploradoras emprehendidas pelo Sr. barão de Antonina para descobrir uma via de communicação entre o porto da villa de Antonina e o Baixo Paraguay na provincia de Mato Grosso: feitas nos annos de 1844 a 1847 pelo sertanista o Sr. Joaquim Francisco Lopes, e descriptas pelo Sr. João Henrique Elliott.

(Manuscripto inedito offerecido ao Instituto pelo mesmo Sr. barão de Antonina, seu socio correspondente.)

1.ª *Entrada.*

As difficuldades e demoras que os viajores encontram na longinqua viagem de Porto Feliz para Cuyabá tem sido conhecidas e lamentadas desde que esta via de communicação foi descoberta; e com quanto varias tentativas se houvessem feito para achar outro transito melhor, tinham sido inteiramente sem felizes resultados até o anno passado.

O Sr. barão de Antonina concebeu a idéa de descobrir outra via de communicação da comarca de Curitiba na provincia de S. Paulo com o Baixo Paraguay na de Mato Grosso, e em consequencia a 21 de Agosto de 1845 fez seguir uma bandeira constando de dezenove pessôas, a qual embarcou no Rio Verde, e fez o gyro de mais de duzentas leguas, como consta do itinerario apresentado ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro em 4 de Março de 1847, que foi publicado na *Revista trimensal* do mesmo anno, á qual me reporto para a descripção da primeira entrada.

2.ª *Entrada.*

Novo plano foi posto em execução pelo emprehendedor o Sr. barão de Antonina, que em Agosto de 1846 fez seguir outra bandeira, á cuja frente foi o sertanista Sr. Joaquim Francisco Lopes, e eu o acompanhei occupando o logar de piloto e mappista.

Entrámos pela fazenda de Monte Alegre do Sr. Manoel Ignacio do

Canto e Silva, que nos penhorou com sua franqueza e hospitalidade, dando todo o peso á antiga amizade que tem com o Sr. Barão; e d'alli demandámos o rio Tibagy com o fim de ir á serra de Apucarana, que azulando a grande distancia, calculou o Sr. Barão ser uma sufficiente atalaia (e não se enganou) para reconhecer-se todo o sertão circumvizinho. Do fim do campo da mencionada fazenda a uma legua de mato chegámos ao rio Tibagy, o qual atravessámos seguindo sempre o rumo O. N. O. Tres leguas distante do Tibagy, passando sempre por matos de pinhaes, encontrámos um ribeirão consideravel, que corria E. N. E., e se lhe deu o nome de Pederneiras por causa da abundancia que n'elle havia; d'aqui subindo uma alta serra seguimos pelo cume atravessando pinhaes e algum resto de palmital, até que descemos para o ribeirão da Fartura, distante do Tibagy seis leguas; d'aqui para diante é uma continuação de serranias e as matas serradas de creciuma, de tal maneira que são quasi impenetraveis: descendo uma serra coberta com mato de capoeirão, avistámos pela primeira vez (depois da nossa entrada) á distancia de tres leguas O. N. O. a celebre Apucarana, tão decantada nos aranzeis dos antigos Paulistas do decimo setimo seculo, cujo alto cume defendido por enrugados e escarpados rochedos parecia ser inaccessivel. (D'este logar tirei uma vista da serra.) D'alli para diante encontrámos menos pinhaes, terreno sempre montuoso, e matos muito serrados.

No dia 15 de Setembro chegámos ao ribeirão de Apucarana, que banha a falda da serra, e corre E. N. E. unindo-se com outros arroios que tinhamos passado, e vai se entregar ao Tibagy logo acima da serra dos Agudos.

O mantimento que tinhamos já era pouco, e divulgando-se que a determinação de S. Ex.ª era de seguirmos adiante ainda quando algum obstaculo estorvasse as nossas indagações, dous dos camaradas desanimaram, ficando a nossa escolta reduzida a sete pessôas. No dia seguinte subimos parte da serra, achando uma pequena e crystallina fonte que manava do rochedo; deixámos a gente fazendo pouso em quanto eu e o Sr. Lopes procuravamos uma vereda para subir ao cume: quanto mais nos approximavamos do penedo, mais o mato ia desapparecendo,

até que terminou em rasteiro fachinal. A rocha, que de longe apresentava uma côr cinzenta e uniforme, chegando perto viu-se que em parte era coberta com musgo tão macio como veludo, e matizado de mil côres brilhantes: uns pequenos arbustos, que nasceram em umas fendas da rocha, serviram-nos de escada, e passando de uns aos outros com difficuldade e risco ganhámos o cume.

A serra em cima é um taboleiro de trezentos e tantos passos de comprido, e quasi outros tantos de largura: tem pouca vegetação, e aqui e alli se viam grandes e isoladas pedras de todos os tamanhos e fórmas. Por causa de se estarem queimando os campos, tanto em Curitiba como em Guarapuava, a atmosphera estava enfumaçada de tal maneira, que não foi possivel distinguir cousa alguma na distancia de duas leguas em torno. Vendo perto de nós, no lado do occidente, um pinhal, determinou o Sr. Lopes ir com quatro camaradas áquelle logar, ficando eu com uma pessôa para tornar a subir a serra quando se desassombrasse da fumaceira. A gente encontrou uma vara de porcos no pinhal, e do alto da serra eu apreciei a bella caçada: o alarido dos cães, os gritos dos caçadores, os tiros que de vez em quando estrondavam aqui e alli, respondidos por mil echos das concavidades do sertão, era um espectaculo selvagem sim, mas interessante e sublime na altura em que eu me achava! Quatro dias consecutivos subimos áquelle logar, mas sempre com os mesmos desapontamentos: vimos então que era preciso esperar a chuva, e por não estar parados determinámos de subir á ponta de uma cordilheira que ficava a oéste distante duas leguas, a qual estorvava nossas vistas para aquelle lado. Seguimos por pinhaes e terras montuosas de mato bom; no terceiro dia chegámos ao logar determinado, d'onde vimos a aberta do rio Ivahy, distante seis ou sete leguas a oéste; porém a chuva que logo cahiu em grande abundancia vedou-nos de fazer mais observações. Voltámos, e chegámos ao nosso arranchamento depois de uma ausencia de cinco dias. O tempo melhorou; eu e o Sr. Lopes tornámos pela quinta vez a subir a serra, não havendo nem camarada, nem Indio que quizesse acompanhar-nos. O dia estava bello, a atmosphera limpa, e fomos amplamente compensados de todas as nossas

fadigas no instante em que chegámos ao cume. Que lindo e magestoso quadro! O mais bello céo do universo brilhava sobre nossas cabeças, e estendidos como um mappa a nossos pés viamos rolar caudalosos rios, atravessando as mais pittorescas e magnificas florestas do Brazil. Eminencia encantadora, eu d'aqui mesmo ainda te saudo! Perto de nós, concavidades saturnaes e montanhas atiradas sobre montanhas mostravam que alguma erupção volcanica tivera logar alli, e no meio de todo este cháos a Apucarana levantava sua alta e descalvada cabeça, olhando com tranquillidade as fórmas fantasticas que as convulsões da natureza tinham accumulado em derredor de si. O Tibagy depois de passar a serra dos Agudos serpeava por vargedos a rumo N. N. O.; mais longe via-se o brechão do Paranapanêma cortando o sertão de léste a oéste, e lá no extremo do horizonte uma linha apenas visivel, que se estendia de N. E. a S. O. mostrava o curso do gigante Paraná: a E. S. E. appareceia parte dos campos geraes, e a N. E. sobre a margem occidental do Tibagy a pequena campina do Inhohõ distante oito ou nove leguas. Adiante d'esta distinguia-se com difficuldade as pontas de algumas outras campinas, que eram inteiramente desconhecidas: d'estas indagações concluimos que o Tibagy devia ser navegavel logo para baixo da campina do Inhohõ; que era necessario explorar taes campinas que tinhamos visto, a fim de ver se eram sufficientes para estabelecer um deposito, accommodar algum gado, e servir de pastagem para as tropas que tivessem de conduzir mantimentos. Como este era o objecto principal da nossa viagem, voltámos depois de ter gravado em uma pedra a éra, e as iniciaes dos nossos nomes J. F. L.

J. H. E.

1846.

No dia 8 de Outubro chegámos á fazenda de Monte Alegre, e a 13 á fazenda de Perituva, depois de uma ausencia de cincoenta e quatro dias: alli démos exacta informação ao Sr. Barão, que determinou continuar as explorações até conseguir o que havia projectado, ou ter um desengano total da communicação que queria abrir da comarca de Curitiba com o Baixo Paraguay da provincia de Mato Grosso.

3.ª *Entrada.*

O campo do Inhohõ ou (pelo nome mais moderno) de Santa Barbara, situado sobre a margem occidental do rio Tibagy, vinte e sete leguas N. O. da villa de Castro, foi descoberto ha muitos annos pelo fallecido tenente coronel João Felis da Silva, pai da proprietaria actual da fazenda da Fortaleza Sra. D. Anna Luiza da Silva, que se contentava de mandar de annos a annos fazer um ligeiro pique de facão para queimar unicamente. Oito annos antes da nossa entrada o Sr. Manoel Ignacio do Canto Silva, neto do sobredito tenente coronel, tinha mandado abrir um pique que admittia cargueiros, e n'esta occasião tornaram a queimar o campo, mas por causa de ser pequeno (tendo apenas uma legua de comprido e menos de uma de largura, dependente de atravessar nove leguas de sertão inculto) deu-lhe pouca importancia. O Sr. Barão, vendo o mappa e o itinerario que lhe apresentei, determinou fazer n'este logar o ponto das operações que tinha encetado para descobrir uma via de communicação com a cidade de Cuyabá, e para este fim mandou uma expedição, á testa da qual foi o Sr. Luiz Vergueiro, acompanhado do Sr. Lopes e da minha pessôa.

Esta bandeira, composta de trinta pessôas e do trem necessario, começou a 21 de Outubro de 1846 a abrir um picadão: em 20 de Novembro sahimos no campo do Inhohõ, e em quanto o mais da gente apromptava uma roça, o Sr. Lopes e eu com quatro camaradas e dous Indios fomos explorar as campinas que tinhamos visto do alto da serra de Apucarana. Na occasião de queimar o campo do Inhohõ, os Indios responderam com fogos em tres logares differentes, dous a norte na distancia de seis a oito leguas, e mais um a N. N. E., que parecia ser retirado de nós quatro leguas. Como circumstancias tornaram necessaria a presença do Sr. Vergueiro em Perituva, não podémos nos demorar n'esta exploração mais do que dez dias; e por tanto não tivemos tempo de chegar aos logares aonde os Indios tinham queimado campo.

No dia 24 passando uma restinga de mato de uma legua de largura

sahimos nas primeiras campinas, seguimos a norte, e algumas vezes nordéste, passando sempre por campinas e pequenas restingas de mato, e duas a tres leguas avistando mais campinas e fachinaes ao norte, voltámos d'alli queimando algumas d'ellas. No dia 4 de Dezembro chegámos no Inhohõ convencidos de que estas campinas (ás quaes démos o nome de S. Jeronimo) eram sufficientes para o deposito que o Sr. Barão projectava a fim de continuar o seu plano de explorações até esgotar as idéas que tinha concebido. Voltámos com a escolta a dar-lhe conta exacta de tudo, e aguardar as suas ordens, por estarmos convencidos de que obstaculos o não fariam recuar e abandonar sua calculada empreza.

4.ª *Entrada*

No dia 9 de Dezembro o Sr. Vergueiro voltou para a fazenda de Perituva. O Sr. Barão tinha determinado mandar fazer outra entrada, que desde a campina do Inhohõ seguisse a rumo de norte até perto do rio Paranapanêma, descendo parallelo com o Tibagy na distancia de uma a duas leguas,e voltando examinasse as propriedades que tinha este terreno para factura de uma estrada desde as campinas de S. Jeronimo até á confluencia do Tibagy com o Paranapanêma. Em conformidade com estas instrucções escriptas, aprompámos uma escolta de doze pessôas, e no dia 16 de Dezembro entrámos no sertão. Seguimos primeiro ao N. N. E. para aproveitar as campinas queimadas até o ribeirão de Santa Barbara, tres leguas e meia distante do Inhohõ; d'aqui fizemos rumo a norte, e acabando-se logo os pinhaes, entrámos em chapadões de palmital até o ribeirão das Congonhas, que é cercado por uma pequena cordilheira. Este ribeirão nasce cinco leguas E. N. E. do Inhohõ, e faz contravertente com as aguas que vão para o rio da Cinza; corre pelo espaço de cinco leguas quasi a norte, e depois pendendo bruscamente para oéste cahe no Tibagy, cinco leguas acima da sua juncção com o Paranapanêma. Da ponta mais alta d'esta cordilheira avistámos o Paranapanêma correndo de léste ao oéste, distante pouco mais

de duas leguas, e o Tibagy distante quatro ou cinco serpeava por vargedos de palmital: d'aqui virando a rumo do sul acompanhámos este rio retirados d'elle duas leguas pouco mais ou menos. Todo o terreno de mato comprehendido entre as campinas de S. Jeronimo e a foz do Tibagy (que terá dez leguas) é o melhor possivel para a factura de uma estrada permanente, que nunca precisará aterrados nem estivas, e (com excepção da pequena cordilheira das Congonhas) é uma continuada planicie. No dia 13 de Janeiro chegámos de volta ao Inhohõ, gastando n'esta expedição vinte e cinco dias.

5.ª *Entrada.*

A descoberta das campinas de S. Jeronimo tinha despertado a ambição de algumas pessôas que moravam visinhas a este sertão, as quaes entrando pelo lado de Cachambú (treze leguas E. N. O. da villa de Castro) fizeram algumas explorações em direcção ás ditas campinas: n'estas indagações descobriram alguns fachinaes, mas encontrando adiante com mato forte voltaram.

Com estas noticias determinou o Sr. Barão mandar uma escolta, que procurando o logar dos fogos que tinhamos visto queimar ao N. N. E., examinasse o terreno adiante para ver se estes fachinaes continuavam em rumo para os fachinaes de Cachambú; e se assim fosse botar um pique, que passando a maior parte por campestres desde Cachambú até S. Jeronimo, evitasse o mato grosso, que se atravessava para chegar á campina do Inhohõ. As fadigas, privações e perigos inseparaveis da vida do sertanista tinham intimidado de tal maneira a gente que nos havia acompanhado, que não foi possivel arranjar camaradas sufficientes para esta quinta entrada: com difficuldade achámos dous companheiros, e com esta pequena comitiva, constando de quatro pessôas, no dia 15 de Março sahimos da campina do Inhohõ, e entrámos no sertão. Seguimos pelas campinas de S. Jeronimo até á distancia de duas leguas e meia, e d'aqui caminhando ao

nascente passámos umas campinas, que não tinhamos visto, e subimos um espigão alto com matos de pinhal e palmital: d'ahi para diante era uma continuação de serrania, e os matos muito cerrados de creciuma e carahá. Passámos novamente o ribeirão das Congonhas (chamámos assim por causa da abundancia de herva mate que alli tem) a menos de uma legua adiante, e seis leguas N. N. E. do Inhôhō sahimos na queimada; era um avencal cercado por cerradões de pinhal. Subimos a uma serra alta, e vimos que na direcção de Cachambú era uma continuação de terreno montuoso e coberto de grosso mato. Convencidos que por este rumo não havia propriedade para uma estrada, voltámos, e no dia 10 de Abril chegámos á fazenda de Perituva, morada do Sr. barão de Antonina, dando parte de tudo.

6.ª *Entrada para descobrir um transito fluvial (embarcando no rio Tibagy) para a provincia de Mato Grosso.*

Á vista dos resultados d'estas explorações, determinou o Sr. Barão que o porto do embarque fosse no rio Tibagy, logo a baixo dos montes Agudos e campina do Inhohō, e mandou construir uma canôa onde se accommodou a gente e municiamento. Em 14 de Junho de 1847 embarcámos o Sr. Lopes, eu e tres camaradas, uma legua para baixo da campina do Inhohō, e démos principio á viagem, jogando a vida em uma empreza desapprovada por todos; pois que jámais alguem se persuadia que se podesse conseguir a via de communicação que o Sr. Barão tinha premeditado: porém elle, firme no plano que havia concebido, não recuava a obstaculos e despezas, e d'esta maneira que remedio senão avançar?

15 e 16.—Choveu copiosamente, o rio encheu muito, tendo subido em vinte e quatro horas quatorze palmos perpendiculares. Na manhãa de 16 começou a baixar, mas a correnteza sendo muito violenta tivemos receio de seguir, e falhámos. N'este logar os matos são magnificos, palmital entravado com gigantescas perovas, páo

d'alho, figueiras e outras arvores soberanas das florestas: via-se tambem muitas jaboticabeiras, umas com flôr e outras com fructas maduras.

17 e 18. — Seguimos viagem, passando muitas corredeiras pequenas por entre terreno montuoso e coberto de mato bom; e avistámos as primeiras arvores de larangeiras silvestres. No dia 18 chegámos a uma grande enseada com tres ilhotas, atravessada por uma itaupava forte, defronte da qual entra pelo lado direito o ribeirão de S. Jeronimo, que vem das campinas do mesmo nome. Aqui foi preciso descarregar a canôa.

19. — Passámos umas corredeirinhas, e meia legua para baixo da enseada chegámos á frente de outra itaupava forte: mato bom de palmital e muitas larangeiras silvestres.

20, 21 e 22. — Examinámos a cachoeira: era uma continuação de corredeiras, que se estenderam para mais de meia legua, e em consequencia foi necessario passar a canôa descarregada.

23. — Acabámos de conduzir as cargas, e ao meio dia seguimos viagem; logo para baixo começou uma serie de corredeiras, que continuaram com pouca interrupção.

24. — Tocando em terra démos com tres ranchos de Indios, abandonados (com toda a apparencia) havia um anno; e fizemos pouso em uma ilha grande com corredeira forte: o rio serpeava por vargedos de palmital.

25 e 26. — Embarcámos logo abaixo da corredeira uma legua, sahimos em uma enseada com tres ilhas, e abaixo d'estas as itaupavas e baixios eram emendados uns aos outros: tem alli muitos barreiros, e havia vestigios de muita caça: no dia 26 chegando a uma itaupava forte fizemos pouso.

27 e 28. — Falhámos por causa do máo tempo.

29. — Seguimos viagem, passámos algumas corredeiras, e as margens do rio eram bordadas com mato de palmital e larangeiras silvestres. Pouco mais de uma legua do pouso chegámos a uma pequena e romantica ilha com um barreiro na ponta superior, aonde affluia um bando immenso de passaros, e ahi pousámos: do logar onde nós

mesmo lado com agua da mesma côr. Vinte e duas leguas pouco mais ou menos para cima da barra do Paranapanêma chegámos á foz de um rio consideravel sem saber que rio era; porém no dia 19, uma legua acima, topámos com os arranchamentos e pouso das mansões de Porto Feliz e Cuyabá, e então conhecemos ser o Rio Pardo, e em consequencia voltámos.

26. — Chegámos em frente da ilha da Meia Lua, d'onde tinhamos tomado aquella direcção; e no dia seguinte, duas leguas para baixo, encontrámos com a barra de um rio, que tinha dezeseis ou dezoito braças de largura; e suppondo que este era o rio Sambambaia, fizemos pouso sobre a barra.

28. — Entrámos por este rio, que meia legua acima da barra faz rumo a N. E., acompanhando o Parana em marcha opposta, correndo por vargedos e formando diversas bahias: n'estes logares admira-se o grande numero de passaros aquaticos. Este rio pelo lado direito é bordado em algumas partes de mato carrascal, e pelo lado esquerdo ha unicamente brejos cobertos com capim guassú, que acompanham tambem o Paraná.

29. — Matámos um tigre, que nos ia seguindo pela margem do rio; era fêmea, e tinha tres pequenos no ventre inteiramente perfeitos e já pintados: menciono esta circumstancia porque parece-me que rarissimas são as vezes que ellas tem mais do que duas crias de um parto. Oito ou dez leguas acima da barra começa a apparecer muitos palmitos burití; logo adiante o rio pendendo para N. O. afasta-se do Paraná, e a apparição de muitos cervos assegurava-nos que o campo não estava longe: d'aqui para cima ficava cada vez mais estreito e mais tortuoso o rio, e a corrente mais rapida.

4 de Agosto. — Sahimos em grandes campos, parte limpos e parte cobertos com arvores pequenas de casca grossa, como cariuva, barbatimao, &c. Subimos até onde era navegavel, e d'alli sahindo campo fóra procuravamos o trilho (que nos constava haver) da capella de Santa Anna nas visinhanças do rio Parnahyba para os campos da Vaccaria.

7. — Démos com um arranchamento de Indios sobre um pe-

queno arroio no meio do campo: os ranchos eram baixos, do feitio de uma tolda de carreta, arranjados em semicirculo, e abandonados havia tres ou quatro mezes. Caminhámos sempre pelo campo até chegar a um capão de mato situado sobre o rio, entrámos n'elle para procurar mel, que pouco achámos, e alli fizemos o pouso e falhámos um dia, no qual vimos fogos a rumo O. S. O., e suppondo serem dos moradores da Vaccaria determinámos seguir aquelle rumo.

9. — Sahimos do capão por campos cobertos e arenosos com muitos formigueiros; vimos alguns veados e avestruzes muito espantadiças, ás quaes não foi possivel chegar em distancia de tiro: passámos estes dias comendo cabeças de *macumam*, que é uma qualidade de palmito pequeno que ha por aquelles campos: encontrámos muitos vestigios de Indios.

13. — Sahimos em um trilho muito batido, e a O. S. O. vimos levantar fumaça na distancia de uma legua. Seguimos o trilho, e passando um pequeno córrego, démos de subito com elles dentro de uns ranchos perto de uma restinga de mato. « Adeus, camaradas (disse o Sr. Lopes): » isto foi bastante para pôr tudo em confusão, e dando gritos de terror correram todos, e as Indias com os filhinhos nos braços faziam diligencia de se evadir para o mato visinho. Quaes magros galgos, a quem a fome havia tirado as forças, partimos comtudo no momento, e o Sr. Lopes conseguiu alcançar e segurar uma China que levava um pequeno no braço, e nós apanhámos mais tres piais, que tambem fugiam para se escapar. A pobre India, pensando que de certo a morte ou o captiveiro a aguardava, ficou em um estado de afflicção que é difficil descrever: balbuciava com difficuldade algumas palavras, que infelizmente nós não entendiamos, e assim a fomos conduzindo para os seus ranchos, onde lhe démos a entender por acenos que não queriamos fazer-lhe mal. Deu-se-lhe alguns lenços, um mosquiteiro, e outras bagatelas, com que se mostrou apaziguada, e a deixámos em paz com seus pequenos filhos, que podiamos tomar conforme o uso e costume dos sertanistas se não fôra nossas convicções, e o cumprimento das terminantes ordens do Sr. Barão, que sempre nos recommenda toda a

brandura com esta gente a fim de pôr em practica seu plano de catechese, o que já em parte tem conseguido.

14. — Tendo nós entrado n'um capão para procurar mel, fomos alcançados por uma porção de Indios da mesma tribu da China aprisionada: elles não traziam armas de qualidade alguma, eram coroados, trigueiros e inteiramente nús, e alguns tinham a cara pintada da bocca para cima com tinta vermelha e outros com tinta preta. Esta visita nos pôz em serios embaraços, porém por seus modos e gestos colligimos que o bom trato e presentes que se dera á India os induzíra a procurar-nos para obterem alguma cousa mais. Pediam por acenos os nossos machados e facões, admirando nossas armas de fogo, das quaes inteiramente ignoravam o uso.

Presenteámos estes infelizes Brazileiros com ferramentas, roupa, barretes e missangas, acautelando sómente as armas de fogo para no caso de qualquer tentativa hostil, e assim os despedimos: porém nossos presentes não tinham satisfeito sua cobiça, e alguns nos foram acompanhando até que um camarada tendo a imprudencia de ficar um pouco atraz, foi-lhe a clavina arrebatada por um Indio, que deu ás gambias com toda a velocidade, não tanto quanto voaria uma das nossas balas, se as quizessemos empregar, segundo o costume dos bandeiristas; mas o que fizemos foi dar muitas gargalhadas, e apupar o camarada, que ficou bem descontente com a falta da escopeta que o Sr. Barão lhe tinha dado para a viagem. Continuámos nossa marcha com algum receio que nos viessem outra vez alcançar, visto que tinham conhecido nosso pequeno numero, e por isso fizemos rumo a N. O. Caminhámos sempre por campo em parte limpo, em parte coberto, e n'este dia tivemos a fortuna de matar um veado: este recurso chegou em tempo muito opportuno tanto para nós como para os nossos cães, que se tinham sustentado os ultimos doze dias unicamente com agua, visto que não comiam o *macumam* de que já fallei.

19. — Seis leguas distante do logar aonde nos tinham alcançado os Indios sahimos em um trilho, que seguia a rumo de oéste, passando sempre pelo coxilhão que reparte as aguas do Anhanduy e as do rio de S. Bento, que faz barra no Avinheima pouco a

cima de sua foz. Os campos eram quasi sempre cobertos, mas melhoravam em qualidade quanto mais se avançava para o oéste.

23. — Vimos os vestigios de dous cavalleiros, e suppozemos que fossem moradores em um campo limpo que ficava ao sul do trilho.

24. — Passando uma pequena restinga de mato, sahimos em terreno inteiramente differente: campos dilatados e limpos de chão roxo, e enfeitados com capões; tinham muita similhança com os campos de Guarapuava.

25. — Dezoito leguas do logar onde tinhamos sahido no trilho, e dezenove dias de jornada depois que largámos a canôa, chegámos á fazenda do Sr. Francisco Gonçalves Barboza, aonde fomos recebidos com a mais franca hospitalidade.

26. — Seguimos para a fazenda do Sr. Antonio Gonçalves Barboza, tres leguas distante da precedente, passando o rio da Vaccaria, que aqui corre a S. E. por campo, e terá dezoito braças de largura: duas leguas adiante do dito rio chegámos á sobredita fazenda, onde fomos recebidos com urbanidade, e tratados com todo o desvelo pelo digno proprietario, que se condoeu do nosso estado de fraqueza. Como tinhamos levado por cautela um officio de recommendação do Sr. barão de Antonina para o Sr. major João José Gomes, commandante geral do Baixo Paraguay, demorámo-nos sómente o tempo necessario de aprromptar animaes para a viagem, dos quaes francamente fomos suppridos com generosidade pelo dito Sr. Barboza, a quem seremos sempre reconhecidos por estes e outros favores que nos prodigalisou.

O Sr. Barboza é morador aqui ha seis annos: foi o primeiro povoador depois da retirada dos Hespanhóes, que antigamente habitavam uma cidade que se denominava Xerez e mais reducções, como fossem Santo Ignacio, Villa Rica e outras, das quaes se tem achado fracos vestigios em alguns logares, sem comtudo se poder verificar onde foi a tal cidade, o que de ora em diante será provavel, pois que o Sr. Barão já está tratando d'isso, e mesmo pela affluencia de moradores que irão residir e povoar aquelles bonitos campos. Quando os Srs. Barbozas entraram n'elles, encontraram mais de duzentas

cabeças de gado vaccum bravio, d'esse que deixaram os Hespanhóes no anno de 1648 quando abandonaram taes logares. D'esta fazenda segue uma estrada até á morada do Sr. Gabriel Lopes, que é genro do Sr. Antonio Barboza, situada para baixo da serra de Maracajú sobre o rio Apá, não longe do forte arruinado de S. José, onde os Paraguayos ainda tem de vez em quando um destacamento por causa das invasões dos Guaycurús, que por muitas vezes tem talado aquelle territorio, e commettido barbaridades a que são propensos. Deixámos dous camaradas aqui aprompiando uma canôa para em nossa volta descer pelo rio da Vaccaria, que desde logo suppozemos ser um braço do Avinheima ou Tres Barras.

30. — O Sr. Lopes, eu e um camarada bem montados, seguimos para o forte de Miranda. Todo o terreno desde aqui até á serra de Maracajú na distancia de vinte e quatro leguas é uma continuada planicie de campo limpo, e poucos capões de mato; tem quantidade immensa de veados e avestruzes, mas por ora poucos moradores. Descendo a serra, que é por um declive quasi imperceptivel, tudo se muda: o clima é muito mais calido, os campos cobertos, chão arenoso, e pouca agua, mas excellente pastagem por toda a parte. Nove ou dez leguas adiante chegámos á fazenda da Forquilha, situada perto da confluencia dos rios Anhuac e Mondego, pertencente ao Sr. major João José Gomes. Aqui soubemos que o dito Sr. estava em Albuquerque, e não tendo noticias de quando voltaria, vimos que era necessario procural-o lá mesmo para entregar-lhe o officio do Sr. Barão. Sahimos d'aqui, passando sempre por campos cobertos, com algumas fazendas de criar. A estrada acompanha o rio Mondego retirada d'elle uma a duas leguas pouco mais ou menos.

6 de Setembro. — Chegámos a Miranda. O forte é cercado por uma estacada já bastante deteriorada, tem uma pequena guarnição de tropa regular, e muitas casas na povoação estão deixadas; parece que este logar está em decadencia. Aqui achámos uma canôa prompta a partir para Albuquerque, a qual nos foi franqueada pelo Sr. tenente Bueno, mui digno commandante do Presidio, que nos prestou todo o agasalho e hospitalidade; mas como tivesse de

ir animaes até á fazenda de S. João da Barra (pertencente ao Sr. major), situada sobre o rio Mondego, e distante sete leguas de Miranda, determinámos ir por terra até á dita fazenda, e alli esperar a canôa.

7. — Duas leguas abaixo de Miranda atravessámos o Mondego, que terá dezoito a vinte braças de largura. D'alli atravessando campos cobertos e uma restinga de mato de duas leguas, sahimos nos campos da fazenda de S. João da Barra: estes campos em parte firmes, em parte sujeitos ás inundações do Paraguay, são enfeitados com palmito de *carandá*, e tem abundante pastaria. Chegámos á fazenda, onde esperámos a canôa.

No dia 9 embarcámos. O rio Mondego muito sinuoso serpeava mansamente por campos desertos.

No dia 11 passámos o Rio Negro ou Aquiduano, que é do mesmo tamanho do Mondego; logo para baixo entra tambem pelo lado direito o pequeno rio Negrinho, e no dia 12 sahimos no rio Paraguay, que aqui terá trezentas braças de largura, e corre ao S. O. No lado occidental tem umas altas serras cobertas de mato, sobre as quaes, uma legua distante da barra do Mondego e meia dita retirada do Paraguay, está aprazivelmente situada a povoação de Albuquerque. N'este dia mesmo chegámos, e achando alli o Sr. major João José Gomes, commandante geral do Baixo Paraguay, fomos recebidos por elle com toda aquella franqueza e urbanidade que o caracterisa, pois na verdade é um militar que merece todos os elogios: elle mostrou-se muito satisfeito com a nossa apparição e noticias que lhe démos, e com o recebimento do officio de que eramos portadores. Da fazenda do Sr. Antonio Gonçalves Barboza até o forte de Miranda calculei em quarenta e quatro leguas: o terreno é plano, podendo transitar carros por todo elle, não exceptuando a serra de Maracajú. De Miranda a Albuquerque, descendo pelo rio Mondego, ha trinta e seis a quarenta leguas. Durante a nossa demora em Albuquerque chegaram uns vinte Indios da tribu Cadiau, pertencente á familia Guaycurú, e entre elles quatro mulheres de uma figura e physionomia horrenda: vinham montados em pello em soberbos cavallos, e

traziam maior numero soltos; seu vestuario era um chiripá (*); traziam os cabellos compridos amarrados para traz, e as caras pintadas com tinta de urucú e genipago; suas armas eram lanças compridas, e espadas a tiracollo: os homens pela maior parte eram altos, magros, e tinham um olhar arrogante e desdenhoso, affectando certo ar de superioridade. Um Indio velho montado em lindo cavallo baio, ao qual dirigia com toda a destreza e garbo, com chapéo de palha enfeitado com pennas de avestruz, era seu chefe. Procurou o Sr. major, o qual fez vir um interprete para saber o que o Indio queria. Elle disse no seu idioma: — Eu soube que o Sr. commandante estava aqui em Albuquerque, e como eu tambem sou commandante, venho visital-o. — Onde está a vossa gente? lhe perguntou o Sr. major. — Detraz da serra de Abodoquena, respondeu o Indio. — Então vem sómente visitar-me? — Venho tambem vender alguns cavallos para comprar aguardente: estamos para fazer uma grande festa logo que eu voltar d'aqui. — Quem sabe (tornou-lhe o Sr. major) se vós tendes batido os Enimas (**). — O Indio respondeu: Não: — mas alguns que conhecem esta gente de perto disseram-me que quando elles faziam taes festas era por terem batido aos inimigos e lhes arrebatado alguma cavalhada. Estes Indios habitam a campanha que se estende desde o Mondego até ao rio Apá, e desde a serra de Maracajú até ao rio do Paraguay: tem pouca industria, algumas vezes apuram pouco sal nas salinas sobre o rio Apá, mas a maior parte do tempo passam uma vida errante, vagando de logar em logar (sempre a cavallo) para onde a abundancia de peixe e caça os convida. Fazem continuada guerra aos Indios Enimas, que habitam o Grão-Chaco, e dirigem tambem suas correrias além do rio Apá, conforme acima fiz ver. Os campos que elles dominam são muito extensos e proprios para fazendas de criar; mas como formar estabelecimentos n'estes bellos logares onde o feroz Guaycurú anda de redea solta, quaes filhos de Agar, que tem todos por inimigos, e são inimigos de todos?

(*) **Panno de diversos tecidos que atam na cintura.**

(**) **Indios que habitam o Grão-Chaco além do rio Paraguay.**

15. — Fui visitar a aldêa dos Guanás, situada a pouca distancia de Albuquerque; esta se compõe da grande familia dos Chanés, dividida em varias tribus, sendo das mais notaveis a Guaná propriamente dita, os Quiniquináos, os Terenas e os Layanas. Estes Indios são industriosos, tecem pannos de algodão de varias qualidades e padrões, e applicam-se á agricultura. São (geralmente fallando) alvos, bem feitos e muito trataveis; a sua physionomia approxima-se da raça caucasica, muito differente dos Guaycurús, Xamococas e outros, que tem mais simillhança com a mongolica. A agua aqui em tempo de sêcca é longe, e varias vezes encontrei com jovens Indias conduzindo cantaros, alguns de fórmas extravagantes e ornados com uma especie de baixo relevo, vestidas unicamente com suas julatas (*), que sempre deixam parte do seio descoberto: seus compridos cabellos (pretos como ébano), arranjados com gosto e ornados com flores e outros enfeites, me fez recordar os tempos classicos da antiga Grecia. Imaginei por um momento que estava na ilha de Chypre encontrando as nymphas de Venus quando iam buscar agua ás fontes da Idalia. Tudo aqui respira languidez e a voluptuosidade do clima: o mesmo rio Paraguay parece que participa de taes sentimentos, rolando lentamente suas aguas pacificas por entre meio de campos cobertos de uma eterna verdura. A povoação de Albuquerque está situada no mato que serve de divisa d'este Imperio com a provincia de Chiquitos, pertencente á republica de Bolivia. Os Guaycurús antigamente atravessavam este mato, gastando cinco dias por terreno que não tem uma gotta de agua: quem me deu esta noticia foi um Indio muito velho, que acompanhou-os em taes correrias. Constou-me que os Bolivianos tem querido atacar a povoação de Albuquerque por este lado, mas até agora tem sido impedidos talvez por estas serras e matos sem agua; porém apezar d'isso não é prudencia facilitar, e haver uma invasão e a dispersão dos Indios que pacificamente estão alli vivendo debaixo da protecção do governo.

(*) Uma especie de lençol.

Tendo o Sr. major de enviar umas pessôas por terra até ao forte de Miranda, aproveitámos esta occasião de acompanhal-as.

20. — Sahimos de Albuquerque, passando ao Paraguay logo abaixo da bahia dos Guanás, e entrámos nos pantanaes. Estes campos até ao forte de Miranda (na distancia de vinte e quatro leguas) são um continuado vargedo, em parte limpo, em parte coberto com arvores de caraiva e carandá, e sujeitos ás inundações do rio Paraguay: por isso só se transitam no tempo sêcco: no dia 26 chegámos a Miranda. Falhámos dous dias, e aproveitei este tempo para visitar algumas aldêas dos Indios, que pertencem pela maior parte á familia dos Guanás. Os Quiniquinàos estão aldeados perto do forte, e os Terenas, que são mais numerosos, estão aldeados na Ypega, duas leguas distante. Os Layanas vivem como aggregados ou camaradas nas fazendas visinhas; e além d'estes ha alguns Guaycurús e Guachins. Os Terenas eram mais numerosos, porém a ausencia do Sr. major João José Gomes, que era seu principal bemfeitor, fez com que muitos emigrassem, e é provavel que agora voltem a reunir-se, o que é de interesse vital para augmentar a população d'esta bella provincia. No dia 29 sahimos de Miranda, e no dia 5 de Outubro chegámos á fazenda do Sr. Antonio Gonçalves Barboza, nos campos da Vaccaria.

Prompto tudo quanto era necessario para nossa volta, no dia 18 o Sr. Lopes, eu e dous camaradas embarcámos no rio da Vaccaria perto da fazenda do Sr. Francisco Gonçalves Barboza: no mesmo dia o dito Sr. com mais quatro pessôas seguiram para embarcar no rio Sambambaia, onde tinhamos deixado a canôa, ficando destinada a barra d'este rio no Paraná para nossa reunião. O rio da Vaccaria terá dezoito braças de largura n'este logar, e corre por campos e matos até á distancia de seis ou oito leguas do logar onde embarcámos; d'ahi começa por brejos cobertos de capim guassú. No dia 20 (dezeseis leguas abaixo do nosso porto) sahimos no rio Brilhante (ou Avinheima propriamente dito), que é tres vezes maior do que o da Vaccaria, e depois de unidos tem mais de sessenta braças de largura. Este rio serpêa magestosamente por grandes vargens, em parte firmes, em

parte brejaes: os matos poucos e baixos, retirados do rio meia legua mais ou menos.

No dia 23, oito leguas abaixo da barra do Vaccaria com o Avinheima, encontrámos muitos vestigios de Indios na margem direita: n'este mesmo dia, dobrando uma volta, os avistámos de repente lavando-se no rio: seriam cincóenta, e correram para o mato da barranca, ficando alguns mais corajosos por verem sómente uma canôa com quatro pessôas dentro. Confiados na fortuna que nos tem seguido passo a passo em todas estas explorações, nos approximámos á praia, e saltando em terra os abraçámos, e os brindámos com mantimentos, muitos anzóes, facas, e alguma roupa que traziamos de resto. Eram Cainás da mesma familia d'aquelles que encontrámos nas margens do rio Ivahy em 1845 (o que consta do itinerario d'essa viagem, que se acha impresso na *Revista* do Instituto Historico Brazileiro); tinham o labio inferior furado, e traziam dentro do orificio um batoque de rezina, que á primeira vista parecia alambre; cobriam as partes que o pudor manda esconder com panno de algodão grosso; os cabellos eram compridos e amarrados para traz; tinham arcos e frechas; as farpas eram de páo, e tambem possuiam cães. Supponho que elles tem relações com a gente do estado do Paraguay, porque tendo elles no pescoço e nos braços alguns fios de missangas, e pegando eu n'ellas, responderam-me — castilhano — e apontaram para o rumo de S. O.: fallei algumas palavras da lingua guarany, e entenderam-me perfeitamente: com elles estivemos perto de duas horas, e depois seguimos nossa viagem. Estes Indios pareciam de boa indole, faceis de reduzir, e podem ser muito uteis aos navegantes: resta que o governo dê boas providencias a respeito, para que os não hostilisem, matando uns, captivando outros, e afugentando o resto. Quinze leguas para baixo da barra da Vaccaria entra pelo lado esquerdo o rio de S. Bento: terá doze ou quatorze braças de largura, e logo adiante d'este no lado direito tem uma bahia, que talvez seja a lagôa Monica, apezar de ser a situação e tamanho muito menor do que se acha descripta nos mappas. Meia legua para baixo d'esta bahia o rio reparte-se em dous braços, dos quaes o maior é o do lado direito:

descemos pelo canal da esquerda, e depois de rodar cerca de uma legua, sahimos no Paraná, que aqui é semeado de ilhas e muito largo.

Subimos este rio tres leguas, e no dia 25 chegámos á barra do rio da Sambambaia, onde esperámos seis dias os nossos companheiros que desciam por elle. O rio Avinheima (ou Tres Barras) tem sua origem nas serras de Maracajú nos campos de Xerez ou Vaccaria, onde as suas vertentes principaes são conhecidas pelos nomes de Vaccaria, Brilhante, Santa Maria, e Dourados, e fazem contravertentes com os rios Branco, Mondego, Anhuac e Aquiduano. Desde o logar onde nós embarcámos até o Paraná, na distancia de trinta e duas a trinta e quatro leguas, é navegavel sem o menor obstaculo, e segundo as informações que os moradores me deram, podem subir canôas francamente pelo rio Santa Maria até um logar, onde com cinco leguas de varação pelo campo passa-se para o rio Mondego, o que comtudo é preciso examinar com individuação para bem marcar-se o varadouro. Este rio Avinheima, largando os campos da Vaccaria, corre quasi sempre por vargedos cobertos de capim guassú, e tem pouco mato forte: é abundante de peixe e caça, e o seu rumo geral é S. E. No dia 31 de Outubro chegou o Sr. Francisco Gonçalves Barboza e companheiros, e no dia seguinte subimos o Paraná e entrámos no leito do Paranapanêma, no dia 10 de Novembro no Tibagy, e no dia 11 chegámos á barra do ribeirão das Congonhas, que escolhemos para o porto de embarque do commercio da villa de Antonina com Cuyabá, tendo gasto dezoito dias de marcha desde os campos da Vaccaria até alli. Em consequencia de acharmos que este pequeno rio era o melhor logar para fazer-se o mencionado porto do embarque, por causa do abrigo que prestará ás canôas, a fim de não serem arrebatadas pelas enchentes do rio Tibagy, seguimos por terra a sahir nas campinas de S. Jeronimo, pertencentes ao Sr. barão de Antonina. Este trajecto terá de mato dez leguas, e doze o outro sertão (incluindo as campinas) que atravessámos para sahir nos campos da Fortaleza, gastando quarenta e seis dias por causa de adoecerem dous camaradas, que foi preciso

esperar se restabelecessem; de maneira que a 27 de Dezembro cheguei á fazenda de Perituva com seis mezes e treze dias desde que embarcámos: e tendo encontrado o Sr. barão de Antonina na outra sua fazenda de Tucunduva, onde lhe apresentei o mappa e o itinerario d'esta viagem, elle me determinou que os tirasse a limpo para remetter; o que cumpri com custo por escrever fóra do meu idioma inglez, mas a indulgencia do Sr. Barão relevará as imperfeições do seu creado e piloto mappista — *João Henrique Elliott.*

Fazenda de Perituva, 18 de Abril de 1848.

Roteiro comparativo das distancias.

	Leguas.
Da villa de Antonina á villa de Castro por um novo trilho. .	26
Da villa de Castro ao fim do campo da Fortaleza, na entrada do sertão	18
D'alli ás campinas de S. Jeronimo (mato)	10
Atravessando as ditas campinas e serrados	2
Ao ribeirão das Congonhas, na confluencia com o rio Tibagy (mato).	10
Descendo o dito rio até á juncção com o rio Paranapanêma.	5
Descendo este até á margem esquerda do Grande Paraná. .	24
Largura que se atravessa para a margem direita.	1
	96

N. B. Com esta distancia estamos na provincia de Mato Grosso.

Costeando-o até á barra do rio Avinheima.	6
Subindo este, o rio Brilhante, o rio dos Dourados, e ultimamente o rio Santa Maria até o logar onde se deverá fazer o porto do desembarque em campo, e o varadouro para o rio Mondego (Miranda).	40

	Leguas.
Do logar do desembarque ao forte de Miranda, caminho de terra por campo	46
N. B. Tambem se póde ir embarcado.	
Do forte de Miranda á povoação de Albuquerque, caminho de terra por campo	40
Da foz do rio Mondego no rio Paraguay até á cidade de Cuyabá.	146
	374

Pelo *roteiro* do Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, descrevendo a navegação da cidade de Cuyabá á cidade de Santos, se vê o seguinte:

De Santos a S. Paulo	10
De S. Paulo a Araritaguava (Porto Feliz)	23
Descendo o rio Tietê até o Rio Grande (Paraná)	152
Do Rio Grande á foz do Rio Pardo.	29
Subindo o Rio Pardo até o Camapuam	75
Descendo pelo rio Camapuam	17
Idem pelo rio Cochim.	40
Idem pelo rio Taquary.	90
Subindo pelo rio Paraguay.	39
Idem pelo rio S. Lourenço.	25
Idem pelo rio Cuyabá até á cidade.	64
	564

N. B. O Dr. Lacerda dá n'este trajecto cento e treze cachoeiras.

O roteiro supra de minhas novas descobertas vem a ser da villa de Antonina ao forte de Albuquerque.	228
Da foz do rio Mondego pouco acima do forte de Albuquerque até á cidade de Cuyabá.	146
	374

Ganha-se pelas novas descobertas.	190

Leguas.

N. B. O roteiro do Dr. Lacerda dá, na navegação de Porto Feliz á cidade de Cuyabá, cachoeiras. 113

Na minha navegação ha sómente cachoeiras pequenas. . 3

Ganha-se 110

O roteiro do Dr. Lacerda dá de Santos á foz do rio Taquary no Paraguay 436

Descendo este até o forte de Albuquerque 19

455

Pelo roteiro de minhas novas descobertas se vê que da villa de Antonina ao mencionado forte de Albuquerque ha 228

Ganha-se 227

Querendo ir ao Estado do Paraguay, o caminho é o seguinte:

Da villa de Antonina ao desembarque no rio Santa Maria, como se vê descripto no roteiro supra. 142

Do mencionado desembarque ao Rego d'Agua. 4

D'alli á barra. 2

Da barra aos Mutuns 2

Dos Mutuns abaixo da serra de Maracajú, nas vertentes do rio Paraguay 3

D'alli ao rio Apá, divisa de que o dito Estado se tem apossado contra a lettra expressa da convenção de limites de 1777, segundo a explicação da mencionada convenção a que me reporto 4

157

Passando o rio Apá ao forte arrasado de S. José. . . . 6

D'aquelle forte ao de S. Carlos. 6

N. B. D'alli ha um caminho por terra para a cidade de Assumpção, do qual eu poderia dar noticia se tivesse entrado a minha outra escolta pelos Estados de Corrientes e Paraguay, pois era o ponto marcado para se encontrarem.

Fazenda de Perituva, 18 de Abril de 1848.

Barão d'Antonina.

VIAGEM DE GOYAZ AO PARÁ.

ROTEIRO ESCRIPTO PELO DR. RUFINO THEOTONIO SEGURADO.

Escrevendo o presente roteiro, não é minha tenção fazer uma descripção completa do rio Araguaia, porque faltam-me as necessarias habilitações para descrever scientificamente tudo quanto este magestoso e importantissimo rio offerece aos olhos do observador; porém sim fazer um pequeno serviço aos que por elle houverem de navegar.

Achando-me na capital de Goyaz como deputado á assembléa legislativa provincial, em meiados do anno de 1846, tratava o actual presidente da provincia, o Ex.^{mo} Sr. Dr. Joaquim Ignacio Ramalho, de fazer o ensaio da navegação do commercio entre esta e a provincia do Grão-Pará pelo rio Araguaia: e o mesmo Ex.^{mo} Sr. consultou a minha opinião a respeito por haver em outro tempo navegado pelo rio Tocantins até o Pará, e d'est'arte ter alguma experiencia da navegação fluvial. Expondo as minhas opiniões, fui ouvido com muita attenção e interesse, e foram ellas aceitas. Uma grande difficuldade se apresentava ao presidente, que era encontrar uma pessôa habilitada para dirigir similhante empreza. Vendo que se me proporcionava occasião de prestar um serviço ao meu paiz, não tive duvida de aceitar a incumbencia, o que muito satisfez ao mesmo presidente. Minha opinião era que seria mais conveniente e economico que a expedição se aprompta sse na villa do Porto Imperial, por se encontrar ahi os vasos e todo o indispensavel com mais facilidade, e até mesmo porque o tempo em que se tratava d'este negocio não permittia que houvesse a menor demora, a fim de que descessem os vasos na estação propria.

Havendo-se organisado uma sociedade para similhante fim, dirigi-me com a possivel brevidade ao norte da provincia para o fim de promptificar tudo quanto era necessario para a empreza. Eu devo aqui notar que, se bem que os fundos a mim confiados para esse

fim me não parecessem mui sufficientes, todavia não hesitei; em consequencia porém d'essa circumstancia não me foi possivel haver barcos novos, por serem estes de alto preço; o que, como adiante se verá, causou-me tantos trabalhos, e á sociedade tantos prejuizos. Demais, havendo em geral uma repugnancia não pequena a similhante viagem, vi-me na necessidade de contractar para o trabalho da navegação pessôas improprias e incapazes d'esse trabalho.

Tendo pois conseguido os vasos (1), remeiros e generos do paiz que me pareceram mais proprios para ensaiar o commercio, larguei da villa do Porto Imperial no dia 4 de Abril de 1847. Cheguei á villa de Carolina no dia 8 do mesmo mez, onde me demorei tres dias para me refazer de mantimentos que precisava para deixal-os em deposito em S. João de Araguaia (2), a fim de servir na mesma volta do Pará: feito o que larguei da villa de Carolina no dia 12 do mesmo mez. Omitto o que observei no rio de Tocantins, por ser este rio mui conhecido e navegado.

No dia 3 de Maio cheguei á capital da provincia do Grão-Pará com feliz viagem, apezar de haver algum prejuizo no carregamento. Logo que saltei á praia, dirigi-me ao Ex.^{mo} presidente d'aquella provincia, o Sr. Herculano Ferreira Penna, entregando-lhe o officio de recommendação que o Ex.^{mo} presidente da minha provincia lhe havia dirigido. Grande foi a satisfação que o Ex.^{mo} Sr. Herculano manifestou á minha chegada, fazendo-me offerecimento de tudo quanto podia dispôr em beneficio da navegação: eu tinha necessidade de mais algumas pessôas e de algumas providencias; de tudo fui soccorrido. Immediatamente algumas pessôas notaveis da cidade me procuraram para se informarem do objecto de minha empreza, e tudo lhes havendo declarado, significaram os mais ardentes desejos de concorrerem para que se leve a effeito a navegação do rio Araguaia,

(1) Os barcos que navegam no rio Tocantins são de porte de mil e duzentas arrobas.

(2) Presidio na margem esquerda do Tocantins, na confluencia com o Araguaia, guarnecido pela provincia do Pará, estabelecido com o fim de auxiliar a navegação.

não devendo aqui deixar em silencio o nome do Sr. Dr. João Lourenço Paes de Souza.

Tendo feito emprego dos capitaes que levára disponiveis, larguei do porto da cidade do Pará no dia 19 de Maio do anno passado. Sendo muito conhecidas as cachoeiras que se encontram do Pará até S. João de Araguaia, e os perigos que ellas offerecem, eu apresentarei em resumo a minha derrota n'essa extensão do Tocantins, ajuntando algumas reflexões que me parecem uteis á navegação.

Á primeira cachoeira denominada Guariba gastei dezoito dias: esta cachoeira passou-se sem risco, mas tive o trabalho de pôr novo leme em um dos barcos. D'esta cachoeira, ao sahir da cachoeira do Tocumanduba, gastei nove dias, entrando no dia 14 do mez de Junho na grande Itaipava (3) e sêcco do Conaná. N'esta itaipava, no dia 17, um dos barcos de negocio correu tão grande perigo, que quasi se perdeu totalmente: valeu porém o soccorro prestado muito a tempo pela igarité (4) de descarreto, com a qual se pôde salvar o barco e a maior parte da carga. No dia 22 cheguei á grande e perigosissima cachoeira da Itaboca, gastando um mez e tres dias da cidade á essa cachoeira, vindo d'est'arte a gastar doze dias mais do que se as aguas fossem maiores, por isso que deixando de navegar sempre encostado na margem direita, subindo (5), que é por onde ha boa navegação, fui obrigado a passar as cachoeiras que se encontram no canal da sêcca, que é o da esquerda. Uma febre epidemica com inflammação dos intestinos atacou a tripolação, e essa circumstancia impediu que eu podesse sahir da Itaboca em menos de treze dias.

Chegando a occasião de tratar da cachoeira a mais perigosa da carreira do Pará pelo Tocantins, vejo-me obrigado a não passar em

(3) Corredeira por entre pedras, offerecendo uma passagem mais ou menos trabalhosa á corda ou á vara: quando o rio está falto de aguas, é necessario algumas vezes alliviar os barcos.

(4) Pequeno barco que póde conduzir até oitenta alqueires de sal, ou duzentas e sessenta arrobas, destinado a descarregar ou alliviar barcos de negocio nos logares em que estes não podem subir ou descer com toda a carga.

(5) Devo notar que n'esta derrota — margem ou lado esquerdo — deve entender-se subindo.

silencio algumas considerações. Tratando dos meios de diminuir os riscos d'essa cachoeira, em uma memoria dirigida ao Soberano sobre a mesma carreira do Pará, lembrou-se meu pai da idéa de fazer-se profundar os canaes que se encontram ao lado esquerdo do canal da Itaboca, para desviarem-se os barcos das grandes quedas que n'elles se acham; tendo-se porém reconhecido a vantagem de levarem-se de salto os barcos debaixo de certas cautelas, posto que com muitissimo risco, e demais vendo eu que aquelle trabalho se torna nimiamente dispendioso, á vista de nossas circumstancias financeiras julgo mais acertado um outro trabalho, que se reduz a quebrarem-se algumas pedras, as quaes eu passo a indicar. A primeira é um alto rochedo que se acha abaixo do grande rebôjo do Bacurí: n'este rochedo tem-se muitos barcos feito em pedaços, por isso que perdendo elles a carreira e direcção por causa do rebôjo, e indo ao som d'agua, é só por uma grande ventura que não se perdem alli todos os barcos que se arriscam a esse medonho rebôjo, cujo diametro não é menos de seis braças, tendo uma de profundidade. A segunda é uma pedra que está por baixo da pancada da cachoeira grande, encostada a um grande paredão do lado esquerdo: esta pedra impede que se possa levar o barco mais encostado ao paredão, o que dá logar a muito risco do lado direito, para onde as aguas levam com impeto os barcos com muita força. Abaixo do salto de José Corrêa está um montão de grandes pedras, para onde correndo as aguas com indisivel impetuosidade, muitos negociantes de barcos tem achado n'ellas a sua perdição; só o emprego de muitas forças unidas, sem dependencia de outro algum artificio, é capaz de remover a maior parte dos perigos que ahi se encontram. Ao sahir do salto denominado Tortinho, atravessando o canal acha-se um grande rochedo igualmente perigoso: o emprego de algumas libras de polvora póde franquear esta passagem. Tendo exposto em resumo o que julgo de maior perigo a respeito da cachoeira da Itaboca, devo chamar sobre este logar da carreira do Pará pelo Tocantins a attenção do governo do nosso paiz. Alguns contos de réis serão bastantes para que se evite as perdas que actualmente soffrem os particulares, e com elles a nossa provincia.

Da Itaboca ao presidio de S. João de Araguaia não pude gastar menos de um mez, por isso que em todo o canal do Tauiri (6), que é muito perigoso e demanda muito trabalho, achei-me com a maior parte da tripolação atacada de febres catarrhaes, cujas curas muito se difficultavam em razão da natureza do trabalho, falta de commodidades e conhecimentos professionaes. Durante este tempo tive de pôr tres rombos (7) nos barcos para poder continuar a viagem; e ao chegar ao presidio de S. João de Araguaia, de grande risco salvou-se um dos barcos, ficando o leme em pedaços.

Havendo embarcado noventa e duas saccas de farinha pertencentes á sociedade, e que se achavam reservadas para a minha viagem do Araguaia, no dia 6 de Agosto me dispuz para entrar por este rio, para mim desconhecido, tendo d'elle apenas as noções dadas pelo marechal Cunha Mattos em seu *Itinerario*, e trazendo comigo só tres individuos, que eram dous militares que haviam descido por elle com o conde de Castelnau, e um outro; os quaes, além de muito poucos conhecimentos de navegação, não conservavam de memoria cousa alguma do que tinham visto, e por isso em nada me podiam orientar.

Dia 6 *de Agosto de* 1847. — Ás onze horas da manhãa deixei as pedras da itaipava de S. João de Araguaia, e navegando sem perigo algum cheguei ao pontal da ilha de Cima ás duas da tarde, acompanhado do barco de um negociante, que tinha de entrar pelo Tocantins. Não me é possivel descrever o estado de abatimento em que parecia acharem-se os animos de todas as pessôas que alli se achavam; na physionomia de uns via-se pintado um profundo pezar, e na de outros uma grande compaixão: as salvas de armas de fogo annunciavam a despedida, e tendo descansado duas horas, segui a

(6) Uma extensão do rio empedrada e perigosa tem mais ou menos doze leguas; os perigos do Tauiri na descida podem muito diminuir-se cortando-se na sècca as arvores que impedem a franqueza do canal.

(7) Propriamente, remendos postos nos logares dos barcos em que a madeira apodrece, ou que se quebra.

minha derrota, e naveguei até uma praia fronteira á bocca de um lago (8).

A falta de correnteza do rio fez-me ver que elle se achava represado, e por consequencia comparativamente mais sêcco do que o Tocantins.

Dia 7. — Ás cinco e meia da manhãa larguei e fiz pouso defronte da ilha dos Mutuns, assim chamada pela grande quantidade d'estas aves que ahi se encontram no braço da direita.

A viagem d'este dia foi pequena por se ter demorado em terra um camarada, e não por encontrar obstaculo no rio. A navegação encostada a ponta da ilha é má, porque ahi se acha um baixio de pedras.

Dia 8. — N'este dia naveguei em rio de pouca profundidade por offerecer transito facil; comtudo não foi necessario descarregar, e entrando pelo braço da esquerda, cheguei ainda cedo á itaipava de S. Bento, ficando á direita a grande ilha do mesmo nome. N'este logar encontrei grande abundancia de peixes de varias qualidades, e alguma caça.

Dia 9. — Havia chegado no dia antecedente á itaipava de S. Bento; n'este tratei de transportar-me para cima da mesma. O commandante do destacamento de S. João de Araguaia havia-me dito não ser possivel vencer este obstaculo, por ser esta itaipava muito falta de agua; não desanimando com essa informação puz-me na espectativa da direcção do trabalho pelo piloto, como era de costume, e este examinando a itaipava, assentou de fazer passar os barcos encostados á terra firme da esquerda, e mandando pôr os barcos á meia carga, subiu-se sem o menor perigo, falhando d'est'arte o vaticinio d'aquelle commandante. Este facto bem prova que muitos homens temem o que desconhecem. N'este mesmo dia se começou a passar a carga para cima da itaipava na igarité de descarreto.

Dia 10. — Continuou-se o descarreto até á noite. N'este logar conheci que deveria ter trazido mais do que uma igarité de descar-

(8) Lagôas, das quaes algumas communicam com o rio por uma bocca que em alguns representa a largura de um rio, mas sem correnteza.

reto, por ver que o rio Araguaia é em geral mais raso e espraiado do que o Tocantins. O descarreto d'esta itaipava é pessimo, por isso que os bancos de pedra obrigam a levar as igarités ao canal grande, que é muito forte e de pedras escorregadiças.

Dia 11.—Carregados os barcos continuou-se a viagem, passando-se por uma ponta forte (9) que se acha na terra firme da esquerda, unico logar transitavel, onde foi indispensavel alliviarem-se todos os barcos, fazendo pouso pouco acima.

Dia 12.—Ao meio dia cheguei á itaipava do Carmo, e para passal-a mandei tirar todo o sal dos barcos, por ser o genero de maior peso; comtudo isso não foi bastante, e fui obrigado a mandal-os descarregar quasi totalmente. Tendo o rio mais cinco palmos de agua, tanto esta como a itaipava de S. Bento deve ser boa passagem, pois entendo que então ellas se passarão á vara, sem ser necessario tirar-se carga dos barcos, e por isso parece-me que os navegantes que entrarem no Araguaia por todo o mez de Junho, havendo chuvas regulares não encontrarão ahi embaraço algum.

Dia 13.—Tendo n'este dia concluido a passagem da itaipava, conduziram-se as cargas até o meio dia, sendo o resto d'este empregado no concerto da igarité.

Dia 14.—Continuou-se a conduzir a carga até á noite. Note-se que os barcos devem receber a carga em uma ilha grande, que está logo por cima da itaipava.

Dia 15.—Despedi quatro indios Apinagés, que até ahi fizeram parte da tripolação, e que tendo recebido os seus salarios seguiram para as suas aldêas do Tocantins. N'este dia fiz pouso defronte da ponta debaixo da ilha grande dos Apinagés.

Dia 16.—Tomei pelo canal da direita da Ilha Grande e de outras, passando por um pequeno travessão de pedras, em que não foi neces-

(9) Ponta forte é aquelle logar em que a corrente do rio se torna muito forte, e as vezes com notavel quéda em razão de pedras, troncos ou ramas de arvore, barranco, &c., que se prolonga para o meio do rio: a ponta forte distingue-se da ponta simplesmente dita, porque esta é menos trabalhosa, e não é necessario descarregar para passal-a.

sario descarregar: pousei defronte de um ribeirão, que entra á esquerda. Note-se que o canal da esquerda da ilha não é intransitavel, comtudo preferi o da direita, por não dar o rio tão grande volta.

Dia 17. — Largando ás seis horas da manhãa, ás dez passei pelo porto dos Apinagés do Araguaia, e cheguei ao meio dia ao logar que denominei — Ponta dos Campos —, e ahi permaneci até ás doze horas do dia seguinte, por me haver faltado um camarada, que sahindo á caça perdeu a altura em que estavam as canôas.

Dia 18. — Partindo áquella hora, naveguei até ás seis da tarde, chegando á ilha que denominei dos Tres Fugidos porque n'esse logar se evadiram tres camaradas, levando comsigo a montaria (10) de caçar, tres remos, tres armas da nação e outros objectos de menos valor; vindo d'este logar para cima a haver falta de nove pessôas, que deviam compôr a tripolação, notando-se entre estas a do caçador, que substituia um dos pilotos, o qual tinha fallecido; acontecendo que achei-me com falta de dous objectos tão essenciaes na navegação actual, a saber, o caçador e montaria de caçar.

Dia 19. — Fiz pequena viagem, e nada occorreu de notavel. N'este dia a consternação foi geral ao vermo-nos sem a montaria e com falta de tres camaradas; entre estes notei que alguns conceberam esperanças de que eu, em vista de tal acontecimento, não duvidaria desistir da viagem pelo Araguaia, e retroceder: para desvial-os de similhantes pensamentos, eu asseverei com toda a firmeza e em alta voz — que em quanto me restasse uma canôa e quatro camaradas eu não desistiria da viagem.

Dia 20. — Sahindo ás cinco horas da manhãa naveguei até á uma hora da tarde, e não continuei a viagem n'este dia por ter deixado a igarité em diligencia de alguma caça. Havia grande quantidade de peixes, especialmente de pirarucús, em um lago que fica em uma

(10) Pequena canôa fabricada de uma só madeira, aberta com o auxilio do fogo depois de cavada, operação que lhe dá consideravel largura, e cujo tamanho é augmentado por duas pequenas falcas ou taboas: conduz até quarenta arrobas, e serve para as caçadas e pescarias.

praia ao lado esquerdo. Já n'este logar senti a falta que me fazia a montaria.

Dia 21. — Passei o travessão do Jacaré com muito trabalho, por se querer passar encostado á terra firme da direita, não dando esse canal franca passagem senão quando o rio tem maior quantidade de agua; aliás a passagem deve ser pelo canal grande do mesmo lado.

Dia 22. — Cheguei ao meio dia á entrada da Cachoeira grande, a qual é a maior que existe no Araguaia: ella terá duas leguas e meia de extensão, e em toda esta extensão o rio corre por entre rochedos, que quasi em toda ella, com pequenas excepções, formam um canal muito estreito e muito arrebatado. Chegando pois á entrada d'esta cachoeira, reconheci que a navegação pelo lado direito era muito difficil e perigosa, e por essa razão fiz travessia para o lado esquerdo: toda a tarde se passou transportando-se a maior parte das cargas e os barcos para cima de uma forte corredeira.

Dia 23. — Carregaram se os barcos, e naveguei a vara encontrando o rio com grande correnteza. Fiz pouso abaixo da primeira pancada forte.

Dia 24. — Descarregaram-se e puxaram-se os barcos, havendo sempre o cuidado de prendel-os com uma pequena sirga, além do cabo ou corda grande, para o fim de abrigal-os para terra, visto que sem essa cautela poderiam correr grande risco.

Dia 25. — Tendo-se feito pouso no dia antecedente acima da primeira pancada grande, n'este seguiu-se á meia carga, andando-se pouco n'esse dia por ser a outra parte da carga conduzida na igarité.

Dia 26. — Todo este dia se passou em fazer transportar os barcos e cargas para cima de uma ponta mui forte, abaixo da qual se havia pousado.

Dia 27. — Por ser o canal muito arrebatado e forte não se pôde subir senão á corda, navegando-se assim até ao meio dia, e vindo-se a descansar em uma ponta forte, onde se descarregou.

Dia 28. — Carregados os barcos com pouco trabalho encostei no

logar do descarreto do Salto grande. Toda a viagem, desde o dia 25, fiz por um canal parallelo a outro que fica á direita, tendo este pouca agua em baixo, por despejar no da esquerda por muitas boccas ou pequenos canaes, que são outros tantos saltos; por um d'estes saltos deve se fazer a passagem para o canal da direita : o que achei melhor é aquelle mesmo por onde passei, que é o terceiro contado de cima para baixo, o qual não obstante ser mais estreito, offerece todavia melhor passagem, por isso que sendo mais extenso tem uma queda mais suave. Observe-se que tendo-se passado o salto, deve-se atravessar os barcos para o lado direito do canal, afim de se evitar a força das aguas dos diversos canaes que despejam para o lado esquerdo.

Dia 29. — N'este dia sómente se pòde conduzir as cargas para cima do Salto grande.

Dia 30. — Calafetaram-se algumas pequenas fendas das canôas, e pousei acima de uma ponta forte, em que descarreguei. O rio n'este logar é muito estreito e corre por entre rochedos muito altos, o que difficulta o puxar-se os barcos á corda, unico meio de conduzil-os, em consequencia da grande correnteza e muitos rebôjos que se encontram, com muito perigo dos barcos.

Dia 31. — Continuou-se a descarregar e puxar a carga por causa de muitas pontas fortes.

Dias 1.° *até* 9 *de Setembro inclusivè.* — Foi continuação dos trabalhos do dia 31 do mez antecedente, encontrando-se entretanto um descarreto de meia legua por terra; quatro noites dormi na ilha da Ubá velha (11), primeiro que as cargas podessem ahi chegar.

Dia 10 *a* 12 *inclusivè.* — N'estes tres dias foi preciso fazer descarreto por terra e por agua, em razão de alguns braços do rio que entram pelo lado esquerdo. A sahida da Cachoeira grande pelo lado direito offerece melhor navegação do que pelo lado esquerdo, por isso que este é mais sêcco e mais forte : advirto porém que a travessia

(11) Canôa bem conhecida, construida de uma só madeira, de que se servem os nossos indigenas; está adoptada entre nós nas passagens de muitos rios.

pelo lado direito deve ser feita com muita cautela, e antes de approximar muito ao salto.

N. B. Tendo o rio mais cinco palmos de agua, é provavel que n'esta cachoeira os barcos de mil arrobas não gastem mais de oito a dez dias; por quanto tendo o canal apenas uma oitava parte da largura ordinaria do rio, elle se achará então com dez ou doze palmos mais de fundo, e por consequencia não será necessario ir ao canal grande; tanto mais que ao lado esquerdo d'este achei canaes por onde havia bem poucos dias nos mostrava ter corrido agua sufficiente para sustentar uma montaria. Além d'isto, estabelecendo uma comparação entre a Cachoeira grande e o Tauirí, com o qual muito se parece, vemos que se no Tauirí, na sècca, gasta-se doze ou quinze dias, e com agua se passa em quatro ou cinco, na Cachoeira grande, onde gastei vinte e dous na sècca, não se gastará mais do que sete ou oito havendo aguas. O que acabo de dizer é a respeito da subida; quanto porém á descida, devo notar que o canal grande deve ser perigosissimo pelos rebòjos que então terá, formados pela opposição que os enormes rochedos devem fazer ás aguas; e os canaes do Saranzal (12) serão tambem mui perigosos por causa das grandes pedreiras que a cada passo obstruem os mesmos canaes: em summa na descida nada de entrar sem examinar mui escrupulosamente a cachoeira desde a entrada até á sahida. N'esta cachoeira ha grande abundancia de caças e peixes: mas devo notar que por causa das qualidades das pedras da Cachoeira grande e de quasi todo o rio Araguaia, e da grande quantidade de piranhas, é mister uma boa provisão de anzóes e linha. No dia 12 sahi da cachoeira e pousei na margem direita, avistando as pedreiras e praias dos Martyrios.

Dia 13. — Falhei para concertar um dos barcos e tirar varas: houve aqui muita caça, como veados, pacas, mutuns, &c.: viram-se no mato picadas antigas, e alguns velhos ouriços de castanhas, o

(12) Saran é em geral o arbusto que nasce nas praias e pedreiras, que nas cheias se cobrem de aguas: saranzal, logar que é coberto de sarans, offerecendo, quando o rio está cheio, canaes por entre os arbustos.

que faz acreditar na existencia de castanheiros, onde vão ter alguns gentios.

Dia 14. — Passei os Martyrios e pousei na entrada da Carreira comprida. Antes de fallar da minha passagem por esta cachoeira, direi alguma cousa sobre este logar, que tem dado causa a alguns contos fabulosos: tendo lembrança do que escreveu em seu *Itinerario* o marechal Cunha Mattos ácerca dos Martyrios, desembarquei n'este sitio e observei tudo quanto alli existe. Nenhum trabalho de esculptura encontrei n'esse logar, não duvidando todavia que elle exista em algum ponto mais retirado ou occulto. O que observei é obra da natureza, em que a arte nada tem alterado; e como os rochedos não se parecem com quantos tenho visto, quer no Tocantins, quer em toda a extensão do Araguaia que naveguei, julgo acertado dar uma idéa d'elles. O rio n'este logar é consideravelmente estreito, bem como na Cachoeira grande, porém corre lentamente por entre duas pedreiras, mais ou menos escarpadas, que terão de altura de trinta a quarenta palmos pouco mais ou menos: ao entrar pela emboccadura d'este canal, parece que se está no extremo de uma rua de mais de trezentas braças. Apezar de ser esta pedreira muito solida, comtudo apresenta muitas cavidades de fórmas variadas e irregulares, que parece serem formadas pelas aguas nas occasiões que o rio enche. A parte superior d'elles representa ao longe diversas fórmas, umas similhantes a uma pequena ermida, outras a uma guarida, &c.; approximando-se porém mais perto, desapparece a illusão, e não se vê outra cousa mais do que rochedos informes. Talvez que algum navegante por aquella illusão tenha referido a existencia de obras de esculptura n'estes logares, não observando com a individuação que merece um facto similhante. Ao sahir d'este canal se encontra grande quantidade de pedras, de que nossos lavradores se servem para fazer fornos de torrar farinha.

Dia 15. — Descarreguei á esquerda no travessão da entrada da Carreira comprida, e passei os barcos á direita.

Dia 16. — Trabalhou-se no travessão passando a carga para cima, e pousei na ilha formada pelos dous principaes canaes. Subi pelo

canal da esquerda; porém o melhor é o da direita. Á esquerda entra um grande ribeirão.

Dia 17.—Até o meio dia se trabalhou em puxar os barcos á sirga, independente de descarregal-os, e por este modo foram conduzidos até á pancada grande, onde se descarregaram.

Dia 18.—Puxaram-se as canôas, carregaram-se em parte, e foram receber o resto da carga no Poção. Em toda a cachoeira denominada Carreira comprida a melhor passagem é pela maneira seguinte: entrar pelo lado esquerdo, atravessar antes de chegar ao canal forte, e entrar pelo pequeno canal da direita, aonde se acham duas pontas, em que será necessario descarregar.

Dia 19.—Carregaram-se as canôas no Poção e descansei por cima da volta, que bem se póde chamar do Cotovello: pondo-me de viagem ás quatro horas e meia da tarde, uma inesperada perspectiva, aliás scena, se apresenta aos nossos olhos: objectos como creaturas humanas parecem ao longe andar e correr em uma grande praia, na qual vinhamos com esperanças de achar uma grande quantidade de ovos de tartaruga: as vistas fitaram-se na praia, e em poucos momentos viemos a conhecer que um grande numero de Indios pareciam agitados com a presença de barcos desconhecidos n'aquelle rio: eu então tornei-me o objecto de uma tacita consulta, voltando para mim os camaradas os olhos, como que me interrogando o que fariamos; o medo pareceu-me ter grande parte n'esta consulta, mas eu sem dissimular disse que não tivessem medo, que além dos cartuxos que estavam distribuidos havia de haver munição, com que se podesse facilmente fazer um fogo que produzisse bom resultado. Mandei então dous camaradas aprομptar as armas, preparei buchas, puz á mão uma boa quantidade de polvora e chumbo, e apresentei-me com resolução em cima da tolda, entretanto que o piloto dirigia o meu barco para o lado opposto áquelle em que estavam os Indios, tendo-lhe eu ordenado que esperasse os outros barcos logo que fronteasse o ponto de que podiamos receiar algum ataque: antes porém de chegar a esse logar os Indios salvaram os botes com duas salvas de armas de fogo; eu respondi ás salvas, e

entendendo que nada devia receiar, assentei que me não era necessario esperar pelos outros barcos, e logo que se fallou ouviu-se as palavras: — Adeus camarada — replicando-se — As canôas encostam lá? — responderam — Sim, aqui está bom, tem bom fundo. — Então mandei fazer travessia, e aportando no logar onde se achavam os Indios, procurei o capitão José, cacique dos Carajás da aldêa de baixo: apresentando-se este, eu disse-lhe que embarcasse; então elle desarmado, e com uma confiança que me fez admirar, dirigiu-se para o meu barco, subiu á prôa, e veio ter á porta da tolda da pôpa: ahi eu recebi-o entre os meus braços, e tratei de obsequial-o com ferramentas, missangas, fumos e muitas outras cousas; elle de sua parte pagou-me com seus carás, bananas, ananazes, &c., e fitando os olhos em minha mulher, perguntou se ella era minha mulher, e respondendo eu affirmativamente mostrou muita satisfação, e disse que na praia estava a mulher de um seu filho, a qual immediatamente elle fez embarcar para fazer os cumprimentos á sua nova hospede: em summa deixando de referir muitas circumstancias, que provam a boa disposição d'estes Indios para comnosco, basta dizer que a gente da minha comitiva passou demasiadamente farta esta noite, em que houve dansas de parte a parte, e que os mesmos Indios não duvidaram dansar promiscuamente com os christãos. O capitão José falla alguma cousa a nossa lingua, e disse que queria um padre para sua aldêa, assim como ferreiro, carapina, &c., e que se queria baptizar: eu disse-lhe que tudo se havia de fazer, estando elle sempre em paz comnosco. Tal foi o primeiro encontro que tive com os Indios Carajás, que tão temiveis parecem aos habitantes da provincia de Goyaz. Devo notar que desde então me esforcei por encobrir que tinha d'elles o menor receio, pois que elles em todas as suas acções mostravam ter em nós uma illimitada confiança; o cacique mostrava ter grande satisfação, e mesmo animava a que cada christão tivesse seu camarada Indio, e os Indios acompanhavam tanto o desejo de seu chefe, que cada um queria parecer mais obsequioso a seu amigo. Eu devo mais notar que estes Indios não se achavam em sua aldêa, mas desciam em numero de trinta e oito para as aldêas

dos Apinagés, em companhia de um Apinagé, que tinha vindo resgatar um irmão que havia muitos annos estava prisioneiro entre os Carajás.

Dia 20. — O capitão José, desistindo da viagem em que ia, embarcou-se comigo e mais quatro Indios para voltar para sua aldêa, confiando á seu filho Erirê a direcção e governo das tres ubás, que desciam em companhia da do Apinagé: os Indios despedindo-se largaram para baixo, e não deixou de ser algum tanto interessante a scena que se nos apresentou: com uma velocidade immensa seguiram as quatro ubás carregadas de gente, que, ao mesmo tempo que com muita destreza manejavam os remos, faziam ouvir o som monotono de suas cantorias, servindo de compasso as pancadas dos remos nas canôas: entretanto puz-me de viagem, e ao meio dia descarregou-se á direita no travessão do meio, tendo-se feito travessia por baixo: os Indios prestaram-se voluntariamente, e juntamente com os camaradas carregaram as cargas, e puxaram os barcos para cima do travessão.

Dia 21. — Voltaram os Indios que desciam por falta de mantimento, por nos haverem dado na occasião do nosso encontro quasi todo o que levavam: descarregaram-se os barcos para passar o sêcco da entrada da cachoeira de S. Miguel, e aqui tive auxilio dos Indios, que ajudaram a conduzir as cargas em suas ubás, dormindo em minha companhia na entrada do estreito canal do meio, que é a melhor passagem na sêcca.

Dia 22. — Todo este dia trabalhou-se puxando as canôas á sirga: ainda na noite d'este dia dormiram os Indios em minha companhia.

Dia 23. — Descarreguei antes de chegar á pancada grande. A navegação d'este dia se fez encostando as canôas ao lado esquerdo, mas seguindo sempre pelo canal grande.

Dia 24. — Navegando sempre á sirga, cheguei ainda cedo á pancada grande.

Dia 25. — Passou-se a carga para cima de duas pancadas, podendo-se apenas conseguir passar as barcas a primeira pancada.

Dia 26. — Carregou-se a carga em montarias e nas ubás dos

Carajás, que m'as cederam para esse fim, pousando acima da cachoeira com os barcos carregados. Em todos estes dias estiveram os Indios em minha companhia, e muito me ajudaram em todo o serviço da navegação, no que são mui habeis: eu brindei-os n'esta occasião com trinta e tres peças de ferramenta de roça, facões, fumo, missangas, &c.; então vi o quanto são exageradas as idéas que ordinariamente temos da obediencia dos Indios a seus chefes, pois que a partilha das ferramentas não pôde ter logar, lançando cada um, que foi mais destro, mão em duas e mesmo em tres peças de ferramenta, o que me fez receiar alguma scena bem triste entre elles, conservando-se entretanto o chefe em perfeita inacção, depois de ter procurado obstar similhante acontecimento. N'este logar se despediram os Indios, promettendo ir pescar para negociarem comigo.

Dia 27. — Sahi da cachoeira de S. Miguel, e encontrei-me com o Carô, principal chefe de todas as aldêas dos Chambioás, ramo dos Carajás, e pai do capitão José. O Carô, distinguindo-se dos outros que remavam a ubá apenas por um chapéo de palha velho, e umas calças que trazia aos hombros, mandou salvar com dous tiros de arma de fogo, em signal de cortejo, e approximando-se mandou atracar ao meu barco, para onde se passou com toda a confiança, mostrando muita satisfação pelo encontro: eu fiz-lhe as mesmas honras que tinha feito ao capitão José, mas observei que a ubá d'este Indio vinha carregada de armas; e informando-me de similhante circumstancia, soube que elle havia descido por aviso que teve do capitão José, que lhe havia mandado dizer que subiam tres barcos grandes carregados de christãos todos armados. Logo no primeiro encontro que tive com este Indio conheci que elle não ignorava totalmente os nossos costumes, e que conhecia bem de perto algumas cousas dos nossos usos; vendo tirar um pouco de assucar de uma lata, disse logo o que era, mas devo notar que como quem se arrependeu disse que era sal: estes e alguns outros factos similhantes, pelos quaes ao mesmo tempo elle mostrava conhecer bem os nossos costumes, e procurava dissimular esse conhecimento; estes factos, digo, me fizeram

crer que elle é, segundo se diz, um desertor do Pará. Entre outras muitas perguntas que me fez, quiz saber como se chamava o general de Goyaz e o do Pará, e se no Pará havia guerra. Este Indio terá de sessenta a setenta annos de idade. N'este mesmo dia cheguei ao logar em que a gente do capitão José me esperava com grande quantidade de peixes. O capitão José seguiu com todas as suas ubás, ficando comigo o capitão Carô. Depois do meio dia trabalhou-se na extensa itaipava dos Carajás, que a principio é de boa navegação, porém depois torna-se muito trabalhosa por ser mui falta d'agua: pousei em uma das ilhas, que se acha no meio da itaipava.

Dia 28. — Trabalhou-se ainda na itaipava, e pousei em uma praia, em que o rio não é pedregoso: d'este dia em diante o Carô me fez companhia até chegar á sua aldêa.

Dia 29. — Encontrei o rio sem obstaculo algum, e pousei junto á Ilha Grande dos Carajás: d'este ponto para cima não se encontra mais a palmeira chamada *Indaiá*, e só da ilha que chamei de S. José para cima é que me disseram os Indios haver com abundancia; e por essa razão os navegantes que houverem de concertar as cobertas dos seus barcos, devem fazel-o n'esta ilha ou nas suas visinhanças.

Dia 30. — Continúa ainda o rio sem obstaculo, e navegando todo este dia pousei abaixo da outra itaipava dos Carajás.

N. B. Desejando eu saber quaes as disposições d'estes Indios sobre estabelecimentos nossos nas visinhanças de suas aldêas, perguntei ao Carô se queria estabelecer-se nas proximidades do Araguaia por aquellas paragens; respondeu-me que sim, que isso era muito bom: então eu lhe disse que trariam bois, cavallos, &c.; respondeu que estava bom: disse-lhe mais que havia de vir um missionario; respondeu a mesma cousa: estando porém, por algum tempo, como quem pensava profundamente, levantou de repente a cabeça e disse: — presidio não. — Entendendo eu que elle me interrogava, respondi: — presidio tambem. — Então elle com vivacidade e voz forte me disse: — presidio não, não quero. — Eu repliquei — Presidio não? — elle respondeu — não quero. — Padre não, Turi (christão) não, boi não,

cavallo não. É facil ver por esta repentina mudança, que se nota nos pensamentos d'este Indio, que elle se não tem esquecido das crueldades contra elles praticadas por um imprudente commandante do extincto destacamento de Santa Maria, e que não será facil o estabelecimento de presidio na visinhança d'essas aldêas. Quanto ás relações que póde haver na descida e subida de barcòs, mostrou elle muita satisfação em todas as occasiões que se fallou a respeito: pedindo-me com muita instancia que fallasse ao general de Goyaz para lhe enviar farda, ferramentas, espingardas, baetas, &c., e que eu tomasse lembrança d'isso nos meus apontamentos da viagem; asseverando que os barcos na descida e subida achariam grande abundancia de todos os seus generos de roça.

Dia 1.º *de Outubro.* — Entrei na itaipava, que é muito sêcca no principio, e seus canaes muito tortos; ao meio dia encontrei seis ubás muito carregadas de mandiocas mansas e bravas, carás, batatas, bananas, ananazes optimos, favas, canna e muitos outros generos, como redes, fio de algodão, cera, &c., enviados pelo capitão José: aportei cedo em consequencia de se ter arrombado um dos barcos.

Dia 2.—Larguei tarde, e puxando-se os barcos á sirga pelo canal da esquerda, pousei, antes de sahir da itaipava, na margem direita.

Dia 3. — Tendo feito travessia para a margem esquerda, sahi da itaipava, e pousei á vista d'ella em umas ilhas. N'este dia veio ao meu encontro o capitão José com seu enteado Joanabedô, trazendo muitos generos de roça; a satisfação d'elles pareceu completa, e o mesmo Joanabedô, naturalmente mal encarado, e que a principio esteve muito fechado, tornou-se alegre e jovial á vista de ferramentas que lhe dei. Emfim, todos elles não cessavam de repetir a cada momento — capitão (assim me tratavam) muito bom camarada, muito bom; capitão Carajá manso, amigo muito, Carajá bom muito, Carajá tudo sua, — e outras muitas expressões, que me faziam ver que elles nos queriam certificar de que nada deviamos receiar da sua parte.

Dia 4. — Com o auxilio de uma ubá dos Indios, ás dez horas

do dia matou-se um veado que atravessava o rio: o capitão Carô mandou-me entregar o veado, dizendo que a minha gente era muita, e que era obrigada a fazer muita força em consequencia do peso dos barcos. O capitão José tornou a adiantar-se; ás seis horas aportei em uma ilhota de pedra e arêa defronte da aldêa: o capitão José salvou-me com tres salvas de armas de fogo, e a seu pedido sahi á terra com minha mulher, acompanhados tão sómente de tres camaradas: pondo o pé em terra, fomos rodeados de immensa multidão de homens, mulheres e meninos, circumstancia esta que me fez ver que suas palavras eram sinceras: todavia não deixava de causar grande terror (o qual eu muito me esforçava por encobrir) o ver-me d'est'arte entregue á discrição de similhante gente, da qual muitos tinham os corpos tintos de encarnado ou de preto, ou de uma e outra côr juntamente, apresentando pinturas mui variadas, como quadros, circulos, meios circulos, xadrez, listas que figuravam algumas roupas nossas, como collete, camisa, &c., accrescendo a isto os seus grandes cabellos, as armas de que muitos não largaram, e as altas vozerias e amiudadas risadas com que applaudiam ou escarneciam as nossas acções e palavras. O capitão José dirigiu-nos á sua cabana, onde assentados em uma grande esteira se achavam, para nos fazer a honra da hospedagem, algumas pessôas da familia do capitão, preparadas em grande gala, tendo borlas no cabello, e outras cahidas até os peitos, algumas nas pernas, brincos de pennas variadas nas orelhas, pedaços de louça e muita missanga no pescoço, &c., sem comtudo haver entre elles vestuario algum, excepto uma especie de tanga, de que se servem as mulheres. Fui muito obsequiado pelo capitão José, seus parentes e alguns mais: muito sentiram porém que não houvesse em grande quantidade para receberem, a troco de seus generos, facas, tesouras, navalhas, ferros de carpinteiros, pentes, anzóes, arpões, espelhos e outras muitas miudezas, que muito apreciam. Achando-se n'esta um desertor da companhia de pedestres de Goyaz, e querendo subir comigo, facilmente o conseguiu, custando porém o seu resgate dous machados. Estes Indios nas aguas tem seus domicilios na terra firme do lado

esquerdo, e na sêcca nas praias, onde fabricam suas cabanas, que são de uma construcção mui fragil: o numero d'estas na aldêa do capitão José excede a duzentas e cincoenta, e os guerreiros que appareceram pouco excederão a duzentos.

Dia 5. — Partindo ás oito horas do dia, pousei defronte da barra do ribeirão dos Gradaús. Esta nação, segundo me disse o capitão Carô, tem suas aldêas distantes do Araguaia para o occidente tres dias de viagem, em umas grandes matas: estes Indios são temiveis para os Carajás, e por essa razão estes pouco frequentam a margem esquerda do Araguaia.

Dia 6. — Naveguei com algum incommodo, por ser aqui o rio falto de agua, e pousei avistando um grande travessão de pedra.

Dia 7. — Cheguei cedo ao travessão de S. Marcos, descarregou-se todo o sal, passaram-se os barcos para cima, e dormi na ilha que existe proxima: havendo mais aguas, o canal encostado á terra firme do lado esquerdo deve offerecer melhor passagem.

Dia 8. — Ao meio dia cheguei á aldêa do meio, ou Tauámerim: esta aldêa contém setenta cabanas, e está debaixo do governo immediato do capitão Carô: acham-se aqui em grande abundancia os mais deliciosos ananazes, e os Indios d'esta aldêa applicam-se muito ao fabrico de redes: tendo brindado os Indios, e partindo ás duas horas, fiz pequena viagem por achar o rio com pouco fundo, e ser necessario descarregar um dos barcos.

Dia 9. — N'este dia fiz mui pequena viagem por encontrar um travessão, em que me foi preciso descarregar em uma praia, e pousei na ilha das Pombas.

N. B. O Araguaia n'estas paragens é muito largo, e por isso muito falto de aguas para offerecer franca passagem aos barcos de negocio: o canal por onde passei é o da esquerda, todavia não duvido que exista um canal encostado á terra firme do lado direito.

Dia 10. — Viajei pouco, por ser necessario descarregar um dos barcos por falta de aguas, e pousei por cima do travessão de S. Luiz.

Dia 11. — Foi necessario descarregar um dos barcos por falta de agua, e descansei ao meio dia quasi defronte de um campo, que na

margem esquerda chega ao barranco do rio: a vista de um campo havia tanto tempo almejada não deixou de produzir alguns effeitos, pois que com ella reviveram esperanças que estavam quasi extinctas na mente da grande parte da gente da tripolação, e d'ahi em diante já se ouviam conversações sobre a chegada e nova viagem para o Pará. Ás cinco horas da tarde cheguei á aldêa denominada Tauá-grande, na qual o capitão Carô tem a sua residencia: esta aldêa conterá umas duzentas e oitenta cabanas, e trezentos guerreiros mais ou menos. Eu brindei os Indios da melhor maneira que me pareceu, esforçando-me por destruir a má satisfação que mostrava o capitão Carô por ter sido a aldêa do capitão José muito bem aquinhoada de brindes; achei por tanto acertado deixar n'esta aldêa maior numero de ferramentas do que a principio tinha tenção de dar. Por desconfiar da sinceridade do Carô, tratei-o seccamente; elle percebeu a minha má satisfação, e mostrou-se sentido; mas com o offerecimento de mais ferramentas tornou-se ás boas. Os Indios d'esta aldêa pareceram-me desconfiados, e menos fartos por não terem talvez tantas ferramentas como os da aldêa do capitão José, que ha tempos as podem obter por via dos Indios Apinagés.

Dia 12. — Vim pousar no travessão do Pilão, cujo canal offerece melhor passagem do lado esquerdo, por ter puxador muito direito, apezar de muito alto. Alguns Indios com suas mulheres, que passavam para suas roças, mostravam-se receiosos de vir em pequeno numero ao logar em que eu estava; animando-se porém, a exemplo de um primeiro, ao qual fiz muitos agrados, não duvidaram vir receber a parte que lhes tocava, e em poucos momentos toda a pedreira ficou coberta de Indios.

Dia 13. — Passaram-se as cargas e os barcos para cima do travessão; tres Indios ajudaram no trabalho da cachoeira, e voltaram mui satisfeitos com a recompensa que tiveram.

Dia 14. — Ao meio dia aportei em uma ilha para concertar a igarité de descarreto. Durante o tempo necessario para esse fim tive occasião de observar que os Indios d'essa ultima aldêa tinham-se emfim convencido de que não era nossa tenção fazer-lhes mal algum,

pois que apresentando-se ahi em muito maior numero, e com mui poucas armas sem cautela alguma, com suas mulheres e crianças, espalharam-se por entre a tripolação, onde alguns se entregaram a um profundo somno: e deram mostras de estarem saudosos com a nossa partida. N'este dia pousei no travessão da Chuva de manga.

Dia 15.—Descarregaram-se e puxaram-se os barcos sem muito trabalho: doze Indios desarmados apresentaram-se para ajudar-me a passar este travessão; como porém eu não julgasse necessario, não se mostraram muito satisfeitos, mas não foi porque deixassem de trabalhar, porém sim porque viram frustradas suas esperanças de levar cada um sua ferramenta: pousei em uma praia que denominei Santa Thereza.

Dia 16.—Cheguei ao meio dia ao travessão do Páo d'arco: descarregaram-se os barcos, e fiz pouco com as canôas carregadas por cima. N'este travessão passou para cima o capitão Carô, para o fim de tirar burití na cachoeira de Santa Maria.

Dia 17.—Passei um travessão fundo, e fiz pouso por baixo do travessão do Joncam.

Dia 18.—Descarregaram-se os barcos nas pedras á direita, e passaram-se em um dos canaes do lado esquerdo: descansei logo acima na margem direita, em um logar em que o mato é muito estreito, e o campo offerece uma agradavel distracção: naveguei a tarde em rio bom, e pousei em uma bella praia.

Dia 19.—A navegação d'este dia foi variada, pois que encontrou-se pedras, baixios, poços, &c.; pousei em uma pequena praia no meio do rio.

Dia 20.—Avistou-se á direita uma linda serra, e duas ilhas que chamarei de S. José pela similhança que tem com uma do Tocantins que traz o mesmo nome; consta-me haver n'ellas grande quantidade de indaiá: fiz pouso na entrada do canal do lado esquerdo. Na margem d'esse mesmo lado entram tres ribeirões, e ha um morro coberto de capim.

Dia 21.—Naveguei sem novidade todo o dia, e fiz pouso em outras ilhas grandes: o canal do lado esquerdo é mui falto d'aguas,

porém o da direita é intransitavel. Estando de pouso, ás oito horas da noite chegou de cima o capitão Carô. Mostrou-se muito agastado contra os Indios Chavantes, que, segundo elle dizia, lhe haviam armado emboscadas; e queixando-se que trazia muita fome, mandei-lhe dar que comer, com o que ficou muito satisfeito. Instou para que lhe désse uma sacca de sal, a qual com effeito dei, e algumas miudezas mais; e assim despediu-se muito contente e satisfeito, dizendo que ficava esperando nas aguas as canôas grandes, que lhe haviam de conduzir espingardas, baetas, ferramentas e fardas que o general lhe havia de mandar.

Dia 22.—Passei um sêcco e travessão fundo, e pousei por baixo do travessão das Tres Portas, defronte do aprazivel logar em que esteve collocado o presidio de Santa Maria, avistando a campina e a linda pequena serra que se vê ao nascente. Não obstante os muitos incommodos de espirito que então me agitavam, e a grande quantidade de mosquitos que me obrigaram a embrenhar-me no mato para poder passar a noite, todavia veio-me ao pensamento a idéa de que, se não fôra a grande imprudencia e crueldade de um militar, podéra talvez estar existindo n'aquelle logar uma linda povoação, podendo ter-lhe dado incremento aquelles mesmos Indios que se tinham visto na dura necessidade de destruil-a ainda em seu principio: olhe-se pois para tão terrivel exemplo, e ver-se-ha que se deve proceder de uma maneira bem differente, si não se quizer ver reproduzidas scenas similhantes, e si se quizer continuar a navegação pelo Araguaia.

Dia 23.—Puxou-se no travessão das Tres Portas, e descarregou-se na primeira pancada forte da cachoeira de Santa Maria: n'esta pancada esteve para perder-se por duas vezes o barco maior; para evitar similhante risco é acertado pôrem-se alli os barcos de meia carga. Pousei por baixo da segunda pancada grande.

Dia 24. — Procurei o meio do rio para passar sem maior incommodo um travessão que está por baixo da segunda pancada, passado o qual tomei para a margem direita, onde vim descarregar. O puxador é na pedreira do meio, para onde se faz travessia com bastante trabalho.

Dia 25. — Naveguei encostado á margem do lado esquerdo, e descansei meio dia em um aprazivel campo, onde havia grande quantidade de veados; e pousei em uma extensa praia no meio do rio.

Dia 26. — Falhei para caçar.

Dia 27. — Naveguei pouco por não haver que comer, e pousei no pequeno travessão do lago.

Dia 28. — Naveguei pouco por se demorarem alguns camaradas no campo, e fiz pouso em uma ilha abaixo da itaipava dos Campos.

Dia 29. — Passei parte d'aquella itaipava, e pousei por cima de um forte gorgulho antes de chegar á sahida.

Dia 30. — Por volta de dez horas foi necessario descarregar um dos barcos por falta de agua, e ás onze horas encostei na ilha de Santa Anna, falhando-se a tarde por motivo de caçar. Entretanto achou-se uma taboa de canôa, na qual se viam gravadas as seguintes palavras: *Dia* 31 *de Outubro voltou o soccorro:* é inexplicavel a alegria que causou um similhante achado; todavia eu no primeiro momento duvidei do que lia, pois que estavamos ainda a 30 de Outubro; examinando porém as lettras, vi que era nova a gravura, e que havia falta de verdade n'aquella inscripção. Fui ao logar em que se havia achado a taboa, e procedendo ás mais escrupulosas averiguações, conheci que havia uma differença de seis a oito dias entre aquelle em que se tinha alli deixado a taboa e aquelle em que nos achavamos; todavia tratei de despedir a ubá que eu havia comprado para servir de montaria para o fim de ir ao alcance do soccorro, e com effeito partiram de madrugada tres camaradas e um dos pilotos com as informações necessarias para evitarem qualquer engano na entrada do furo do Bananal ou dentro do mesmo furo: não valeram porém nem as minhas informações e nem a presteza que tanto recommendei; foi irremediavel a falta em que cahiu o conductor do soccorro por se ter retirado antes da minha chegada.

Dia 31.—Descarregou-se e passou-se pelo canal da direita encostado á ilha, e fiz pouso defronte da bocca de um grande lago.

N. B. N'este travessão acabam-se as pedras do rio Araguaia na navegação para a cidade de Goyaz, e se alguns pequenos travessões

se encontram, não ha n'elles perigo algum: em geral d'ahi para cima o rio é muito espraiado, porém nunca me foi necessario descarregar. Tendo pois vencido uma extensão do Araguaia, em que tinha trabalhado quasi constantemente em um rio empedrado, no qual se acharam trinta e quatro descarretos, assentei que bem pouco era o que me restava para vencer; porém enganei-me, muitos trabalhos me estavam ainda reservados. Devo notar finalmente que, com quanto d'este travessão para cima se encontrem lindissimas praias que quasi constantemente se tocam, aprazíveis barreiras (13) nas quaes o campo chega á borda d'agua, um sem numero de lagos em que existe uma immensa quantidade de peixe, e o rio seja ahi de boa navegação, todavia, apezar de tudo isto, uma estranha monotonia torna a navegação muitas vezes enfadonha.

Dias 1 a 4 de Novembro. — A navegação d'estes dias foi sem novidade; no ultimo porém teve logar um facto, que havia dias eu esperava, mas que eu não podia evitar. Na contingencia de acabar-se-me a farinha continuando a dal-a em rações ordinarias, ou de tel-a em pequenas rações por mais tempo, preferi o segundo expediente; isto porém dava causa a repetidas e rancorosas murmurações, das quaes pareceu-me quererem passar a vias de facto; suspeitando pois algum trama, chamei a um camarada, que me parecia cabeça, e entendendo-me com elle procurei fazel-o entrar na razão, e com effeito pareceu-me havel-o conseguido: por outra parte, ao mesmo tempo que isto se passava com os camaradas, os soldados que me tinham sido dados pelo governo da provincia para me auxiliarem n'esta viagem queixavam-se affrontosamente de haver o piloto pousado depois de Ave-Maria, chegando ao ponto de ameaçar que não poriam muita duvida em tirar-lhe a vida: servi-me para com estes das mesmas armas de que me tinha servido para com os camaradas, e os espiritos pareceram-me acalmarem-se. Todavia eu bem pouco pude tranquillisar-me durante toda esta noite.

(13) Barreira é o logar escarpado na margem do rio com extensão até meia legua, onde não ha mato.

Dia 5. — Desde que se largou do pouso entretiveram-se os principaes remeiros em continuadas murmurações, mostrando contra mim a maior indisposição, até que ás dez horas do dia, não podendo soffrer mais os seus desaforos, e quasi em um estado de desesperação, lhes disse que podiam livrar-se de todos os incommodos que lhes causava dando-me elles uma morte inevitavel com uma das armas de fogo, que tinham carregadas na prôa. A murmuração cessou, e mudando eu a medida da ração de farinha, pude conseguir seguir a minha viagem com menos receios de perigos da parte da tripolação. Taes foram as circumstancias em que me achei, sem que tivesse recurso contra os auctores de similhantes procedimentos, pois que os militares em muitas occasiões mostravam-se peiores. Á vista d'isto aconselho aos navegantes que devem embarcar sempre tão grande quantidade de farinha, e dar tão acertadas providencias sobre soccorros, que nunca lhes seja necessario lançar mão de medidas demasiadamente economicas.

Dias 6, 7 *e* 8. — Navegando sempre, no dia 8 ás onze horas e meia cheguei á barra do furo do Bananal: ao mesmo tempo que a tripolação e todas as pessôas de minha comitiva se entregavam a uma indiscreta alegria, o meu coração se contristava pela pouca quantidade d'agua que então tinha o furo do Bananal: arrastou-se muito os barcos ás costas, e pousei á pouca distancia da entrada.

Dia 9.—Descarregaram-se e arrastaram-se os barcos: n'este dia começaram as chuvas de inverno.

Dia 10.—Arrastaram-se os barcos, descarregaram-se e carregaram-se, e mudou-se de pouso: as chuvas continuam.

Dia 11.—Cheguei a um areão ou banco de arêa, que tinha uma extensão de mais ou menos trinta braças, em que quasi totalmente se descarregaram os barcos; não admittindo porém o canal encosto senão em uma distancia de meio quarto de legua, foi necessario carregar a carga as costas em toda esta extensão. Vendo porém que por similhante maneira era-me absolutamente impossivel vencer as difficuldades que de dia a dia se augmentavam, propuz a volta para fóra do furo, e a viagem pelo braço grande: mas não pude

vencer a repugnancia que encontrei da parte do sargento de caçadores Antonio José de Azevedo, que havia descido com o conde de Castelnau; do piloto e quasi todos os camaradas e soldados, dos quaes uns me apresentavam uma morte certa entre as mãos dos Carajás, chegando o sargento a dizer que se eu me resolvesse a entrar pelo braço grande, elle com um ou dous soldados seguiria por terra para S. Joaquim do Jamimbú; o piloto e outros argumentavam com a esperança que tinham d'agua sufficiente, visto que nos achavamos quasi em meiados de Novembro. Cedendo pois, assentei de arrostrar os trabalhos que eu antevia.

Dia 12.—Carregaram-se os barcos, e tornou-se a descarregar logo acima.

Dia 13.—Carregou-se a carga na igarité de descarreto, e arrastaram-se os barcos.

Dia 14.—Trabalhou-se todo o dia da mesma maneira que nos antecedentes, mas nada se adiantou; e continuando as chuvas com muita força, houve um grande prejuizo no sal, por isso que faltavam n'estes logares as folhas de palmeiras com que elle se podesse cobrir. Eis pois as tristes circumstancias em que me via: ou havia de vêr anniquilar-se parte do carregamento dos barcos, que tantos sacrificios me havia custado para pôr n'aquellas alturas, ou havia de expôr-me aos maiores padecimentos e desgraças, consumindo sem dar um passo a pouca farinha que me restava! Não sabendo porém o que era feito da ubá que eu havia mandado ao alcance do soccorro, e achando-me cento e quarenta e tantas leguas distante do logar aonde podia achar algum recurso, restando apenas nove alqueires de farinha para cincoenta e quatro pessôas, inclusivè a minha mulher, cuja resolução de acompanhar-me muito tinha contribuido para achar gente para tripolação, e que eu vi então em circumstancias de perecer á fome, eu tinha razão de considerar-me nas mais tristes circumstancias!... Então ventilou-se a idéa de deixar-se as cargas dos barcos em ranchos, para o fim de evitar-se os perigos que nos aguardavam: chegando-me isto aos ouvidos, não me achei então com a força moral que tinha tido no dia 19 de Agosto; todavia animei a gente,

dizendo-lhe que o soccorro e as aguas não deveriam tardar, e tratei de pensar no que faria. Em uma tal conjunctura resolvi subir para o presidio de S. Joaquim de Jamimbú na igarité de descarreto, afim de procurar soccorros para evitar ao menos uma parte das desgraças a que estavamos expostos. Tendo feito pois todas as recommendações que julguei convenientes, deixei os barcos entregues ao piloto e ao meu cunhado Hermenegildo Francisco de Azevedo, que espontaneamente quiz acompanhar-me n'esta viagem, e no dia 15 larguei para cima: no dia 18 tendo quasi constantemente arrastado a igarité, apezar de vasia, encontrei o soccorro que havia sido alcançado pelo meus enviados. Então soube que a causa de tão grande demora havia sido o terem-se estes enganado na entrada do furo, e terem tomado pelo braço grande, onde reconheceram o seu erro depois de chegarem ás aldêas dos Indios Carajás, os quaes os informaram da descida do soccorro, dizendo além d'isto os mesmos Indios que por alli não tinham elles voltado; soube além d'isto que, em consequencia d'essa informação, haviam os meus enviados regressado para entrar pelo furo, perdendo d'est'arte quatro dias de viagem. Quanto ao soccorro póde-se fazer idéa do embaraço em que se viram os conductores d'elle, cujo encarregado foi um cabo de tropa de linha, de nome Joaquim Marques de Arruda, á vista da falta de verdade em que estavam comprehendidos, e dos trabalhos e despezas a que dava logar sua anticipada retirada. Sem que consultasse o que devia fazer, conheci que era occasião de pôr em practica o meu pensamento de subir pelo braço grande, e assim no dia 19 cheguei aos barcos, onde achei tudo em paz. A minha volta foi realmente um dia de festa: a minha presença, que não pouca confiança inspirava á tripolação, á vista de pessôas, das quaes muitas eram conhecidas, e em fim o soccorro, apezar de pequeno, pois que chegou apenas sete saccas de farinha e algumas bagatellas mais, não devia produzir menos effeito: as esperanças renasceram, e eu dei ordem para o regresso do furo. Eu julgo dever notar que ao cabo foram entregues vinte e seis saccas de farinha, &c., mas o fado não permittiu que me chegassem mais do que sete.

á excepção de achar o rio muito corrente, e ser-me necessario navegar sempre a gancho e forquilha.

Dia 19. — Falhei a tarde por não terem apparecido os camaradas que tinham sahido a caçar.

Dia 20.—Não apparecendo aquelles camaradas, e não me restando mais do que uma unica sacca de farinha, ordenei que descessem tres camaradas em uma ubá de uns Indios que ahi appareceram, a fim de vêr o que era feito dos camaradas que haviam ficado perdidos no campo; e subi na igarité a encontrar-me com um dos conductores do soccorro, que segundo me informaram os Indios achava-se na pesca dos pirarucús, perto do encontro dos dous braços da ilha do Bananal.

Dia 21. — Voltei para o logar em que se achavam os barcos, e ahi achei os camaradas que tinham apparecido: mandei tres camaradas buscar soccorro na ubá, descansei no lago grande, e fiz pouso pouco acima.

Dia 22. — Descansei defronte da ponta da ilha do Bananal, e pousei na entrada do canal que tem o nome de Braço Falso.

N. B. Tendo encontrado no braço grande no dia 22 de Novembro, trinta dias se passaram primeiro que eu podesse alcançar a ponta de cima da ilha do Bananal. Se não fosse as muitas falhas que tive, e a enchente com que tive de lutar, é provavel que esta viagem se podesse fazer em vinte dias. Devo notar que este braço não é menos abundante de caça e de peixe do que o furo; n'elle se encontram muitos lagos, em que ha grande quantidade de pirarucús, e muitos campos, onde pastam muitos rebanhos de veados; o mesmo rio offerece abundante pesca de muitas especies de peixes grandes e pequenos.

As aldêas dos Carajás por onde passei constam em geral de oito a dez cabanas, contendo de vinte a trinta Indios, todos muito miseraveis e preguiçosos: eu brindei a cada uma d'essas aldêas com uma ou duas peças de ferramenta, e alguns objectos de menor valor: todos elles me pareceram mui bem dispostos a nosso respeito, e mostram desejar que continue a navegação. Julgo dever fazer

algumas observações sobre a grande ilha de Santa Anna: esta ilha, cuja largura o conde de Castelnau avalia de vinte e cinco a trinta leguas, não tem de certo menos de cem de comprimento; ella parece ser em geral baixa, tendo apenas algumas pequenas elevações cobertas de hervas pouco proprias de pastagens, e por essa razão ella é quasi sempre coberta d'um carrasco de mistura com um capim de altas dimensões, formando um denso capinal quasi impenetravel; e em outros logares, que se assemelham mais a mato do que a campo, o caçador encontra tantos embaraços para penetrar no interior da ilha, que antes quer voltar do que seguir; todavia acham-se alli alguns campos, onde bem como na terra firme se encontram muitos veados; o cervo porém é a caça mais commum n'aquella ilha.

Dia 23. — Cheguei ao lago do Zeferino, logar em que haviam estado os Indios Chavantes esperando os barcos a fim de negociarem, segundo me havia informado um dos conductores do soccorro.

Dia 24. — Posto que até este dia me não tivesse faltado farinha, todavia muitas murmurações iam apparecendo, e trabalhava-se já com pouca cautela e algum risco dos barcos; por isso não duvidei consentir que fossem ver se encontravam com os Indios Chavantes, entre os quaes esperavam achar algum recurso de mantimento.

Dia 25. — Andei até meio-dia, falhando por falta de farinha.

Dia 26. — Ao meio-dia chegaram a tal ponto as murmurações, que minha mulher não querendo estar presente e retirando-se para terra, um camarada que notou este passo de prudencia com incrivel arrogancia disse — quem não gostar do que estou dizendo metta algodão nos ouvidos. Então julguei que me não convinha expôr-me por mais tempo a estes e outros similhantes insultos, e embarquei-me na igarité de descarreto, tendo assentado de esperar os barcos no destacamento do Jamimbú: encontrando o soccorro mandei que seguisse para baixo ao encontro dos barcos, e eu continuei minha derrota para o destacamento, onde cheguei no dia 29 de Dezembro.

Dia 27. — Os barcos estiveram amarrados, chegando na tarde d'esse dia o soccorro com o mantimento sufficiente para chegarem a S. Joaquim de Jamimbú.

Dias 28, 29, 30 *e* 31. — A navegação d'estes dias foi summamente penosa e arriscada em razão de se achar o rio com grande enchente.

Dia 1.º *de Janeiro de* 1848. — Chegaram os barcos ao destacamento. Achando-me falto de viveres para continuar a viagem, entendi-me com o commandante militar sobre as providencias que se deviam dar a respeito, e lisongeei-me de que em oito dias poderia seguir a minha derrota; mas não aconteceu assim, a falta de utensis necessarios não permittiu que se me podesse apromptar vinte e tres alqueires de farinha em menos de dezeseis dias; accrescendo que as diligencias do commandante não obstavam a que grande parte de farinha que os roceiros iam fazendo não fosse distrahida nas vendas, que elles faziam aos camaradas e soldados Bem extensos me pareciam estes dias em razão da grande quantidade de praga que alli ha!

Dias 16, 17 *e* 18. — Naveguei com muito trabalho por causa da cheia do rio, mas este começou a mostrar vasante. Appareceram então fortes ataques de febres intermittentes.

Dias 19 *a* 26. — Posto que o rio tornou-se melhor por ter vasado consideravelmente, todavia a viagem continuou vagarosa em razão de se achar a maior parte da tripolação atacada das febres: no dia 26 pousei defronte da capoeira de Manoel Pinto, pouco abaixo da barra do Rio Vermelho.

Dia 27. — Ás oito horas da manhãa entrei n'aquella barra: o rio ia um tanto cheio, e por isso naveguei sem incommodo, posto que o rio seja mui pequeno.

Dias 28, 29, 30 *e* 31. — A navegação d'estes dias foi trabalhosa por ser o rio de muita correnteza. No dia 31 ficou-me á direita a bocca do lago dos Tigres.

Dias 1 *e* 2 *de Fevereiro*. — Continuaram as correntezas, e por isso foi necessario grandes trabalhos para vencel-as.

Dia 3. — Foi necessario arrastar os barcos, e o mesmo aconteceu por muitas vezes no dia seguinte.

Dias 4, 5 *e* 6. — Continuou-se a arrastar os barcos, até que finalmente no dia 6 ás oito horas da manhãa aportei no porto de

Thomaz de Souza. Devo notar que eu tinha então farinha sufficiente, e facil me era haver a carne necessaria para continuar a minha viagem até o arraial da Barra, logar em que eu tencionava findar a minha navegação; porém a falta d'agua no Rio Vermelho, o máo estado dos barcos, a grande quantidade de pedras e páos que se encontra n'aquelle rio, forçaram-me a fazer ponto n'aquelle porto, dando-me ainda por muito feliz de ter concluido a minha viagem, se bem que menos feliz do que eu esperava.

Desejando ainda dizer alguma cousa que possa ser util á navegação, eu apresentarei o meu modo de pensar sobre a maneira de fazer chegar á capital de Goyaz os carregamentos que subirem do Pará. O Rio Vermelho é incapaz de navegação de barcos de negocio, salvas algumas occasiões em tempo d'aguas, e por isso assento que deve haver um novo systema de navegação por esse rio. Os barcos proprios são igarités, que deverão ser de um talho particular, isto é, razas, largas e de um comprimento proporcionado á largura: julgo que não me engano dando-lhes trinta e seis palmos de comprimento, doze de largura, e dous e meio de fundo. Estas igarités, cujo numero deverá ser o triplo dos barcos, deverão receber os carregamentos na barra do Rio Vermelho, no porto de Thomaz de Souza ou na barra do Itapirapuã, conforme a agua que tiver o Rio Vermelho, e descarregar-se no arraial da Barra; evitando-se d'est'arte as grandes despezas que se deve fazer nas conducções por terra de cada um d'aquelles portos ou de outros para esta cidade.

Recapitulando o que tenho feito ver da minha viagem, é claro que da confluencia do Araguaia ás primeiras aldêas vim em cincoenta e nove dias, d'estas á ponta de baixo da ilha do Bananal em trinta e quatro, e d'esta viagem seguida a S. Joaquim de Jamimbú quarenta, e d'ahi ao porto de Thomaz de Souza vinte e um, não contando a falha: sommando cento e cincoenta e quatro. Tantos foram os dias que gastei da barra do Araguaia ao porto de Thomaz de Souza; mas isto foi em consequencia de entrar muito tarde n'este rio. Devo pois notar, que descendo-se no tempo proprio, o que se deverá ter sempre em vista, da barra á Cachoeira grande não se gastará mais

de oito dias, e n'esta dez; d'esta ao sahir da cachoeira de S. Miguel nove; d'esta ás aldêas seis; d'esta á cachoeira de Santa Maria treze; d'ahi á cachoeira de Santa Anna cinco; d'esta cachoeira á ilha do Bananal oito; da ponta de baixo da ilha do Bananal á ponta de cima vinte e quatro; d'ahi ao destacamento seis; chegando a cento e nove os dias gastos dentro do Araguaia e Rio Vermelho: e sendo certo que se póde fazer a viagem para o Pará em trinta dias, que se póde aviar o negocio em dezeseis, e gastar-se na volta até á barra sessenta, segue-se que toda a viagem poderá effectuar-se em sete mezes e meio, isto é, o mesmo tempo que se gasta nas viagens da villa da Palma para o Pará pelo rio Tocantins, em barcos de porte de mil arrobas.

Pela exposição que acabo de fazer é claro que, se por um lado é possivel a navegação pelo rio Araguaia, por outro é evidente que é necessario muito cuidadosamente evitar aquellas circumstancias que podem tornar desgraçada uma viagem por este rio. Devo pois advertir que a descida deve ser cedo, isto é, no mez de Fevereiro, e ao mais tardar por todo o mez de Março: cada barco de negocio deve ter sua igarité de descarreto e montaria de caçar: a farinha que ficar reservada para a volta em S. João d'Araguaia não deve ser menos de dous alqueires por cada individuo: os navegantes devem ter em vista a sua posição entre os Indios, e agradal-os o mais possivel, evitando qualquer desavença por pequena ou particular que seja.

Resta-me emfim dizer que achando-se para mim reservada em parte a gloria de realisar um pensamento, que ha tempo occupava os espiritos dos verdadeiros amigos da prosperidade da nossa provincia, eu me terei por muito feliz se a minha viagem produzir os fructos que d'ella se deve esperar.

Goyaz, 27 de Março de 1848.

Rufino Theotonio Segurado.

DOCUMENTOS OFFICIAES INEDITOS

Relativos ao Alvará de 5 de Janeiro de 1785, que extinguiu no Brazil todas as fabricas e manufacturas de ouro, prata, sedas, algodão, linho, lãa, etc.

(**Copiados dos originaes existentes no Archivo publico nacional, e offerecidos ao Instituto pelo seu 1.º Secretario perpetuo Manoel Ferreira Lagos.**)

Ill.mo e Ex.mo Sr.

1. A Sua Magestade foi presente que na maior parte das capitanias do Brazil se tem estabelecido, e vão cada vez mais propagando, differentes fabricas e manufacturas, não só de tecidos de varias qualidades, mas até de galões de ouro e prata: igualmente tem chegado á Real presença informações constantes e certas dos excessivos contrabandos e descaminhos, que da mesma sorte se praticam nos portos e interior das referidas capitanias.

2. Os effeitos d'estas perniciosas transgressões se tem já feito e vão cada vez mais fazendo sentir nas alfandegas d'este reino, nas quaes não tendo diminuido os despachos e rendimentos das fazendas e generos do uso e consumo dos habitantes d'elle, demonstrativamente se conhece uma diminuição successiva e cada vez maior dos generos e fazendas que se exportam para o Brazil.

3. O administrador geral da alfandega, convencido d'estes factos pelo que vê com os seus olhos no despacho diario da mesma alfandega, e pelas noticias e informações adquiridas de diversas partes em razão do logar que igualmente occupa de intendente geral da policia, tem feito differentes representações similhantes ás das copias juntas debaixo dos n.os 1 e 2.

4. A junta das fabricas d'estes reinos, por meio do seu presidente, tem da mesma sorte posto na Real presença, que na fabrica das sedas que administra, havendo entre outros o importante artigo dos

galões, estes tiveram grande sahida para os dominios do Brazil, a qual tinha consideravelmente diminuido em gravissimo prejuizo da mesma fabrica, attribuindo esta differença ás manufacturas dos ditos galões de ouro e prata que se acham estabelecidas n'esses dominios portuguezes, constando aqui que para elles se remette clandestinamente d'esta côrte até fio de ouro e prata.

5. Ultimamente não só nas principaes villas e cidades dos portos de mar do Brazil, mas no interior do mesmo Brazil, particularmente em Minas Geraes, é constante os estabelecimentos das mencionadas fabricas, como se tem comprovado na Real presença por muitas e diversas amostras de tecidos, remettidas á esta secretaria d'estado, d'aquella capitania, e como igualmente se poderá ver nos registos das fazendas que annualmente se remettem para ella, e na diminuição que de alguns annos a esta parte se tem observado no contracto das entradas.

6. Dos contrabandos e descaminhos ainda ha noticias mais evidentes e demonstrativas: é certo que concluida a ultima guerra entre Inglaterra, França e Hollanda, todos os corsarios d'estas tres nações, principalmente das duas primeiras, se transmutaram na maior parte em outros tantos navios de commercio, e que não tendo França recuperado as colonias que anteriormente possuia, e a Gram-Bretanha tendo perdido uma grande parte das suas, é bem certo que aquellas duas nações, na falta dos proprios dominios, se não hão de esquecer dos alheios, principalmente dos portos do Brazil, convidados pelas riquezas e facil accesso d'elles, e pelo auxilio e cooperação dos seus habitantes, dispostos e propensos aos referidos contrabandos.

7. As Provincias Unidas Americanas, que de uma nação sujeita passaram a uma potencia livre e soberana, tendo grande quantidade de embarcações durante a guerra, que viviam do corso, tambem as veremos, quando menos o esperarmos, infestarem os portos e costas do mesmo Brazil, principalmente não lhes sendo desconhecidos, mas antes tendo sem interrupção frequentado aquelles mares, onde faziam e fazem a pesca das balêas.

8. As muitas e repetidas tomadias que se tem feito a bordo dos

navios que sahem d'esta capital e da da cidade do Porto para esses dominios, mostra bem o muito que n'elles se tem animado o contrabando, ainda pelos mesmos portos d'este reino, sem que bastem as assiduas cautelas que aqui se tem tomado para o cohibir.

9. Os Hollandezes já de muitos annos á esta parte fazem um frequente e não interrompido commercio de contràbando da costa d'Africa para os portos do Brazil, impondo-nos, além d'isto, um jugo tão intoleravel e tão injurioso, que até agora não ha exemplo que outra alguma nação, excepto a portugueza, se submettesse a supportar.

10. Os proprios navios portuguezes, principalmente os das capitanias da Bahia e Pernambuco, e os effeitos que elles levam, principalmente o tabaco e ouro para o resgate dos negros, são os que servem aos Hollandezes, e a seu exemplo aos Francezes e Inglezes para introduzirem nas mencionadas capitanias, d'ellas se espalharem por mar e terra em quasi todas as outras do Estado do Brazil os referidos contrabandos, como demonstrativamente se sabe por muitos e repetidos factos.

11. Além d'estes nocivos canaes da costa d'Africa, e dos nossos proprios navios, não são menos inundados os mares e costas d'esses dominios portuguezes das mesmas embarcações estrangeiras, as quaes, ou pelos portos em jangadas e outras pequenas embarcações, ou pela costa, ou ainda no mar por encontros ajustados com os nacionaes, praticam sem o menor obstaculo os mencionados contrabandos.

12. Até agora se promoviam e praticavam estes debaixo de algumas cautelas e disfarces, presentemente porém tem chegado a relaxação a tal extremo, que já na bolsa de Londres se fazem seguros dos navios inglezes com determinado destino para o Brazil: nas gazetas d'aquelle reino tambem com toda a publicidade se annunciam pelos seus proprios nomes e dos seus respectivos capitães as embarcações que alli se preparam, ou que estão com carga e promptas a sahir para o mesmo Brazil.

13. Ultimamente o consul da Gram-Bretanha, em uma memoria que da parte d'El-Rei seu amo e por ordem sua apresentou n'esta

côrte, sobre objectos de commercio entre este e aquelle reino, não duvidou confessar com toda a ingenuidade e franqueza o negocio clandestino que faziam os Inglezes em direitura para esses dominios d'esta corôa, na fórma que V. Ex.ª verá da copia junta debaixo do n.º 3.

14. São dignas da mais circumspecta reflexão os termos com que se explica o consul inglez; porque não só assevera que doze navios inglezes, o menor de quinhentas a seiscentas toneladas, com artilharia proporcionada, e quarenta a cincoenta homens de equipagem, vão annualmente carregados de manufacturas britannicas para o Brazil; mas que os homens de negocio brazileiros remettendo os seus assucares aos seus correspondentes em Lisboa, lhes ordenam de lhes não mandarem d'aqui em retorno fazendas da Europa, e só sim moeda corrente, não só por se acharem os seus armazens abundantemente providos d'ellas, mas por terem meios de haver as ditas fazendas por outras vias a preços mais commodos que aquelles com que ellas lhe vão carregadas de Portugal: concluindo o dito consul a sua narrativa com as informações particulares, por onde diz que lhe constava de se haver proposto do mesmo Brazil a um negociante de credito estabelecido n'esta côrte um plano de sociedade para um commercio immediato entre Inglaterra e uma parte d'America Portugueza, o qual commercio deixaria de lucro de trinta a cincoenta por cento, abatidos todos os riscos, sustentado com força sufficiente contra quem o quizesse embaraçar. E isto é o que um consul da Gram-Bretanha representa e segura, não como noticias abstractas e duvidosas, nem repetidas como taes occasionalmente em um encontro ou conversação particular, mas asseveradas em uma memoria ministerialmente apresentada por elle em nome d'El-Rei seu amo, para ser presente á Rainha nossa senhora.

15. O mesmo consul tambem accrescenta, que se acaso se duvidar d'estes factos, um exame nas alfandegas do Brazil, em que se veja a quantidade de fazendas que n'ellas se tem despachado e despacham, confirmará além de outras provas a verdade d'elles: e ainda que até agora se não tenha feito, como se deve fazer, o referido exame nas

mencionadas alfandegas, a visivel e ruinosa diminuição, que se observa na de Lisboa em os despachos que n'ella se fazem para os portos do Brazil na fórma acima referida; as consideraveis porções de ouro, que pelos navios americanos que fazem o negocio da costa d'Africa e por outros differentes canaes se extrahem d'esses dominios para os reinos estrangeiros; as que vem igualmente extravìadas e fóra dos registos, e ainda as lançadas n'elles remettidas aos mesmos estrangeiros residentes n'esta cidade e na do Porto, para serem, como são, exportadas para fóra do reino; as muitas e importantes partidas de diamantes do Brazil extraviados das minas, que apparecem e se diffundem na praça de Amsterdão por diversas mãos em nociva e prejudicialissima concurrencia com os diamantes do contracto, que hoje se administra por conta da real fazenda; e em fim as diminutas remessas de cabedal que annualmente se mandam a este reino, pertencentes á mesma real fazenda, e procedidas dos quintos dos contractos, e de outros rendimentos de que se fórma o patrimonio regio nas differentes capitanias do Brazil; reduzido tudo, como presentemente se acha, a uma somma verdadeiramente insignificante, que annualmente se remette ao real erario: todos estes indubitaveis e constantes factos visivelmente mostram que a principal causa e origem d'elles procede de uma geral e perniciosissima contaminação de descaminhos e contrabandos, dispersa por todas ou quasi todas as referidas capitanias: e que si não se cuidar efficazmente nos meios e modos de os cohibir, a consequencia será que todas as utilidades e riquezas d'estas importantissimas colonias ficarão sendo patrimonio dos seus habitantes e das nações estrangeiras, com quem elles as repartem, e que Portugal não conservará mais que o apparente, esteril e inutil dominio n'ellas.

16. Em consequencia d'estas reflexões, que com a devida circumspecção e madureza foram vistas, ponderadas e examinadas na Real presença: houve Sua Magestade por bem ordenar que o resumo d'ellas se remettesse em cartas circulares a V. Ex.ª, e a todos os governadores e capitães generaes do Estado do Brazil, para que á vista do mesmo resumo, e conhecendo por elle a delicada situação

a que tem chegado, e em que se acham esses dominios, empreguem todo o seu cuidado e vigilancia em os preservar da ultima ruina que os ameaça: e sendo as fabricas e manufacturas, e os contrabandos e descaminhos, a origem de todo o mal, ellas e elles são os que mais instam para um prompto e efficaz remedio.

17. Quanto ás fabricas e manufacturas é indubitavelmente certo que sendo o Estado do Brazil o mais fertil e abundante em fructos e producções da terra, e tendo os seus habitantes, vassallos d'esta corôa, por meio da lavoura e da cultura, não só tudo quanto lhes é necessario para sustento da vida, mas muitos artigos importantissimos para fazerem, como fazem, um extenso e lucrativo commercio e navegação; se a estas incontestaveis vantagens ajuntarem as da industria e das artes para o vestuario, luxo e outras commodidades precisas, ou que o uso e costume tem introduzido, ficarão os ditos habitantes totalmente independentes da sua capital dominante: é por consequencia indispensavelmente necessario abolir do Estado do Brazil as ditas fabricas e manufacturas: e isto é o que Sua Magestade ordena que V. Ex.ª execute, e faça executar n'essa capitania e nas que lhe são subordinadas, com a prudencia e discernimento com que sempre obra, e que as circumstancias d'ellas e a gravidade d'esta commissão exigem.

18. Com este fim deve V. Ex.ª, antes de outro algum procedimento, informar-se particularmente de todas e cada uma das referidas fabricas e manufacturas que se acharem estabelecidas n'essa capital, e nos mais districtos do seu governo e subordinados a elle, quaes são os sitios e logares em que ellas existem, quaes os proprietarios e interessados a que pertencem, que numero de operarios se empregam nos teares, tinturarias, fiados e mais officinas de cada uma das referidas fabricas, e quaes são os tecidos e obras que em cada uma d'ellas se fabricam, para de tudo mandar V. Ex.ª fazer uma relação exacta e circumstanciada, que deve remetter a esta secretaria d'estado para ser presente a Sua Magestade.

19. Todas as fabricas e manufacturas de galões ou tecidos de ouro e prata, de veludos, brilhantes, setins, tafetás, ou de outra qual-

quer qualidade de seda; de belbutes, chitas, bombazinas, fustoes, ou de outra qualquer qualidade de fazendas de algodão, ou de linha branca ou de côres, excepto as abaixo declaradas; e de pannos, baetas, droguetes, saetas, durantes, ou de outra qualquer qualidade de tecidos de lãa, ou cada uma das ditas fazendas seja fabricada de um só dos referidos generos de ouro, prata, seda, algodão, linho, lãa, ou misturada e tecida de uns com os outros, como tambem as fabricas e manufacturas de chapéos, sejam todas abolidas e extinctas: excitando V. Ex.ª, e mandando pôr na sua rigorosa e inviolavel observancia, não só as prohibições que ficam acima indicadas, mas a que já se acha estabelecida e promulgada para a extincção das officinas e officio de ourives, e contra todos os que trabalham em ouro reduzindo-o a peças e obras pertencentes ao mesmo officio.

20. Attendendo Sua Magestade porém ao grande numero de escravatura, Indios, e familias indigentes dispersas por todas as capitanias do Brazil, e ao grave incommodo que lhes causaria se houvessem de se vestir de fazendas, ainda das mais ordinarias, remettidas da Europa: manda exceptuar da geral prohibição acima indicada as manufacturas e teares de pannos grossos de algodão, que servem ordinariamente para o uso e vestuarios dos referidos negros, Indios e pobres familias, e para enfardar e empacotar fazendas, ou outros usos similhantes: tendo V. Ex.ª grande cuidado em que debaixo do pretexto dos sobreditos pannos grossos se não manufacturem por modo algum os que ficam geralmente prohibidos.

21. Sua Magestade deixa ao prudente arbitrio e conhecido discernimento de V. Ex.ª o modo mais suave e menos violento de se executarem as referidas ordens, ou mandando V. Ex.ª vir á sua presença os donos e interessados nas mencionadas fabricas, e ordenando-lhes que no curto espaço de tempo que V. Ex.ª achar conveniente assignar-lhes elles as desmanchem e desfaçam para mais não usar d'ellas, evitando assim que V. Ex.ª as mande destruir; ou quando este methodo não pareça sufficiente nem efficaz (ainda que por ser de menos ruido seja o melhor em negocios similhantes) fazendo V. Ex.ª publicar o alvará a que esta serve

de coberta, e dando todas as providencias e ordens necessarias para a sua devida e inviolavel observancia.

22. Quanto aos contrabandos e descaminhos, elles se praticam pelas embarcações portuguezas e estrangeiras, que os fazem nos portos e costas d'esses dominios, mediante o auxilio e cooperação dos naturaes e outros habitantes da America, os quaes com algumas das suas producções, principalmente o ouro e diamantes, tambem extraviados, promovem e animam reciprocamente estas transgressões.

23. É bem certo que ellas não se podem evitar na sua totalidade, mas tambem é certo que quanto mais difficeis, custosas e perigosas se fizerem, á força de cuidado e vigilancia para as prevenir, menos ha de haver; porque o risco lhes augmenta o preço, e diminue por consequencia o consumo, e a perda das tomadias desanima, ou pelo menos incommoda, se não a todos, a muitos dos contrabandistas.

24. N'esta intelligencia, ordena Sua Magestade que tomando V. Ex.ª este negocio como um dos mais importantes aos interesses da sua corôa, e á conservação d'esses dominios, mande dar todas as providencias, e tomar todas as cautelas que forem necessarias, e que poderem ser praticaveis, para occorrer a um mal, não só pernicioso pelos grandes prejuizos que já está causando, mas perniciosissimo pelas fataes consequencias d'elle.

25. Entre as ditas providencias e cautelas a primeira e mais indispensavelmente necessaria é a vigilancia que deve haver com os navios que sahem dos portos d'este reino para o d'essa capital, e igualmente com os que pertencendo á essa mesma capital, voltam á ella com os retornos do seu commercio, e os que sendo de outras capitanias, particularmente da Bahia, navegam tambem para esse porto. As cautelas que aqui se tomam com os primeiros dos mencionados navios são: apresentarem os capitães ou carregadores ao administrador geral da alfandega conhecimentos em fórma de todos os effeitos e fazendas de que se compõe a carga do dito navio; e ainda que os fardos regularmente não são aqui abertos, porque o devem ser na alfandega d'essa capital, vem comtudo especificado e declarado nos ditos conhecimentos o numero, quantidade e qualidade

de fazendas comprehendidas em cada fardo, e por elles se pagam aqui os direitos, remettendo-se depois os mesmos conhecimentos ao juiz da alfandega d'essa capital, para que á vista d'elles tudo o que se achar de mais ou diverso, seja dentro dos fardos ou do navio, se aprehenda como desencaminhado ou de contrabando.

26. Todo o bom successo d'esta util providencia e das mais que ahi se derem, assim a respeito dos navios pertencentes aos vassallos d'este reino, como aos de que acima se faz menção, bem vê V. Ex.ª que depende essencialmente em primeiro logar de haver no Rio de Janeiro um juiz d'alfandega activo e vigilante em cumprir com as suas obrigações, e fazer com que os seus officiaes subalternos cumpram com as suas.

27. Em segundo logar de haver um guarda mór da mesma alfandega independente e igualmente activo em vigiar e previnir nas descargas dos mesmos navios as prevaricações com que ellas se costumam fazer, sem se fiar de modo algum dos guardas que se lhes mettem á bordo, sendo estes por via de regra os que mais contribuem e cooperam para ellas.

28. Em terceiro logar de haver n'esse porto o numero de escaleres armados, ou de outras embarcações miudas, mas tambem armadas, que a V. Ex.ª parecer sufficiente e necessario, confiando-se estas a pessôas particulares ou a officiaes subalternos da escolha de V. Ex.ª, que as guarneçam, e que succedendo-se umas ás outras, rondem de dia e de noite, sempre que o tempo o permittir, não só junto dos navios que se acharem surtos n'esse porto, mas dos differentes surgidouros, entradas e logares de desembarque n'elle, revistando todas as embarcações miudas que lhes fôrem suspeitas, e aprehendendo aquellas que acharem em commisso de contrabando, dando as ditas pessôas, ou officiaes encarregados d'esta commissão, uma conta regular e immediata a V. Ex.ª, e a ninguem outrem, de tudo o acontecido nas suas differentes rondas, e ajuntando a ella debaixo de todo o segredo os indicios e observações do que poderem descobrir, sobretudo o que disser respeito a este importante objecto, para V. Ex.ª em consequencia d'estas noções, e parecendo-lhe

dignas de attenção, poder dar as providencias que lhe parecerem mais convenientes.

29. Em quarto e ultimo logar, como as referidas cautelas da parte do porto não podem ser certamente sufficientes, considerada a sua grande extensão, e não menor a quantidade de surgidouros, praias e sitios accessiveis do mesmo porto, e tendo V. Ex.ª debaixo do seu commando as tropas pagas e auxiliares, e achando-se igualmente n'essa capital os ministros de que se compõe a Relação, e que occupam outros logares de justiça e fazenda, todos obrigados sem excepção de algum a se prestarem a tudo o que melhor possa contribuir para bem do real serviço, principalmente em negocio de tanta importancia, como o de que se trata: ordena Sua Magestade, que além das cautelas acima indicadas da parte do referido porto, tome V. Ex.ª outras similhantes da parte do continente por meio de destacamentos, partidas e guardas, nos sitios que parecerem mais adequados, e nas estradas e caminhos que se fizerem mais suspeitosos: ordenando igualmente ao ministro ou ministros, que melhor lhe parecerem, que entrem e dêem buscas exactas nas lojas dos mercadores, aprehendendo e autuando todas as fazendas que acharem sem sello, e procedendo contra os donos d'ellas segundo a disposição das leis: praticando-se o mesmo a respeito dos vendilhões que passam e vendem pelas casas as referidas fazendas.

30. Depois d'estas prevenções que respeitam á essa capital e ao seu porto, não são menos necessarias outras ainda mais efficazes a respeito do continente, portos e costas de toda essa capitania: é certo que os navios portuguezes, ou sejam os que vão d'este reino, ou os que pertencem á essa capital, ou os da Bahia, e de outros portos da America que fazem o commercio de porto a porto, e além d'elles muito principalmente os navios estrangeiros, se tiverem modo e facilidade de fazerem o contrabando nos referidos portos e costas, não o hão de intentar n'essa ou por essa capital; nem a publicidade com que em Londres se annunciam, até nas gazetas, as embarcações que carregam e se destinam aos mares do Brazil, é por ignorarem os Inglezes que similhantes embarcações não hão de ser admittidas,

nem poder entrar nos portos principaes do mesmo Brazil, sem se exporem a uma rigorosa confiscação, mas é por conhecerem que nos outros portos, enseadas, corregos e logares mais distantes e menos frequentados, mas igualmente accessiveis e seguros, das costas d'esses dominios, em logar de obstaculos da parte do governo, que embaracem os referidos contrabandos, hão de encontrar coòperação e auxilio da parte dos habitantes, para os promover e animar, convidando-os principalmente com os extravios do ouro e diamantes.

31. A Sua Magestade é bem constante a impraticabilidade de se poderem vedar nem preservar como devem ser as costas do Brazil d'estas transgressões, e de serem cada vez mais infestadas d'ellas, até chegarem ao extremo de se fazerem inevitaveis, sem ser por meio de uma força naval, que quanto antes se mande crusar na costa do Brazil, não havendo até agora exemplo de alguma potencia ou nação que intentasse ou podesse conservar colonias e conquistas sem ser por meio da referida força, e as que as possuem sem ella não tem nas mesmas colonias e conquistas mais que um dominio precario inteiramente exposto e sujeito aos accidentes fataes de que são tantos, tão conhecidos e tão funestos os exemplos.

32. Em quanto porém Sua Magestade não determinar sobre este importante negocio o que lhe parecer mais conveniente ao seu real serviço, deve V. Ex.ª tomar a respeito dos portos, costas e continente d'essa capitania, todas aquellas cautelas, e dar aquellas providencias que as faculdades d'ella poderem permittir.

33. Uma das que se fazem mais indispensavelmente necessarias é mandar V. Ex.ª armar logo duas embarcações pequenas ou sumacas com sufficiente guarnição, e com officiaes de intelligencia e capacidade que as commandem, uma para explorar a costa da parte do norte até á capitania do Espirito Santo, outra da parte do sul até á ilha de Santa Catharina, entrando as ditas embarcações nos portos, enseadas e mais sitios accessiveis da mesma costa, e examinando si n'elles se acham fundeadas algumas embarcações nacionaes ou estrangeiras, se fazem commercio, ou o motivo que tem para alli se demorar; se nos mesmos portos ha barcos, jangadas ou outras embarcaçoes miudas, que sirvam de conduzir para terra as fazendas de bordo dos navios,

e informando-se em fim de tudo o mais que possa ser relativo ao trafico, communicação e frequencia que haja ou possa haver em cada um dos referidos portos, e d'elles para o continente: fazendo de tudo os ditos officiaes diarios e relações exactas, que devem trazer á presença de V. Ex.ª, logo que voltarem das suas commissões, repetindo-se este mesmo serviço infallivelmente todos os annos nas proprias estações em que elle é praticavel.

34. Outra providencia ou cautela não menos necessaria é mandar V. Ex.ª expedir ordens circulares a todos os capitães móres, mestres de campo, sargentos móres e outros commandantes dos differentes districtos d'essa capitania, muito particularmente aos que se acharem mais chegados aos portos, enseadas e logares accessiveis d'ella da parte do mar, para que tenham todo o cuidado e vigilancia em vedar o commercio clandestino e prohibido que por elles se intente fazer, pondo guardas, e fazendo rondar patrulhas nas paragens que lhes parecerem mais proprias, communicando-se uns com outros, auxiliando-se mutuamente ao referido fim, prendendo os contrabandistas com o que se lhes achar, para serem processados e condemnados na conformidade das leis: e dando regularmente conta a V. Ex.ª, assim das suas disposições, como de todos os acontecimentos que occorrerem nos seus respectivos districtos.

35. Sendo indispensavelmente necessario que com estas differentes providencias e cautelas se faça uma proporcionada despeza: ordena Sua Magestade que pela sua real fazenda mande V. Ex.ª contribuir com o que fòr preciso para ellas, tendo particular attenção a que a tropa auxiliar composta de paisanos que vivem do seu trabalho, e que são tirados d'elle e de suas casas para se occuparem no real serviço, em quanto se acharem empregados n'elle e nas rondas, guardas e outras diligencias do mesmo real serviço, devem vencer soldo e pão como a tropa paga.

36. Ultimamente, para mais se consolidarem as disposições que ficam acima indicadas, remetto a V. Ex. o alvará junto, para o fazer dar á sua devida execução.

Deus guarde á V. Ex. Palacio de Nossa Senhora d'Ajuda, em 5 de Janeiro de 1785. — *Martinho de Mello e Castro.*

Copia n.° 1. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Devo pôr na presença de V. Ex.ª que insta as providencias que representei na conta que dei a V. Ex.ª, na data de 10 de Abril d'este anno, para evadir as transgressões das leis que se encaminham a cohibir os contrabandos e entrada dos navios estrangeiros nos portos da America, pois no mez passado sahiram seis navios de Londres e Falmouth para a costa do Brazil carregados de fazendas; o que me denunciou um Inglez commerciante d'esta praça, apontando com miudeza todas as circumstancias que quer fazer certo, permittindo V. Ex.ª que elle vá á sua presença em hora que as exponha sem que se possa presumir o fim a que vai.

Tambem devo outra vez lembrar a V. Ex.ª quanto se faz necessario na America o prohibir os teares das diversas manufacturas que alli se acham estabelecidos, e cada dia vai em augmento o seu numero, como já ponderei a V. Ex.ª na mesma conta: V. Ex.ª conhece mui bem as tristes circumstancias que se podem seguir a este reino, e á fazenda de Sua Magestade, se se deixarem continuar e crear raizes estes dous objectos, porque depois será difficultoso o cohibil-os: queira V. Ex.ª expôr tudo a Sua Magestade, para a mesma Senhora resolver o que fôr servida.

Lisboa, 6 de Outubro de 1784. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Martinho de Mello e Castro. — O Intendente geral da policia *Diogo Ignacio de Pina Manique.*

Copia n.° 2. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Consta-me por alguns commerciantes, assim estrangeiros como nacionaes, que de algum tempo a esta parte tem ido varias embarcações de fazendas de toda a qualidade em direitura dos portos estrangeiros para as Americas Portuguezas, a fim de alli se introduzirem clandestinamente; chegando até a segurar-se na praça de Londres uma das mesmas embarcações por cento e sessenta mil cruzados, e se segurariam as mais que se expediram se houvesse quem quizesse tomar o seguro.

Não me é novo a mim o intentar-se este contrabando, porque tendo eu a honra de servir de superintendente geral dos contrabandos e descaminhos dos reaes direitos, logar que creei de novo, sentenciei dous famosos contrabandos feitos, um na costa do Ceará, e outro na Bahia de Todos os Santos, os quaes se introduziram em navios hollandezes, e tambem me constou de outros muitos que se tinham feito e descarregado em sumacas, nas quaes se transportaram para diversos portos das capitanias de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro.

Tambem conheci pelas exactas averiguações que então fiz, que muitos dos navios que sahiam dos portos de Lisboa, Porto, Ilhas, e com particularidade da Madeira, levavam grande quantidade de fazendas desencaminhadas, e com especialidade de contrabando, parte das quaes conduziam para fóra da barra em embarcações de pescar, e ahi as introduziam em os navios, e a outra parte mettiam dentro em fardos iguaes no volume, numero e marcas, e os embarcavam todos com um só despacho que tiravam, e assim continuavam successivamente em todos os dias, servindo-se em cada um d'elles de um só despacho, que lhe durava até encontrarem algum official, que revendo-lh'o, lhe difficultasse por aquelle dia a continuação do seu contrabando.

Lembrei-me para os evitar de obrigar os negociantes a apresentarem-me uma relação por elles assignada das fazendas que embarcavam em cada navio, com o numero dos volumes, marcas, quantidade e qualidade de fazenda; a qual relação com uma guia, que mandava fazer e fechar na minha contadoria, dirigia ao juiz da alfandega para onde iam destinadas as embarcações, a fim d'elle, na abertura que fizesse dos volumes, poder combinar o que alli achava com o despacho de Lisboa, e vir no conhecimento se tinha havido alguma fraude.

D'esta providencia se seguiu nos primeiros annos uma grande utilidade, e pelas tomadias que se fizeram n'aquellas alfandegas da America se veio no conhecimento que se praticavam todos estes

descaminhos; mas tem-se afrouxado na execução d'ella, como succede a todas as mais depois que passam alguns annos: este porém é o meio mais efficaz para evadir os contrabandos e descaminhos n'aquellas capitanias, e tambem o ordenar-se que logo que chegue aos portos d'ellas qualquer navio, se faça descarregar immediatamente sem interrupção, pondo-se-lhe rondas e embarcações de remo em quanto se conservar carga a bordo, tendo-se particular cuidado que a gente da tripolação e passageiros em quanto estiver a mesma carga a bordo, e não forem visitados os navios, não possam desembarcar senão em a ponte da alfandega tantas quantas vezes forem e vierem para bordo, examinando-se os paiões e logares escuros dos navios, porque é ordinariamente onde vão introduzidos os mesmos contrabandos e descaminhos: lembrando a V. Ex.ª que em barrís de alcatrão, garrafas com capas de esparto fingindo serem de vinho, e barricas de biscouto e bolacha, tenho achado latas de folha cheias de galões, fitas e outras fazendas similhantes para passarem áquelle Estado.

E como tenho noticia que em sumacas e jangadas se tem descarregado muitas das mesmas fazendas fóra das barras das mesmas capitanias, em quanto Sua Magestade não mandar algumas embarcações de guerra para acautelar estes descaminhos e contrabandos, será moralmente impossivel o conseguir-se o fim util de os evitar.

A junta das fabricas se queixa da falta de consumo que tem tido nos galões, nas rendas de ouro e prata, e outras fazendas; e eis aqui tem nos contrabandos o motivo da sua queixa, e tambem nos muitos teares de galões e de outras manufacturas, que se tem levantado em algumas capitanias, tão prejudiciaes como V. Ex.ª não ignora.

O que tudo V. Ex.ª tomará na sua consideração, e resolverá o que lhe parecer acertado.

Lisboa, 3 de Dezembro de 1784. — Ill.mo e Ex.mo Sr. Martinho de Mello e Castro. — O Intendente geral da policia da côrte e reino *Diogo Ignacio de Pina Manique.*

Copia n.º 3. — Traducção de alguns paragraphos do officio que o consul geral da Gram-Bretanha por ordem d'El-Rei seu amo apresentou n'esta côrte em o 1.º de Outubro de 1784.

§ 68 no fim. Doze navios grandes (o menor de quinhentas a seiscentas toneladas) com artilheria proporcionada, e quarenta a cincoenta homens de equipagem, vão annualmente carregados de manufacturas britannicas para o Brazil.

§ 69. Si se duvidar d'este facto, as alfandegas d'aquelle continente mostraráõ a quantidade de fazendas que alli se tem despachado: e se é necessaria outra prova, eu tenho uma gazeta ingleza vinda no ultimo paquete, que annuncia formalmente dous navios a partir para o Brazil, e antes d'elles tinham partido outros dous. Os ultimos navios que d'aquelle continente chegaram a Lisboa trouxeram ordens para alguns negociantes remetterem, em retorno dos assucares, moeda corrente: que os Brazileiros dizem ter meios de empregar, e ordenam que de nenhum modo lhe remettam de Lisboa fazendas da Europa, porque tem os seus armazens cheios d'ellas, e mais baratas que em Portugal.

§ 70. Não posso em fim deixar em silencio, que por informações particulares me consta que do Brazil se propôz a um negociante muito acreditado um plano de sociedade para um commercio regular entre a Inglaterra e uma parte do Brazil, o qual commercio deixaria de lucro de trinta a cincoenta por cento, abatidos todos os riscos, e protegido com força sufficiente para embaraçar qualquer tomadia que se pretendesse fazer.

Copia. — Eu a Rainha. Faço saber aos que este alvará virem: que sendo-me presente o grande numero de fabricas e manufacturas, que de alguns annos a esta parte se tem diffundido em differentes capitanias do Brazil, com grave prejuizo da cultura e da lavoura, e da exploração das terras mineraes d'aquelle vasto continente; porque havendo n'elle uma grande e conhecida falta de população, é evidente que quanto mais se multiplicar o numero dos fabricantes, mais diminuirá o dos cultivadores, e menos braços haverá que se possam

empregar no descobrimento e rompimento de uma grande parte d'aquelles extensos dominios, que ainda se acha inculta e desconhecida: nem as sesmarias, que formam outra consideravel parte dos mesmos dominios, poderão prosperar nem florescer por falta do beneficio da cultura, não obstante ser esta a essencialissima condição com que foram dadas aos proprietarios d'ellas: e até nas mesmas terras mineraes ficará cessando de todo, como já tem consideravelmente diminuido, a extracção do ouro e diamantes, tudo procedido da falta de braços, que devendo empregar-se n'estes uteis e vantajosos trabalhos, ao contrario os deixam e abandonam, occupando-se em outros totalmente differentes, como são os das referidas fabricas e manufacturas: e consistindo a verdadeira e solida riqueza nos fructos e producções da terra, as quaes sómente se conseguem por meio de colonos e cultivadores, e não de artistas e fabricantes: e sendo além d'isto as producções do Brazil as que fazem todo o fundo e base, não só das permutações mercantis, mas da navegação e do commercio entre os meus leaes vassallos habitantes d'estes reinos e d'aquelles dominios, que devo animar e sustentar em commum beneficio de uns e outros, removendo na sua origem os obstaculos que lhe são prejudiciaes e nocivos: em consequencia de tudo o referido hei por bem ordenar que todas as fabricas, manufacturas ou teares de galões, de tecidos ou de bordados de ouro e prata: de velludos, brilhantes, setins, tafetás, ou de outra qualquer qualidade de seda: de belbutes, chitas, bombazinas, fustões, ou de outra qualquer qualidade de fazenda de algodão ou de linho, branca ou de côres: e de pannos, baetas, droguetes, saetas, ou de outra qualquer qualidade de tecidos de lãa; ou os ditos tecidos sejam fabricados de um só dos referidos generos, ou misturados e tecidos uns com os outros; exceptuando tão sómente aquelles dos ditos teares e manufacturas em que se tecem ou manufacturam fazendas grossas de algodão, que servem para o uso e vestuario dos negros, para enfardar e empacotar fazendas, e para outros ministerios similhantes; todas as mais sejam extinctas e abolidas em qualquer parte onde se acharem nos meus dominios do Brazil, debaixo da pena do perdimento em tresdobro do valor de

cada uma das ditas manufacturas ou teares, e das fazendas que n'ellas ou n'elles houver, e que se acharem existentes dous mezes depois da publicação d'este; repartindo-se a dita condemnação metade a favor do denunciante, se o houver, e a outra metade pelos officiaes que fizerem a diligencia; e não havendo denunciante, tudo pertencerá aos mesmos officiaes.

Pelo que: mando ao presidente e conselheiros do conselho ultramarino; presidente do meu real erario; vice-rei do Estado do Brazil; governadores e capitães generaes, e mais governadores e officiaes militares do mesmo Estado; ministros das relações do Rio de Janeiro e Bahia; ouvidores, provedores e outros ministros, officiaes de justiça e fazenda, e mais pessôas do rêferido Estado, cumpram e guardem, e façam inteiramente cumprir e guardar este meu alvará como n'elle se contém, sem embargo de quaesquer leis ou disposições em contrario, as quaes hei por derogadas para este effeito sómente, ficando aliás sempre em seu vigor. Dado no palacio de Nossa Senhora da Ajuda em cinco de Janeiro de mil setecentos oitenta e cinco. — Rainha. — Martinho de Mello e Castro. — *Alvará por que Vossa Magestade é servida prohibir no Estado do Brazil todas as fabricas e manufacturas de ouro, prata, sedas, algodão, linho e lãa, ou os tecidos sejam fabricados de um só dos referidos generos, ou da mistura de uns com os outros, exceptuando tão sómente as de fazenda grossa do dito algodão.* — Para Vossa Magestade ver. — *José Theotonio da Costa Posser* o fez.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Havendo recebido a real ordem de Sua Magestade para fazer executar n'estes dominios o alvará que manda extinguir todas as fabricas ou teares de galões, tecidos ou bordados de ouro e prata, além dos mais teares de algodão ou linho, com a excepção indicada no sobredito alvará, mandei primeiro com o maior disfarce averiguar o numero dos que se achavam aqui existentes, e as pessôas que se occupavam n'aquelles tecidos e manufacturas,

a fim de se poder entrar n'este negocio com o mais prompto e verdadeiro conhecimento, que requer a sua particular importancia. Depois de ficar na intelligencia de serem todas as referidas fabricas ou teares os que se comprehendem na relação debaixo do n.° 1, commetti esta diligencia ao desembargador e provedor da fazenda real, que passando á casa dos seus donos, fez desmanchar os que se achavam armados, e ajuntar os que mostravam não ter prestimo ou continuado ministerio, fazendo-os immediatamente conduzir aos armazens reaes d'esta provedoria, aonde foram reservados até os mesmos donos tomarem a deliberação, que lhes foi insinuada, de os remetter para essa côrte em navios da sua escolha e eleição, para se lhes dar sahida a seu arbitrio, precedendo os avisos, que deviam fazer aos seus correspondentes; como mostram os autos de diligencia, que remetto por copia debaixo do n.° 2, nos quaes vão tambem declarados alguns teares de pouca consideração, e propriamente destinados para tecidos de grossarias, com quem se praticou a permissão que recommenda o sobredito alvará.

Vendo porém que nos navios que d'aqui tem sahido se não haviam feito estas remessas, e que nem os donos dos teares aprehendidos davam a menor demonstração de os aproveitar, como lhes foi determinado, ordenei ao mesmo provedor que os chamasse outra vez para saber d'elles o fim á que se encaminhava o seu silencio: e todos uniformemente assignaram o termo que vai inserto nos mesmos autos, pelo qual se obrigaram a não pretender cousa alguma dos mesmos teares, sujeitando-se voluntariamente ao que Sua Magestade houvesse de dispôr a respeito d'elles. Por isso os faço transportar para essa côrte na presente náo de guerra *Nossa Senhora de Belém*, como mostra o conhecimento incluso, para V. Ex.ª mandar praticar o que fôr mais conveniente ao real serviço, segundo o prestimo e o estado em que se acharem.

Aos governadores do Rio Grande e de Santa Catharina, e ao ouvidor da comarca dos Campos dos Goytacazes, remetti copias authenticas do mesmo alvará para n'aquelles districtos se proceder tanto á extincção de outras similhantes fabricas, como á prohibição dos referidos tecidos e manufacturas: e ainda que me persuado que os teares que n'elles

podem existir são proprios para as permittidas e toleradas, comtudo não deixarei pela minha parte de fazer executar as reaes ordens em qualquer caso comprehendido na prohibição do dito alvará, como Sua Magestade tem determinado ao dito respeito.

Deus guarde a V. Ex.ª Rio de Janeiro, 12 de Julho de 1788. — Sr. Martinho de Mello e Castro. — *Luiz de Vasconcellos e Souza.*

Copia n.º 1. — *Relação das pessôas que n'esta cidade tem teares, com declaração da qualidade dos tecidos.*

Pessôas que tem teares de tecidos de ouro e prata.

Jacob Munier, cinco teares, quatro armados e um desarmado.
O capitão José Antonio Lisboa, tres teares.
Miguel Xavier de Moraes, um tear.
José Maria Xavier, um tear.
Sebastião Marques, dous teares e um mais pequeno desarmados.

Pessôas que tem teares de tecidos de lãa, linho e algodão.

João Monteiro Celi: tem teares de grossarias de algodão, em que algumas vezes fabricava uns cobertores felpudos de algodão fino, e pannos grossos ou baetões do mesmo algodão.
José Luiz: tem teares da mesma qualidade de grossaria de algodão, nos quaes algumas vezes fabricava toalhas de mesa e guardanapos.
José Francisco: tem teares da mesma qualidade, em que fabricava o mesmo que o antecedente.
Antonio José.
Antonio de Oliveira do Amaral.
Maria da Esperança.
Francisco de S. José.
Custodio José.
Manoel de Moraes.
Maria Antonia.
Anna Maria.

(Todos tem teares da mesma qualidade, em que fabricavam o mesmo que o antecedente.)

Copia n.º 2. — *Provedoria da Real fazenda.* — *Rio de Janeiro.* — *Autos sobre a ordem de Sua Magestade que manda extinguir as fabricas e teares de galões, tecidos ou bordados de ouro e prata, como adiante se declara.*

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos e oitenta e oito, aos quatorze dias do mez de Janeiro do dito anno, n'esta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, em casas de minha morada, ahi autuei a ordem do Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. Luiz de Vasconcellos e Souza, do conselho de Sua Magestade, vice-rei e capitão general de mar e terra do Estado do Brazil, dirigida ao desembargador provedor da real fazenda José Gomes de Carvalho, que manda executar o alvará comprehendido na mesma ordem, o que tudo é o que ao diante se segue; do que para constar fiz este auto: eu Dr. Manoel de Jesus Valdetaro, escrivão da fazenda real, que o escrevi.

Havendo Sua Magestade ordenado pelo alvará, que mostra a copia authentica junta, que todas as fabricas ou teares de galões, tecidos ou bordados de ouro e prata, sejam extinctas em qualquer parte aonde se acharem n'estes dominios, como tambem todos os mais teares de algodão ou de linho, com a excepção indicada no mesmo alvará, e commettendo-me a execução d'elle por ordens particulares que me foram dirigidas ao dito respeito: procurará Vm. primeiro que tudo, com o maior cuidado e disfarce, examinar o numero das sobreditas fabricas ou teares que aqui existem, formando d'ellas uma relação exacta e circumstanciada, que me deve remetter, para a fazer presente a Sua Magestade. Não devendo admittir demora a prompta e immediata execução da sobredita real ordem, e constando com toda a evidencia das fabricas e teares que n'esta cidade trabalham em obras de galões de ouro e prata, deve Vm., em quanto procura adquirir maior noticia dos mais que se acham comprehendidos no mesmo alvará, fazel-as abolir e extinguir inteiramente, e indo ás casas dos proprios donos das referidas fabricas, e intimando-lhes a referida ordem,

fará desmanchar os teares que tiverem, pondo n'elles divisas certas pelas quaes se conheça a quem pertencem, para se recolherem nos armazens reaes d'essa provedoria, e serem remettidos para a côrte. Para não sentirem maior prejuizo os donos das mesmas fabricas, lhes insinuará Vm. que podem dirigir os seus avisos aos correspondentes que tiverem em Lisboa, a fim de darem sahida aos mesmos teares, entregando a Vm. as cartas em que houverem de fazer esta participação, para se remetterem pela secretaria d'Estado, e n'ella se resolver o que Sua Magestade fôr servida, ficando ao arbitrio dos mesmos donos das fabricas a escolha dos navios em que se houverem de exportar os mesmos teares por sua conta e risco. Da execução de toda esta diligencia me deve Vm. dar uma conta individual, assim como de todas as mais que se forem seguindo ao mesmo respeito, com toda a distincção e clareza, para fazer tudo presente a Sua Magestade.

Deus guarde a Vm. Rio, doze de Outubro de mil setecentos e oitenta e sete. — *Luiz de Vasconcellos e Souza.* — Sr. desembargador José Gomes de Carvalho.

Auto de diligencia feita pelo desembargador provedor da Real fazenda José Gomes de Carvalho nas casas em que existiam as fabricas ou teares de galões, tecidos ou bordados de ouro e prata, sedas, algodão, linho, lãa ou outra qualquer qualidade.

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos e oitenta e oito, aos quatorze dias do mez de Janeiro do dito anno, n'esta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, e casas da residencia do desembargador provedor da real fazenda José Gomes de Carvalho, aonde eu escrivão do seu cargo adiante nomeado vim; ahi pelo dito ministro me foi ordenado, que para o devido e inteiro cumprimento do alvará que Sua Magestade fôra servida mandar publicar sobre as fabricas ou teares de galões, tecidos ou bordados de ouro, prata, sedas, algodão, lãa e linho, que se mandam extinguir n'esta cidade, cuja execução lhe fôra commettida pela ordem do

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Luiz de Vasconcellos e Souza, do conselho de Sua Magestade, vice-rei e capitão general de mar e terra d'este Estado do Brazil: passasse em sua companhia a averiguar as casas onde existiam as ditas fabricas ou teares, formando os autos necessarios de tudo quanto visse e examinasse concernente aos tecidos e mais manufacturas, que deviam ficar prohibidas em virtude do mesmo alvará, com a excepção dos tecidos de algodão grosso, que só ficavam permittidos. E entrando o dito ministro n'esta diligencia comigo escrivão, passando logo á casa de Jacob Munier, Francez de nação, casado e estabelecido n'esta cidade, morador na rua dos Ourives velha em o canto da travessa da Alfandega, ahi foram achados cinco teares, quatro dos quaes estavam preparados, e n'elles se trabalhava actualmente em galões de ouro e prata, e o outro, que era mais pequeno, então não trabalhava, os quaes cinco teares logo o dito ministro fez desmanchar e guardar nos armazens reaes d'esta provedoria, insinuando ao dono d'elles que podia dirigir os seus avisos aos correspondentes que tivesse em Lisboa, para onde deviam ser remettidos nos navios da sua escolha e eleição, a fim de se dar sahida aos mesmos teares, para o que lhe poderia entregar as cartas, em que fizesse esta participação, para se remetterem pela secretaria d'Estado do ultramar, tudo na fórma da sobredita ordem do Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. vice-rei: do mesmo modo passando á casa do capitão José Antonio Lisboa, na mesma rua dos Ourives velha entre a rua do Sabão e da Mãi dos Homens, ahi foram achados tres teares das mesmas manufacturas de ouro e prata, e que mostravam não trabalhar havia muito tempo, os quaes tres teares logo o dito ministro mandou desmanchar e guardar nos armazens reaes d'esta provedoria na fórma acima: do mesmo modo passando á casa de Miguel Xavier de Moraes, na mesma rua dos Ourives velha, ahi foi achado um tear da mesma qualidade dos antecedentes já desmanchado, o qual logo o dito ministro mandou guardar nos armazens reaes d'esta provedoria na fórma acima: do mesmo modo passando á casa de José Maria Xavier, na mesma rua dos Ourives velha, ahi foi achado um tear, em que o dito trabalhava nas mesmas manufacturas, e logo o dito ministro mandou proceder na

fórma acima : e do mesmo modo passando á casa de Sebastião Marques, morador defronte da igreja de Nossa Senhora Mãi dos Homens, ahi foram achados dous teares e um mais pequeno, que não estavam apparelhados nem trabalhavam, mas sendo da mesma qualidade dos antecedentes, logo o dito ministro mandou proceder na fórma acima : e não tendo o sobredito ministro noticia de pessôa alguma mais, além das cinco já referidas, que tivesse fabricas ou teares, em que se fizessem ou podessem fazer galões, tecidos ou bordados de ouro, prata e sedas, passou a continuar a diligencia nas fabricas ou teares dos outros tecidos : e passando á casa de João Monteiro Celi, na rua da Valla, ahi foram achados quatro teares, em que o mesmo fabrica ou tece mantas e riscados de algodão grosso para negros, algumas vezes misturado com lãa grossa, e confessou o mesmo que algumas vezes fazia uns cobertores felpudos de algodão fino, e uns pannos grossos ou baetões do mesmo algodão, mas muito grosseiros e pesados : e vendo o dito ministro que estes teares não tinham artificio algum, e são os proprios em que se tecem as mantas e grossarias de algodão para vestuario dos negros (no que ordinariamente trabalham), que são os que o sobredito alvará exceptua e manda conservar, os não mandou desmanchar, mas intimou ao dono d'elles que d'alli em diante não fabricasse n'elles outra cousa senão as ditas mantas, ou outros tecidos grossos de algodão para vestuario dos negros : do mesmo modo passando á casa de José Luiz, na mesma rua da Valla, ahi foram achados tres teares armados, e dous desarmados, em que tece, além das grossarias de algodão, algumas toalhas de mesa e guardanapos, e sendo os ditos teares da qualidade dos antecedentes, procedeu o dito ministro na mesma fórma acima : do mesmo modo passando á casa de José Francisco, morador defronte da sacristia da Sé, ahi foram achados tres teares e um desarmado, nos quaes tece o mesmo que o sobredito José Luiz, e sendo da qualidade dos antecedentes, procedeu o dito ministro na mesma fórma acima : e do mesmo modo mandou o dito ministro que se procedesse com Antonio José, Antonio de Oliveira do Amaral, Maria da Esperança, Francisco de S. José, Custodio José, Manoel de Moraes, Maria Antonia e Anna Maria, que tem teares d'esta

mesma qualidade, os quaes todos foram notificados para o referido fim, como consta da certidão junta, ficando-lhes igualmente prohibido d'aqui em diante tecerem nos mesmos teares outra cousa, que não sejam grossarias de algodão para vestuario ou cobertas de negros. Do que para constar mandou o sobredito ministro fazer este auto, que assignou comigo Dr. Manoel de Jesus Valdetaro, escrivão da fazenda real que o escrevi. — Carvalho. — Dr. *Manoel de Jesus Valdetaro.*

José Antonio de Castilhos, meirinho da fazenda nacional, &c., certifico que por ordem vocal do meritissimo desembargador provedor da fazenda real José Gomes de Carvalho notifiquei ás pessôas abaixo declaradas: Antonio José, Antonio de Oliveira do Amaral, Maria da Esperança, Francisco de S. José, Custodio José, Manoel de Moraes, Maria Antonia, Anna Maria, para estes não tecerem nos seus teares fazendas finas, e só tecerem grossarias de algodão, que servem para cobertas e vestuario de pretos: e para constar das ditas notificações passei a presente certidão. — Rio de Janeiro, 14 de Janeiro de 1788. — *José Antonio de Castilhos.*

Aos sete dias do mez de Julho de mil setecentos e oitenta e oito annos, n'esta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, na casa da provedoria da fazenda real appareceram presentes Jacob Munier, Francez de nação, o capitão José Antonio Lisboa, Miguel Xavier de Moraes, José Maria Xavier e Sebastião Marques, os quaes sendo chamados por ordem do desembargador José Gomes de Carvalho, provedor da fazenda real, para entregarem as cartas para os seus correspondentes de Lisboa, a fim de darem sahida aos teares que se achavam nos armazens reaes d'esta provedoria, para se remetterem para a côrte, as quaes cartas se deviam entregar n'esta provedoria para serem remettidas pela secretaria d'Estado, tudo na fórma da ordem de Sua Magestade de dous de Março de mil setecentos e oitenta e cinco, remettida ao mesmo ministro pela carta do Ill.mo e Ex.mo Sr. Luiz de Vasconcellos e Souza, do conselho de Sua Magestade, vice-rei e capitão general de mar e terra d'este Estado do Brazil, de doze de Outubro

do anno proximo passado. Todos uniformemente disseram que nada pretendiam dos ditos teares; e por este motivo não faziam aviso algum aos seus correspondentes a este respeito, sujeitando-se voluntariamente a que Sua Magestade dispozesse dos mesmos teares como fosse servida. E para constar mandou o dito ministro fazer este termo, que assignou com os sobreditos. Joaquim José de Novaes, official da fazenda real o escreveu. Dr. Manoel de Jesus Valdetaro, escrivão da fazenda real, o fiz escrever e assignei. — Carvalho. — Dr. Manoel de Jesus Valdetaro. — Jacob Munier. — José Antonio Lisboa. — Miguel Xavier de Moraes. — José Maria Xavier. — Sebastião Marques Vaz. — Está conforme. — Dr. Manoel de Jesus Valdetaro. — Está conforme. — Official maior da secretaria no impedimento de molestia do secretario do Estado. — *José Pereira Leão.*

Recebeu, por ordem do Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. vice-rei do Estado, Bernardino José, mestre da náo de guerra *Nossa Senhora de Belém*, de que é commandante Francisco de Paula Leite, que está de viagem para a cidade de Lisboa, do almoxarife dos armazens reaes José Ramos de Araujo, por conta e risco de Sua Magestade o seguinte:

Treze teares de tecer galões, uns apparelhados com todos os seus pertences, e outros com algumas peças de menos . . . . 13 teares.

Oito caixões toscos de pinho, em que vão os pertences dos mesmos teares . . . . 8 caixões.

Para conduzir e entregar na mesma cidade de Lisboa á ordem do Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Martinho de Mello e Castro, ministro e secretario d'Estado da repartição da marinha e dominios ultramarinos.

E de como recebeu e se obrigou a entregar, assignou tres conhecimentos de recibo, todos do mesmo teor, comigo João Prestes de Mello, escrivão dos armazens reaes que o escrevi. — Rio de Janeiro, 31 de Julho de 1788. — *João Prestes de Mello.* — Mestre *Bernardino José.*

Eu o Principe Regente. Faço saber aos que o presente alvará virem: que desejando promover e adiantar a riqueza nacional, e sendo um dos mananciaes d'ella as manufacturas e a industria, que multiplicam e melhoram, e dão mais valor aos generos e productos da agricultura e das artes, e augmentam a população, dando que fazer a muitos braços e fornecendo meios de subsistencia a muitos dos meus vassallos, que por falta d'elles se entregariam aos vicios da ociosidade: e convindo remover todos os obstaculos que podem inutilisar e frustrar tão vantajosos proveitos: sou servido abolir e revogar toda e qualquer prohibição que haja a este respeito no Estado do Brazil e nos dominios ultramarinos, e ordenar que d'aqui em diante seja licito a qualquer dos meus vassallos, qualquer que seja o paiz em que habitem,. estabelecer todo o genero de manufacturas, sem exceptuar alguma, fazendo os seus trabalhos em pequeno ou em grande, como entenderem que mais lhes convém, para o que hei por bem derogar o alvará de cinco de Janeiro de mil setecentos oitenta e cinco, e quaesquer leis ou ordens que o contrario decidam, como se d'ellas fizesse expressa e individual menção, sem embargo da lei em contrario.

Pelo que mando ao presidente do meu real erario, governadores e capitães generaes e mais governadores do Estado do Brazil e dominios ultramarinos, e a todos os ministros de justiça e mais pessôas a quem o conhecimento d'este pertencer, cumpram e guardem, e façam inteiramente cumprir e guardar este meu alvará como n'elle se contém, sem embargo de quaesquer leis ou disposições em contrario, as quaes hei por derogadas para este effeito sómente, ficando aliás sempre em seu vigor. Dado no palacio do Rio de Janeiro em o primeiro de Abril de mil oitocentos e oito. — Principe. — Dom Fernando José de Portugal.

Alvará por que Vossa Alteza é servido revogar toda a prohibição que havia de fabricas e manufacturas no Estado do Brazil e dominios ultramarinos na fórma acima exposta. — Para Vossa Alteza Real ver. — João Alves de Miranda Varejão o fez. — Registado na secretaria d'Estado dos negocios do Brazil no livro primeiro de

leis, alvarás e cartas regias a folhas cinco. Rio de Janeiro em doze de Abril de mil oitocentos e oito. — Joaquim Antonio Lopes da Costa. — *Militão Joseph Alvares da Silva.*

BIOGRAPHIA

Dos Brazileiros distinctos por lettras, armas, virtudes, etc.

FR. MANOEL DE SANTA MARIA ITAPARICA.

Nasceu este cultor brazileiro das amenas lettras na ilha que lhe deu o sobrenome, fronteira á cidade da Bahia, e depois de feitos os seus primeiros estudos, professou no convento de Paraguassú em 2 de Julho de 1720, em idade de 16 annos, e alli exerceu com raro engenho o ministerio da prédica. « Foi destro cultivador das flôres do Parnaso, como se expressa Jaboatão; e dos fructos de seu trabalho se podiam ter colhido alguns volumes, se assim como se espalham por mãos particulares, se ajuntassem em um corpo. »

Compôz um poema, que foi impresso em um livro em 4. hoje rarissimo, de 128 paginas (além das quatro no principio), sem logar nem anno de impressão, e com o seguinte titulo no rosto: *Eustachidos. Poema sacro e tragicomico, em que se contém a vida de Santo Eustachio martyr, chamado antes Placido, e de sua mulher e filhos. Por um anonymo, natural da ilha de Itaparica, termo da cidade da Bahia. Dado á luz por um devoto do Santo.*

Copiamos textualmente o rosto inteiro do livro, o qual é todo em oitavas, e precedido do seguinte prologo:

« Amigo leitor, que tal te considero, pois abres livro de versos para ler, no que mostras que és inclinado a elles; porque só quem

sabe da arte a estima. Saberás que lendo eu nos meus primeiros annos a vida de Santo Eustachio, e considerando os periodos admiraveis d'ella, tive um grande desejo de a escrever em livro particular e em metro, cuja cadencia e consonancia causa mais deleitação aos leitores. Muitas vezes no decurso de minha vida quiz lançar fóra este pensamento, attendendo á minha insufficiencia e outras occupações, mais nunca o pude deixar em muitos annos, até que Deus foi servido que désse cumprimento ao meu desejo. Bem sei que repararás não declarar o meu nome, ao que respondo que não busco gloria para mim, mas só a accidental para o Santo, e mover aos que lerem á devoção, imitação, paciencia, fortaleza e conformidade nos contratempos e infortunios d'esta miseravel vida. Porém como sabes da minha patria, sendo esta uma pequena ilha com pouca ou nenhuma litteratura, com muita facilidade, se quizeres, pódes vir em conhecimento do auctor. — *Vale.* »

Por este final o poeta que, na parte da gloria que lhe caberia por esta composição, fez abnegação do seu nome em pró de todos os seus conterraneos, em renome da bahiana ilha sua natalicia, o proprio poeta, dizemos, consente que pela sua naturalidade o descubramos. Ora pois, as lettras, sobretudo as do principio do seculo passado, a que indubitavelmente pertence o livro por todos os indicios typographicos (*), não conhecem outro Itaparicano seu cultor, além do padre Jesuita Francisco de Souza, auctor da conhecida obra *O Oriente conquistado*, impressa em 1710, isto é, tres annos antes d'elle morrer. Remettendo para Barboza quem deseje saber a vida d'este filho de Santo Ignacio, nós aqui só teremos que ver com o *Anonymo itaparicano*, e com o conteúdo do livro a que nos estamos referindo.

Consta o poema *Eustachidos* de seis cantos, precedidos cada qual

(*) Na noticiosa collecção de *Apontamentos biographicos sobre a vida de varios Brazileiros illustres*, que foi legada ao Instituto pelo seu fallecido membro honorario o conselheiro Balthazar da Silva Lisboa, e da qual já fizemos menção no numero antecedente d'esta *Revista*, recordando o illustre auctor os escriptos de Fr. Manoel de Santa Maria Itaparica que chegaram ao seu conhecimento, falla com louvor do poema *Eustachidos*, cujo original vira, e affirma que fôra impresso em Lisboa.

de uma oitava por argumento. Não podemos deixar de crer que foi inspirado na idéa pela poema latino « *Eustaquius* » de *L'Abbé*, impresso em 1672. Chamam muito a nossa attenção as oitavas (13 a 22) do canto 5.°, em que o auctor se introduz na invenção d'um sonho, que faz narrar da maneira seguinte:

Em um vasto me achei e novo mundo
De nós desconhecido e ignorado,
Em cujas praias bate um mar profundo,
Nunca atégora de algum lenho arado:
O clima alegre, fertil e jucundo,
E o chão de arvores muitas povoado:
E no verdor das folhas julguei que era
Alli sempre continua a primavera.

D'ellas estavam pomos pendurados
Diversos na fragancia e na pintura,
Nem dos homens carecem ser plantados,
Mas agrestes se dão e sem cultura;
E entre os troncos muitos levantados,
Que ainda a phantasia me figura,
Havia um pão de tinta mui fecunda,
Transparente na côr, e rubicunda.

Passaros muitos de diversas côres
Se viam varias ondas transformando,
E dos troncos suavissimos licores
Em copia grande estavam dimanando:
Peixes vi na grandeza uperiores,
E animaes quadrupedes saltando,
A terra tem do metal loiro as vêas,
Que de alguns rios se acha nas arêas

E quando a vista estava apascentando
D'estas cousas na alegre formosura,
Um velho vi, que andava passeando
De desmarcada e incognita estatura;
Com sobresalto os olhos fui firmando
N'aquella sempre movel creatura,
E pareceu-me, se bem reparava,
Que varios rostos sempre me mostrava.

Tinha os cabellos brancos como a neve
Pela velhice muita carcomidos,
E só com pennas se trajava ao leve,
Porque lhe eram pesados mais vestidos;
Andava sempre mas com passo breve,
Posto que os pés trazia envelhecidos,
Um baculo em as mãos accommodava,
Do qual para o passeio se ajudava.

Fiquei d'esta visão maravilhado,
Como quem de taes monstros não sabia,
E logo perguntei sobresaltado
Quem era, que buscava, e que queria?
Elle virando o rosto remendado
Da côr da escura noite e claro dia,
Quem eu era, respondeu, quem procurava,
E que Postero, disse, se chamava.

Esta que vês (continuou dizendo)
Terra aos teus escondida e occultada,
Quando eu velho fôr mais envelhecendo
De um rei grande ha de ser avassallada:
Não te posso dizer o como: e sendo
Esta noticia a outros reservada,
Basta saberes que sem romper muros
Será, passados seculos futuros.

Porém isso não foi o que a buscar-te
Me moveu, e a fallar-te d'esta moda,
Mas de outra cousa venho a informar-te,
Que muito mais do que isto te accommoda:
Bem pódes começar d'ella a gozar-te,
Que para isso vou andando em roda,
E para que não estejas cuidadoso,
Quero dar-te a noticia presagioso.

N'aquella (e me mostrou uma grande ilha,
Formosa, fresca, fertil e aprasivel,
A quem Neptuno o seu tridente humilha,
Quando o rigor do Austro é mais sensivel)
Ha de vestír a pueril mantilha,
Depois de n'ella ter a aura visivel,
Um, que para que a ti versos ordene,
Ha de beber da fonte de Hippocrene.

Este pois lá n'um seculo futuro,
Posto que d'ella ausente e apartado,
Porque c'os filhos sempre foi perjuro
O patrio chão, e os trata sem agrado,
Por devoção intrinseca e amor puro,
Talvez do Deus, que adoras, inspirado,
De ti e d'esses dous d'essa pousada
Ha de cantar em lyra temperada.

No mesmo livro, e depois do poema, encontra-se a *Descripção da ilha de Itaparica, termo da cidade da Bahia, da qual se faz menção no canto quinto:* — titulo este que se lê em ar de rosto á pagina 105.

Na Relação panegyrica das exequias que a Bahia celebrou pela morte de D. João V existe um *Epigramma latino á morte do Rei Fidelissimo;* uma *Canção funebre ao mesmo assumpto;* e tres sonetos, um sobre as vozes tristes dos sinos, outro ao funebre estrondo da artilharia, e o terceiro á sentida morte d'El-Rei: composições todas estas do nosso poeta itaparicano.

Ajuntamos aqui á esta noticia o artigo bibliographico do abbade Barboza a respeito do outro Itaparicano

PADRE FRANCISCO DE SOUZA.

Natural da ilha de Itaparica, celebre pela pescaria das balêas, situada tres leguas defronte da cidade de S. Salvador da Bahia,

capital da America Portugueza. Pela viveza do engenho de que logo na puericia deu evidentes signaes recebeu em o noviciado de Gôa a roupeta de Jesuita, e passando logo a Portugal, partiu no anno de 1647 com outros companheiros d'este sagrado instituto para a India, onde aprendeu as sciencias amenas e severas, em que sahiu egregiamente versado, e se occupou no ministerio do pulpito, que lhe conciliou universaes applausos. Segunda vez voltou a este reino, d'onde embarcado em a náo *S. Pedro de Alcantara*, se restituiu no anno de 1665 ao Oriente. Havendo administrado por alguns annos com fervoroso zelo a vigararia da igreja de Nossa Senhora das Neves na ilha de Salsete, foi preposito da casa professa de Gôa, em cujo logar mostrou a summa prudencia de que era ornado, e deputado da Inquisição da mesma cidade, de que tomou posse a 9 de Agosto de 1700. Cheio de merecimentos e annos, que excediam de 81, falleceu no collegio de S. Paulo de Gôa no anno de 1713. — Compôz obrigado da obediencia imposta pelo geral o padre Tyrso Gonzalves:

« Oriente conquistado a Jesu Christo pelos padres da Companhia de Jesus da provincia de Gôa. Primeira parte, na qual se contém os primeiros vinte e dous annos d'esta provincia.—Lisboa, por Valentim da Costa Deslandes, impressor de Sua Magestade, 1710, fol.

« Oriente conquistado, &c. Segunda parte, na qual se contém o que se obrou desde o anno de 1564 até o anno de 1585. — Lisboa, pelo dito impressor, 1710, fol.

« Oriente conquistado, &c. Terceira parte. Conserva-se Ms. no collegio de S. Antão d'esta côrte: fol. »

N'esta obra se admiram felizmente unidas a clareza do methodo, a elegancia do estylo, e a sciencia da geographia e chronologia, partes constitutivas de uma perfeita historia, merecendo seu auctor pela exacta observancia com que praticou os seus preceitos ser collocado entre a classe dos seus mais insignes professores.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO.

Extracto das actas das sessões do 2.º trimestre de 1848.

187.ª SESSÃO EM 1 DE ABRIL DE 1848.

PRESIDENCIA DO EX.^{mo} SR. CONSELHEIRO CANDIDO JOSÉ DE ARAUJO VIANNA.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, o 2.º Secretario apresenta o expediente.

« Ill.^{mo} Sr. — Em resposta ao officio de V. S.ª de hontem tenho a honra de communicar-lhe que ficam dadas as ordens ao almoxarife do paço imperial da cidade para ser franqueada a sala do mesmo paço proxima ao passadiço para a sessão do Instituto Historico e Geographico Brazileiro no dia 6 do corrente mez; lembrando a V. S.ª que será conveniente prevenir as pessôas que tem de concorrer a este acto que devem dirigir-se pela porta immediata ao arco do passadiço do lado da esquina da rua da Cadêa, pela qual costumam entrar os membros do corpo diplomatico.

« Deus guarde a V. S.ª Paço em o 1.º d'Abril de 1848. — Ill.^{mo} Sr. Manoel Ferreira Lagos, 1.º Secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.— *José Maria Velho da Silva.* »

Por esta occasião participa o Ex.^{mo} Sr. Presidente que S. M. o Imperador se dignaria honrar com sua augusta presença a sobredita solemnidade do Instituto; e por isso apresentava o seguinte programma da sessão, organisado pela Mesa administrativa, como fôra resolvido:

Programma.

« SS. MM. II. serão recebidas na entrada do paço por todos os Srs. socios que se acharem presentes.

« Uma commissão de cinco membros receberá os Ex.^{mos} Srs. conselheiros d'Estado, ministros e secretarios de Estado e o Rev.^{mo} Sr. bispo capellão-mór, na sala immediata á da sessão, e os conduzirá ao logar que lhes compete.

« Outra commissão de tres membros receberá os Ex.^{mos} Srs. do corpo diplomatico á entrada da sala, e os acompanhará aos seus logares.

« Os Srs. socios do Instituto tomaráõ assento promiscuamente no lado esquerdo da sala, principiando da mesa em que devem estar os Presidentes, Secretarios e Orador.

« Os Ex.^{mos} Srs. ministros e conselheiros d'Estado tomaráõ assento no lado direito da sala, seguindo-se o Ex.^{mo} Sr. bispo capellão-mór, corpo diplomatico e consular, &c.; e todos os mais convidados d'ahi para baixo promiscuamente.

« Aberta a sessão pelo Ex.^{mo} Sr. Presidente conselheiro Candido José de Araujo Vianna, e depois da inauguração dos bustos, seguir-se-ha:

« 1.° Discurso official do orador do Instituto o Sr. Manoel de Araujo Porto Alegre.

« 2.° Elogio historico do marechal Raymundo José da Cunha Mattos, pelo socio correspondente o Sr. Francisco Manoel Rapozo de Almeida.

« 3.° Elogio historico do conego Januario da Cunha Barboza, pelo 2.° Secretario o Sr. Dr. Francisco de Paula Menezes.

« 4.° Discurso sobre a necessidade de se protegerem as sciencias, as lettras e as artes no Imperio do Brazil, pelo socio correspondente o Sr. conselheiro José Feliciano de Castilho.

« 5.° Canto inaugural dedicado á memoria do conego Januario da Cunha Barboza, pelo socio correspondente o Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva.

« 6.° Psalmo ao amor da gloria, pelo Secretario supplente o Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

« 7.° Canto inaugural pelo socio effectivo o Sr. Dr. Antonio Gonçalves Dias.

« 8.° Discurso do socio correspondente o Sr. Luiz Antonio de Castro.

« Finda a sessão, SS. MM. II. serão acompanhadas com as mesmas formalidades da sua entrada.

« *N. B.* Attendendo á dignidade do logar, e á augusta presença de SS. MM. II., roga-se aos Srs. socios e convidados hajam de apresentar-se segundo a etiqueta do paço nas audiencias, devendo comparecer ás quatro horas e meia; e á excepção dos socios, ninguem será admittido sem apresentar bilhete de convite. »

Finda a leitura do programma, passou-se á discussão de varios objectos e disposições relativas á solemnidade, e levantou-se a sessão ás 7 horas da noite.

188.ª SESSÃO EM 13 DE ABRIL DE 1848.

Presidencia do Ex.mo Sr. Conselheiro Candido José de Araujo Vianna.

Ás 5 horas da tarde, aberta a sessão na fórma do regimento, é lida e approvada a acta da antecedente.

Officio do Sr. His de Butenval, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de França, participando não poder assistir á solemnidade do dia 6 por se achar incommodado.

Leitura do seguinte officio do Sr. D. Andres Lamas, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Republica Oriental do Uruguay.

« Rio de Janeiro, 6 de Abril de 1848. — O estado de minha saude não me permitte de assistir hoje á sessão publica que celebra o Instituto Historico e Geographico Brazileiro para inaugurar os bustos de seus illustres fundadores, e para a qual tive a honra de ser convidado.

« Desejando porém manifestar o apreço em que tenho tão importante instituição, e os serviços que d'ella espero para a historia e a geographia americana, aproveito esta occasião para apresentar-lhe algumas Tabellas, ainda ineditas, sobre o movimento da povoação

de Montevidéo, capital da republica que represento n'esta côrte; e igualmente a copia em chumbo de uma medalha de prata, da qual ha poucos annos se descobriram por casualidade varios exemplares enterrados no solo da provincia argentina de Corrientes.

« Escolhi em minha collecção estes objectos, apezar de seu escacissimo valor, na supposição de que o Instituto ainda os não possuirá na sua; contando que essa illustre corporação não medirá o sentimento que me move a offerecel-os.

« Rogo ao Sr. Secretario do Instituto se digne apresentar-lhe esta minha communicação, e tenho o prazer de saudar-lhe com a minha mui distincta consideração.— *Andrés Lamas.* »

Recebido com muito especial agrado, votando agradecimentos o Instituto.

Lê-se proposta para entrada de um socio correspondente, e parecer da commissão de historia sobre admissão de outro na respectiva classe.

O Ex.mo Sr. Presidente propõe que a Mesa administrativa do Instituto, juntamente com alguns membros, se dirija em deputação a felicitar a S. M. o Imperador pelo feliz restabelecimento de sua preciosa saude, e ao mesmo tempo agradecer a subida honra que acabava de outorgar-lhe dignando-se com tanta benignidade de assistir á solemnidade da inauguração dos bustos dos fundadores d'esta sociedade. Applaudida por todos a idéa, o Ex.mo Sr. Presidente, nomeada a deputação, marca o dia seguinte ás 9 horas para ser realisada a proposta.

Levanta-se a sessão ás 7 horas e meia da noite.

189.ª SESSÃO EM 27 DE ABRIL DE 1848.

Presidencia do Ill.mo Sr. Dr. Francisco Freire Allemão.

Ás 6 horas da tarde começa a sessão sob a presidencia do Sr. Dr. Freire Allemão, e approvada a acta da sessão anterior, o 2.º Secretario, dando conta do expediente, lê o seguinte officio:

« Ill.^{mo} Sr. — Tendo eu escripto (quando empregado na secretaria do governo d'esta provincia) o mappa de todos os governadores e presidentes que tem ella tido, com notas dos serviços prestados pelos mesmos, o qual foi remettido ao Instituto Historico pelo Ex.^{mo} presidente o commendador Frederico Carneiro de Campos, e partindo este agora para essa côrte a tomar assento na camara quatriennal como digno representante, eu tenho a honra de me apressar em remetter a V. S.ª a *Exposição*, que o mesmo Ex.^{mo} Sr. apresentou ao vice-presidente, e um resumo dos bons serviços feitos por um tão prestante cidadão á esta mesma provincia, que muito lhe deve pela sua excellente administração, para que V. S.ª os addicione ao referido mappa.

« Fazendo esta remessa a V. S.ª julgo ter cumprido o dever de amizade e gratidão ao referido Ex.^{mo} Sr. Carneiro de Campos, e ao Instituto facilitado os meios de continuar um tão curioso mappa.

« Deus guarde a V. S.ª Parahyba do Norte 16 de Março de 1848. — Ill.^{mo} Sr. Manoel Ferreira Lagos, Secretario perpetuo do Instituto Historico. — *Manoel Caetano Vellozo.* »

Vota o Instituto agradecimentos ao Sr. Vellozo, e que o Sr. Secretario perpetuo lhe escreva para que continue a prestar os seus bons serviços á esta sociedade, remettendo da provincia onde se acha empregado todos os documentos historicos e geographicos que puder obter ácêrca do paiz.

O Sr. 1.º Secretario faz sciente ao Instituto que chegando-lhe a dolorosa noticia de haver fallecido o socio correspondente conselheiro Saturnino de Souza e Oliveira, em conformidade dos estatutos nomeára uma deputação de oito membros para assistir ao seu funeral no dia 19 de Abril, e que na occasião de baixar o cadaver á sepultura recitára o discurso abaixo transcripto, composto pelo orador do Instituto o Sr. Manoel de Araujo Porto Alegre, que por doente não pôde comparecer n'aquella ceremonia:

« A Divina Providencia acaba de desfechar um golpe terrivel sobre o infeliz e melancolico Brazil! É um castigo tremendo n'esta conjunctura a ausencia eterna de um cidadão, de um benemerito, como o que acabamos de perder.

« O conselheiro Saturnino de Souza e Oliveira desappareceu para sempre da lista dos vivos: uma grande orphandade na administração, na sociedade e nas lettras nos deixa a sua morte: são raros, nas épocas criticas, nas épocas de transições, os homens da sua tempera; são raros, nas quadras viciosas, no dominio de tantas mediocridades passageiras, os homens de uma intelligencia superior e de um coração leal.

« Do dia em que este distincto Brazileiro abriu seus olhos ao sol da patria, no mesmo logar onde nascêra o famoso poeta e orador S. Carlos, até á hora funesta em que os fechou para sempre, a sua vida, a sua passagem na terra, foi sellada com o cunho de um triumpho progressivo, victoriada pela sua alta intelligencia, e coroada pelo amor e amizade, que elle tão nobremente soube conquistar.

« O amor da patria, que é o amor da gloria, a ambição de um nome puro, foram o constante escopo de suas aspirações; estas nobres qualidades tão raras n'este nosso paiz.... tenho pejo de proseguir, para que não veja, ao sahir d'este recinto da morte, o desdem e o desprezo estampado na face de um homem que me diga:—és um louco, um estouvado sonhador: aquillo que tu, e outros como tu, costumam chamar a esteira do egoismo, não é mais que o sublime caracter d'este seculo de luzes: come e bebe da tua fé, e lega a teus filhos essa esperança futil que te encobrem as sombras do futuro.

« Sejamos sinceros n'este ensejo solemne, n'esta hora de lagrimas, e diante do cadaver de uma grande realidade; diante dos restos de um Brazileiro tão distincto, de um homem que era um visivel contraste dos vicios da época e de suas funestas consequencias.

« Ah! para elle se fechou o futuro d'essa patria, que elle tanto amou, e que tão bem serviu; para elle baixou o panno do proscenio das lagrimas e das angustias; para elle já desappareceu este mundo, que nós cada vez mais o tornamos insupportavel, e se lhe abriu a vida eterna e a paz celeste; invejemos a sua sorte: a lagrima da morte já rolou em seu rosto; e em nossos rostos muitas lagrimas hão de rolar ainda; o seu ultimo gemido foi repercutido pelo coração de seus amigos e de seus parentes; e os nossos? hão de ter éco em sete milhões

de homens, se Deus nos não illuminar, se Deus nos desamparar no meio de uma cegueira fatal, porque os nossos gemidos se assemelharão então aos arrancos medonhos do homem criminoso, do homem incredulo, do sceptico que vive no limbo escuro de seus remorsos, sem fé, sem a esperança de um Messias, de um verbo humanado que o venha regenerar.

« Não nos illudamos diante do altar da morte, diante d'esta terrivel realidade, que despedaça todos os anneis d'essa cadêa de palha e de fumo que cinge nossos delirios, e entrava o portico do mais brilhante futuro.

« Grandes da terra, potentados momentaneos, soberbos, egoistas e turbulentos ambiciosos, que vos resta depois do ultimo pulsar do vosso coração? Um dia de gozo ephemero, um minuto de vingança, acaso valem um seculo de ruinas e um mundo de maldições? Á sombra da injustiça lavra a corrupção que se emmaranha no porvir, tinge o horizonte da patria da côr do cháos. Os pomposos pergaminhos, os diplomas populares, o obolo de ouro, por quem tanto se ufana o homem, nada valem no momento em que elle deixa a mortalha de lodo para voar á eternidade. No passamento do christão, o anjo da morte não tem a barca do gentilismo, e não é um mercenario ostensor da eternidade; a virtude, a virtude sómente, é quem dirige o seu vôo ás regiões celestes, e o faz ser nosso guia n'esta viagem divina.

« Os ambiciosos e turbulentos deviam-se moderar diante do pensamento da morte, diante d'este espectaculo convincente, diante d'esta demonstração evidente, de que elles são tambem mortaes e membros passageiros de um corpo permanente e progressivo, cuja vida é a successão de muitas vidas, cuja familia é a união de todas as familias, e cujo nome é o nome solemne e magestoso da patria. A idéa da morte e a idéa sublime da patria os faria amar e engrandecer esse legado magestoso, essa mimosa preciosidade que herdaram de seus pais para a entregarem a seus filhos intacta, mais pura e engrandecida, porque seus filhos são tambem os herdeiros forçados d'esse futuro grandioso que aguarda a terra de Santa Cruz.

« Os homens de fé e de conselho, provados no meio das lutas e da

adversidade, não abundam no paiz, e vão desapparecendo repentinamente: é tempo de suster a torrente devastadora. O egoismo, o nefando egoismo, nos vai precipitando lentamente no barathro da indifferença, e d'ahi para a arena de uma medonha sevicia que nos retalha, que nos enfraquece e nos vai barbarisando, para entrarmos n'um tremendo holocausto.

« O idealista não teme o odio dos homens quando falla a verdade, porque tem o amor de Deus; não ama uma vida de amarguras, porque espera uma vida eterna e bemaventurada: a morte de Eleazar lhe é mais grata do que a fuga e o exicio de Absalon; para elle ha um dia em que o patibulo é um throno, a mortalha a purpura, e sete palmos de terra um universo!

« Honra á memoria do homem que acompanhamos até á ultima morada, honra á memoria do nosso finado consocio, gloria ao seu nome puro, que surge agora a confundir seus desgraçados detractores com o exemplo de sua vida honesta, com a demonstração de suas mãos purissimas, e com o galardão de haver sido um apostolo da mais nobre propaganda, e um guarda vigilante da unidade do Imperio.

« O Brazil perdeu n'elle um grande sustentaculo do throno, o parlamento um membro esclarecido, o governo um habil administrador, a sociedade um homem honrado, a familia um modelo de doçura e de generosidade, e as lettras e as sciencias um cultor intelligente.

« As impressões fornecidas pela imprudencia de indiscretos novelleiros, a propalação de infundados boatos, e as trevas que sua imaginação ardente agglomerou no leito das dôres, no seu futuro e no futuro da patria, e sobretudo aquelle justo temor de que nos achamos possuidos n'esta escola de transições inexplicaveis, foram de alguma maneira causa do gravame de sua enfermidade; juntai ás causas apparentes um oceano de injustiças e calumnias que no homem de bem se revolve do coração á mente, e da mente ao coração, e vereis que esta illustre victima da morte tambem foi sacrificada no altar da patria.

« Deus, para elle, já fez parar o carro tormentoso que rola com

estrondo medonho no horizonte da vida; para elle cessaram essas lutas que tanto nos degradam, que parecem interminaveis, que começam na mocidade para findarem na sepultura: hontem, no fatal momento, se abriu a justiça para a sua memoria, e de hoje em diante os seus invejosos, os seus desgraçados inimigos, mudarão de linguagem, e virão juntar-se á multidão de seus admiradores, sendo um éco dos seus amigos: tal é a miseravel condição dos homens degenerados.

« E eis-aqui perdidos para sempre tantos talentos, e quasi meio seculo de amor e de virtudes; e no momento em que elle havia madurado tanto trabalho, e estava destinado a se mostrar mais grande, mais independente, no meio do illutre senado brazileiro.

« Deus, sómente Deus, é quem póde dizer ao homem: « inspira-te, sê sabio, e vai percorrer a terra com a luz do engenho, e com a sabedoria que te infundiu a minha sabedoria; » mas este milagre só é operado de seculos a seculos, só é realisado nos momentos em que a humanidade precisa de um piloto que a livre do naufragio, e a colloque na esteira luminosa da razão.

« Na nossa pobreza de homens eminentes, devemos chorar estas perdas; e muito mais, porque ainda a maior parte do Brazil ignora que o throno da intelligencia, que a nobreza do talento, que a magestade do engenho, tem a sua origem no céo, e o seu apanagio no tempo; e que as virtudes e o estudo são capitaes de um valor incalculavel, e difficeis de accumular.

« O conselheiro Saturnino faz falta: era um homem completo pela madureza de sua razão, justo pela clareza do seu juizo, illustrado pela sua vasta comprehensão, util pela longa practica dos negocios publicos, estimavel pela firmeza do seu coração angelico, e inapreciavel pela intuição rapida de suas vistas, e pelas harmonias com que Deus dotára sua alma energica e amorosa: ainda em seu peito o enthusiasmo precedia ao calculo, o bem publico á propria conveniencia, e a justiça ao patronato: tudo n'elle era nobre, igual e progressivo.

« No seminario de S. José, em Coimbra, na banca do advogado,

na presidencia do Rio Grande, na alfandega, e no ministerio sempre se mostrou uma nobre intelligencia; e como representante da nação foi o que todos vimos, o que todos admirámos: a sua pericia conquistou-lhe o maior premio que a patria póde dar a um cidadão, e o monarcha a um subdito: foi eleito senador do Imperio por esta magnifica provincia, que o viu nascer, e que o viu morrer tão prematuramente.

« No meio da mais lisongeira estrada da esperança findou este illustre Brazileiro: a grão-cruz com que o honrára o rei da Grecia se transformou n'uma facha do seu sudario, e a cadeira que lhe estava reservada no alto recinto dos anciões da patria, se converteu no ataúde funéreo que o encerra. Deus assim o determinou; curvemo-nos, com as lagrimas nos olhos, diante dos seus sabios decretos.

« A patria, as sciencias, as musas e o Instituto Historico e Geographico Brazileiro choram por elle, e conservarão seu nome com uma eterna saudade.

« A terra lhe seja leve. »

O Instituto ouve silencioso e com profunda dôr a leitura d'este discurso, finda a qual o Sr. conselheiro Castilho pondera a conveniencia de se dar cumprimento, o mais breve possivel, á resolução tomada pela sociedade de celebrar uma sessão funebre por todos os socios que fallecerem; e propõe que na mesma solemnidade proxima, em que deve ser pranteada a perda do 2.° Secretario Santiago Nunes Ribeiro, seja tambem commemorada a memoria do conselheiro Oliveira.

O Sr. 1.° Secretario, approvando a proposta, apresenta uma emenda para que na mesma reunião sejam tambem comprehendidos os finados socios major Julio Frederico Koeller, D. Florencio Varela (de Montevidéo), e John Quincy Adams, ex-presidente dos Estados Unidos da America.

Suscita-se a questão — se cada membro deve ser commemorado em uma reunião especial, ou se convirá reunir alguns para cada acto. — Depois de longo discutir, vota o Instituto que no fim de todos os tres mezes tenha logar uma sessão funebre pelos socios que

fallecerem durante o trimestre; e deixando ao arbitrio do Ex.^{mo} Sr. Presidente marcar na proxima sessão o dia da primeira ceremonia funebre, na qual se comprehenderáõ os cinco academicos acima mencionados, desde logo encarrega ao Sr. Dr. Sigaud de apresentar o elogio do socio D. Florencio Varela.

Na mesma occasião resolve ainda o Instituto que a ordem da leitura dos elogios seja a do fallecimento d'aquelles sobre quem versarem.

Levanta-se a sessão ás 7 horas e meia.

190.ª SESSÃO EM 4 DE MAIO DE 1848.

Presidencia do Ill.^{mo} Sr. Manoel Ferreira Lagos.

Ás 6 horas da tarde, achando-se presentes varios socios, e não tendo comparecido por motivo de molestia o Ex.^{mo} Sr. Presidente, na conformidade dos estatutos o Sr. 1.° Secretario occupa a cadeira da presidencia.

Approvada a acta da sessão anterior, passa-se á leitura do expediente.

Officio do socio correspondente o Sr. Dr. Bernardo de Souza Franco, remettendo dous exemplares do opusculo que ultimamente publicou sobre os *Bancos do Brazil*, por persuadir-se que em alguma de suas partes poderá ser de interesse ao Instituto. — Recebidos com especial agrado.

Apresentação de uma proposta para serem admittidos quatro membros correspondentes na classe historica: á respectiva commissão.

O Sr. Presidente interino, depois de haver ponderado que algumas disposições do Instituto não tem sido cumpridas, apezar de serem de maxima importancia, lembra a conveniencia de se dar prompta e satisfactoria execução á proposta approvada na sessão de 17 de Agosto

de 1840, a fim de crear-se no Instituto um livro com o titulo de *Chronica do Senhor Dom Pedro II*, e uma commissão de tres membros encarregada de colligir e coordenar os factos mais notaveis occorridos durante o anno, para os apresentar de seis em seis mezes em sessão da sociedade, e serem transcriptos no dito livro, na parte e pela fórma que esta determinar, procedendo-se de maneira que sempre a historia de um anno fique consignada na *Chronica* dentro do seguinte. Propõe, para facilitar o trabalho, que se nomeie uma commissão para compilar os factos desde 1840, segundo as vistas da proposta, até o fim de 1847; e outra que se incumba do corrente anno inclusivè em diante. — Sobre a mesa para ser discutida na sessão proxima.

O Sr. Dr. Lapa lê um parecer da commissão de historia sobre a admissão como socio correspondente do Sr. Dr. Adriano Ernesto de Castilho, o qual é approvado.

Levanta-se a sessão ás 7 horas da noite.

191.ª SESSÃO EM 18 DE MAIO DE 1848.

PRESIDENCIA DO ILL.mo SR. MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

Abre-se a sessão ás 6 horas da tarde, e approvada a acta da antecedente, faz-se leitura do expediente.

O socio correspondente Sr. Dr. Ricardo José Gomes Jardim, ex-presidente da provincia de Mato Grosso, offerece ao Instituto o catalogo dos governadores, capitães generaes e presidentes que tem tido aquella provincia desde sua creação até hoje, acompanhado de notas sobre o que cada um d'elles fez de mais notavel: e igualmente copia de um officio que em 1846 dirigiu ao governo ácêrca da creação da directoria dos Indios. — Foram estes dous trabalhos remettidos ao redactor da *Revista*, a fim de serem opportunamente publicados.

Recebe tambem o Instituto do Sr. Dr. Cesario Eugenio Gomes de Araujo uma memoria, por elle escripta, sobre a cidade de Angra

dos Reis: á commissão de historia para emittir o seu juizo a respeito.

O Instituto nomeia uma commissão de tres membros para em seu nome ir visitar ao Ex.^{mo} Sr. Presidente conselheiro Candido José de Araujo Vianna, que se acha gravemente enfermo.

O Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo apresenta uma indicação para que o Instituto, tendo em consideração os relevantissimos serviços prestados ao Brazil na época da independencia e em outras pelo Sr. conselheiro José Joaquim da Rocha, e attendendo mais ao triste estado a que o tem levado as suas ultimas enfermidades, a ponto de se achar já cego, faça chegar ao corpo legislativo uma exposição dos sobreditos serviços, por ter cabimento na actualidade em que o Governo Imperial acaba de propôr uma pensão para tão benemerito cidadão. — Depois de discutida foi unanimemente approvada, encarregando o Instituto aos Srs. Porto-Alegre e Dr. Macedo de redigirem a exposição que deve subir ás camaras legislativas.

Levanta-se a sessão ás 7 horas e meia.

192.ª SESSÃO EM 25 DE MAIO DE 1848.

Presidencia do Ill.^{mo} Sr. Manoel de Araujo Porto-alegre.

Depois de approvada a acta da sessão anterior, passa o 2.º Secretario a dar conta do expediente, e por essa occasião communica haver recebido das secretarias d'Estado do Imperio os Relatorios apresentados no corrente anno as camaras legislativas pelos repectivos ministros, assim como os balanços da receita e despeza.

O Sr. conselheiro José Feliciano de Castilho offerece ao Instituto, com a condição de ser publicado na sua *Revista*, um manuscripto em latim, tendo por titulo: *De œcumenici, vel generalis, concilii actuali necessitate per Francorum revolutionem demonstrata.* « Este importante trabalho, expressa-se o Sr. Castilho, é producção da penna do erudito bispo de Cochim, fallecido no Brazil: a sua

politica está em perfeita relação ás nossas cousas, e o seu merito avulta ainda mais por ser traçado com a maior correcção e pureza d'aquella lingua, como todos os escriptos de tão sabio prelado; e por isso creio esta acquisição valiosa, e que muito conviria ser dada á luz quanto antes, no caso do Instituto assim o approvar. »

O Ill.mo Sr. Presidente nomeia aos Srs. Dr. Joaquim Caetano da Silva e Fr. Rodrigo de S. José, para emittirem o seu juizo ácêrca do valor do codice offertado, e da conveniencia da sua publicação.

O mesmo Sr. conselheiro Castilho pede ao Instituto, á vista de razões apresentadas, que o dispense de apresentar o elogio historico do fallecido membro correspondente John Quincy Adams: é concedida a dispensa, e nomeado para o substituir o socio effectivo Sr. conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro.

Vota tambem o Instituto que se incumba ao Sr. Dr. Lallemant do elogio do finado socio o major Julio Frederico Koeller.

Depois da discussão de varios artigos relativos a objectos economicos, levanta-se a sessão ás 7 horas da noite.

193.ª SESSÃO EM 15 DE JUNHO DE 1848.

Presidencia do Ill.mo Sr. Manoel de Araujo Porto-alegre.

Depois de approvada, na fórma do estylo, a acta da sessão anterior, começa o expediente pela leitura do seguinte officio:

« Ill.mo Sr. — Penhorado com o officio que V. S.ª me endereçou em 15 de Abril do anno proximo passado, aguardei o final resultado de minhas reiteradas explorações por logares totalmente desconhecidos, a fim de cumprir a promessa que havia feito ao nosso Instituto Historico Brazileiro, que tanto interesse toma em derramar no seio d'esta nação nova e gigantesca aquellas noticias que até agora estavam envolvidas em um véo quasi impenetravel. As explorações até o numero 5 constantes do *Itinerario* incluso, escripto pelo Sr. João Henrique Elliot, cidadão do Norte America, que por meu engaja-

mento tem acompanhado as escoltas commandadas pelo sertanista Joaquim Francisco Lopes, com quanto pareçam de menos interesse, descrevem comtudo o principio e toda a marcha que foi preciso encetar a fim de obter o resultado a que me propuz — de descobrir uma via de communicação mais curta e segura d'esta provincia de S. Paulo para o Baixo Paraguay na provincia de Mato Grosso; e me ufano de que minha bandeira exploradora penetrasse esses decantados sertões do rio Tibagy, e pizasse nos terrenos onde n'outros tempos fundaram os Hespanhóes a cidade de Xerez e outras povoações dentro dos limites do Brazil, e que as abandonaram em 1648, o que vai minuciosamente descripto na sexta exploração constante do mencionado *Itinerario*, que n'esta parte me parece ser mais interessante.

« No fim d'elle vai descripto o roteiro comparado com o do Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, pelo qual se vê n'um ponto de vista as vantagens d'esta nova descoberta, e para melhor intelligencia o mappa, que mostra de alguma maneira toda a direcção d'essas explorações, e alguns pontos que não vejo mencionados nos mappas do Brazil.

« D'esta maneira ficam patentes ao governo e aos nossos concidadãos os escondrijos que occultavam asperrimos sertões, o que facilitará os meios de se aproveitarem as melhores terras do Brazil para colonias agricolas, por serem todas cortadas por soberbos rios e seus tributarios.

« Essa rica provincia de Mato Grosso, que tantos productos naturaes tem para exportar, fica habilitada para melhorar sua sorte, estreitando os laços com a familia brazileira, com quem permutará os generos de que é fertil seu solo vivificado por um clima productor.

« Outra vantagem é a facilidade com que o governo poderá fazer respeitar nosso territorio nas fronteiras com Chiquitos e Bolivia, que já nos tem querido disputar contando talvez com o custoso de nossos recursos para rebater quaesquer tentativas; e finalmente o contacto em que ficamos com o Estado Paraguayo, conforme se vê descripto no fim do roteiro. Todos estes motivos me induziram a emprehender

taes explorações, para de alguma maneira ser util á nossa cara patria, que tudo merece de seus filhos.

« Se o nosso Instituto Historico se dignar aceitar esta minha offerta, penhorará um fraco socio, que muito se ufana por fazer parte de tão brilhante corporação, e que jámais deixará de lhe apresentar os fructos de suas fadigas para d'elles se escolher o que fôr util e que mereça publicidade.

« Deus guarde a V. S.ª Fazenda de Perituva, 18 de Abril de 1848. — Ill.mo Sr. Manoel Ferreira Lagos, 1.º Secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. — *Barão d'Antonina.* »

Recebendo com o devido apreço o sobredito *Itinerario*, vota o Instituto que elle seja publicado quanto antes na *Revista trimensal*, e que o Sr. Secretario perpetuo agradeça ao Ex.mo Sr. barão d'Antonina a sua preciosa offerta, fazendo-lhe sciente que anciosamente aguarda o Instituto o resultado das novas indagações que o mesmo Sr. barão tambem communica haver mandado fazer para descobrir o logar onde existiu a cidade de Xerez.

Officio do socio correspondente o Sr. coronel Antonio Ladisláo Monteiro Baena, offerecendo ao Instituto um trabalho de sua penna sobre a communicação mercantil entre a provincia do Pará e a de Goyaz. É recebido com muito especial agrado, e ordena o Instituto que seja impresso no seu periodico.

Resolve tambem o Instituto que seja depositado em sua bibliotheca o opusculo do mesmo Sr. Baena ultimamente dado á luz no Maranhão com o titulo de *Proposições resumidas dos principios em que se estriba o direito das sociedades civis.*

Recebe outrosim o Instituto do Sr. Dr. Sigaud o *Auto-biographia* de D. Florencio Varela, acompanhado do fac-simile da sua lettra e de alguns apontamentos sobre sua pessôa.

Foram approvados membros correspondentes, na fórma dos estatutos, os Srs.: bisbo dos Açores D. Fr. Estevão de Jesus Maria; commendador Bernardino José de Lessa Freitas, residente na ilha de S. Miguel, auctor de varios escriptos sobre historia e geographia

açoriana; Dr. Antonio Moniz Barreto Corte Real, morador na Ilha Terceira, auctor das *Bellezas de Coimbra*, e redactor de varios jornaes litterarios; padre mestre Jeronymo Emiliano de Andrade, auctor da *Topographia historica e geographica da Ilha Terceira;* e D. José Maria Corrêa de Lacerda, litterato e publicista bem conhecido, residente em Lisboa: propostos pelo Sr. Francisco Manoel Rapozo de Almeida.

Não havendo mais nada a tratar, o Ill.^{mo} Sr. Presidente encerra a sessão.